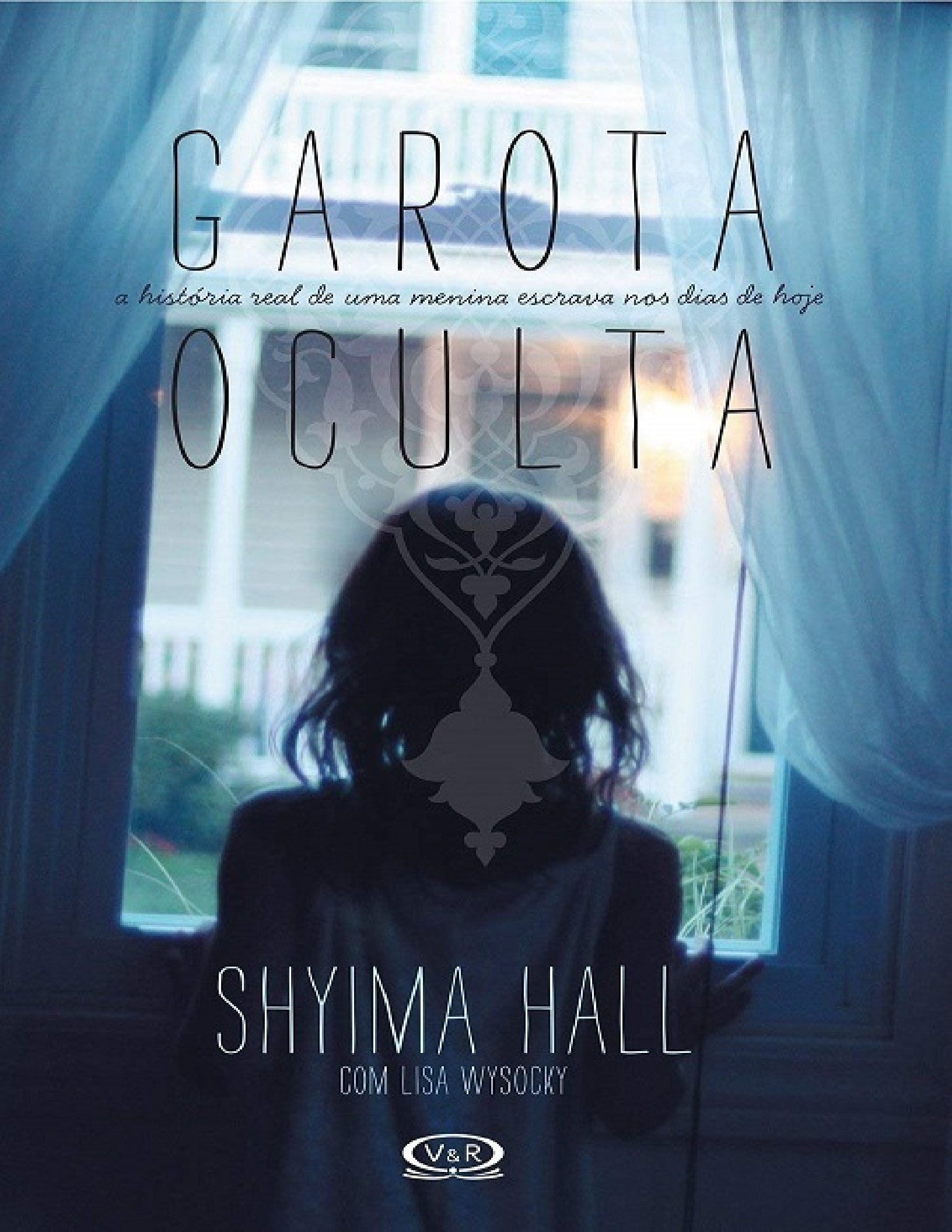
GAROTA OCULTA
a história real de uma menina escrava nos dias de hoje
SHYIMA HALL
COM LISA WYSOCKY
V&R

GAROTA OCULTA

GAROTA OCULTA

a história real de uma menina escrava nos dias de hoje

SHYIMA HALL
COM LISA WYSOCKY

V&R EDITORAS

Este livro é uma autobiografia. Ele reflete as atuais lembranças da autora sobre suas experiências ao longo de anos. Alguns nomes e detalhes que pudessem levar à identificação de pessoas foram alterados, e alguns diálogos foram recriados pela memória.

Edição: Flavia Lago
Editora-assistente: Thaíse Costa Macêdo
Tradução: Fabricio Waltrick
Preparação: Maurício Katayama
Revisão: Flávia Yacubian e Natália Chagas Máximo
Diagramação: Juliana Pellegrini
Capa: Lucy Ruth Cummins
Imagem da capa: © Sandy Honig, 2014

Título original: *Hidden Girl: The True Story of a Modern-day Child Slave*

© Copyright Shyima Hall, 2014
Publicado originalmente em 2014 pela Simon & Schuster Children's Publishing Division. Direitos de tradução geridos por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

© 2014 Vergara & Riba Editoras S/A
vreditoras.com.br

Todos os direitos reservados. Proibidos, dentro dos limites estabelecidos pela lei, a reprodução total ou parcial desta obra, o armazenamento ou a transmissão por meios eletrônicos ou mecânicos, fotocópias ou qualquer outra forma de cessão da mesma, sem prévia autorização escrita das editoras.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
editoras@vreditoras.com.br

ISBN 978-85-7683-801-2

Impressão e acabamento: Intergraf
Impresso no Brasil • Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Hall, Shyima

Garota oculta: a história real de uma menina escrava nos dias de hoje/Shyima Hall; [tradução Fabricio Waltrick]. – São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2014.

Título original: Hidden girl: the true story of a modern-day child slave.

Índices para catálogo sistemático:
1. Crianças: Maus tratos: Problemas sociais 362.77

ISBN 978-85-7683-801-2

1. Crianças - Abuso - Estados Unidos - Literatura juvenil 2. Escravidão infantil - Estados Unidos - Literatura juvenil 3. Escravidão infantil - Literatura juvenil 4. Histórias de vida 5. Pais adotivos - Estados Unidos - Literatura juvenil I. Título.

14-12975 CDD-362.77

Para Mark Abend, por me ajudar a seguir a vida nos Estados Unidos, pelo apoio na minha conscientização sobre os direitos humanos fundamentais, e pelo empenho em acabar com a escravidão no mundo.

Shyima Hall

CAPÍTULO UM

Todo mundo tem um momento decisivo na vida. Para alguns, é o dia em que se casam ou em que têm um filho. Para outros, é quando finalmente atingem um objetivo muito almejado. Minha vida, no entanto, mudou drasticamente de rumo no dia em que meus pais me venderam como escrava. Eu tinha 8 anos.

Antes daquele dia fatídico, eu era uma criança normal de uma família grande em uma pequena cidade próxima a Alexandria, no Egito. Crescer em um bairro carente no Egito não é nada parecido com a vida que as crianças levam nos Estados Unidos. Minha família era bem pobre, como muitas na comunidade em que fui criada. Eu era a sétima de 11 filhos, alguns deles bem mais velhos. Até hoje não consigo lembrar o nome de todos os meus irmãos e irmãs.

Quando eu era pequena, nos mudamos muitas vezes, mas o último lugar em que morei com minha família foi o nosso apartamento no primeiro andar de um prédio no centro da cidade. Era minúsculo: apenas dois cômodos que dividíamos com outras duas famílias. Não havia espaço para que todos ficassem ali dentro durante o dia. À noite, nossa família ficava em um quarto, enquanto as outras duas dividiam o segundo cômodo. Como não tínhamos dinheiro suficiente para comprar camas, dormíamos sobre as cobertas no chão. Havia um banheiro para todo mundo – incluindo as pessoas que viviam nos outros três apartamentos do prédio.

Sei que meus pais haviam sido felizes em algum momento – eu tinha visto fotos deles rindo na praia e se abraçando, tiradas nos primeiros anos de casamento. Os pais que eu conheci, no entanto, não se falavam. Em vez disso, eles gritavam. E nunca os vi de mãos dadas ou abraçados.

Meu pai trabalhava na construção civil, possivelmente como pedreiro, mas ficava longe de casa por semanas. Quando ele

aparecia, agia de um jeito que (agora eu percebo) era abusivo. Ele era um homem barulhento, irritadiço, agressivo e imprudente, que batia na gente sempre que estava aborrecido – o que era bem frequente. No fim, meu pai passava mais tempo na casa da mãe dele, mas isso não era necessariamente ruim, pois a vida era mais tranquila quando ele não estava por perto.

Havia também bons momentos com nosso pai, apesar de ele nos bater. Muitas vezes, ele me tomou em seus braços e me disse como era sortudo por ter a mim. Era em momentos assim que me sentia completamente amada, e que o amor pelo meu pai se fortalecia.

Mas ele passou a ostentar outras mulheres na nossa frente, e na frente da minha mãe. Fora de casa já o tínhamos visto com outras. Mesmo sendo bem pequena, eu sabia instintivamente que aquilo era errado. Além disso, eu via o contorno sombrio na boca e a tristeza nos olhos da minha mãe. Na vizinhança, infelizmente, havia inúmeras mulheres que não viam nada de mais em ter momentos íntimos com o marido de outra. Eu percebia que a maioria dos homens agia como meu pai. Acho triste que aquele tipo de comportamento fosse aceito.

Toda vez que meu pai chegava em casa, eu torcia para que tivesse mudado, mas ele continuava igual. Eu odiava acordar de manhã com os meus pais brigando, por isso não fiquei muito triste quando ele nos deixou e voltou para a casa da mãe dele.

Eu não gostava da mãe do meu pai, porque ela era tão maldosa e amarga quanto ele. Não conheci bem o resto da família para saber se todos eram assim. Eles não gostavam da minha mãe e raramente nos visitavam. Nas poucas vezes em que fomos à casa da mãe dele, minha avó lhe perguntava, na nossa frente, sobre outras mulheres com quem ele estava saindo, e fazia questão de nos falar como nossa mãe era terrível, mesmo quando ela estava presente. Nunca entendi isso, pois minha mãe era nosso alicerce. Ela era a espinha dorsal da família e quem garantia as poucas roupas e a comida que tínhamos.

Não sei por que minha mãe se casou com meu pai. Nenhuma das famílias aprovava a união, embora, nos primeiros anos, eles levassem uma vida boa, próximos à família da minha mãe, em Alexandria. Eles tinham uma bela casa, quatro filhos e estavam apaixonados. Então veio um terremoto, e tudo o que eles possuíam se reduziu a escombros. Meus pais não tiveram força para superar aquele grau de desastre, uma vez que nunca mais conseguiram reconstruir suas vidas. Tudo seguiu ladeira abaixo. No momento em que vim ao mundo, em 29 de setembro de 1989, minha família vivia na pobreza, morando em uma favela.

Quando eu era pequena, minha mãe vivia doente, cansada e grávida. Mais tarde, na minha adolescência, fui diagnosticada com artrite reumatoide (AR), e acredito que minha mãe tenha tido isso também, pois a genética tem um papel importante para quem desenvolve a AR.

Artrite reumatoide é uma doença crônica e autoimune que causa a inflamação das articulações e dos tecidos em torno delas. Pulsos, dedos, joelhos, pés e tornozelos são geralmente os mais afetados, mas a AR pode atingir órgãos também. A doença começa devagar, normalmente com uma pequena dor e rigidez nas articulações, além de fadiga. A rigidez matinal é comum, e pode-se sentir calor, sensibilidade e inflexibilidade nas articulações quando elas não são movimentadas por algum tempo. Não é uma doença fácil de conviver, e deve ter sido ainda mais difícil para minha mãe, que tinha poucos recursos e também precisava cuidar de seus vários filhos.

No Egito, muitas crianças não vão à escola. A lei permite que, ao completar 14 anos, elas deixem os estudos e comecem a trabalhar. Somente as famílias que precisam de dinheiro obrigam seus filhos a trabalhar nessa idade. Já nas famílias em maior dificuldade, eles nem chegam a estudar. Nós éramos uma dessas famílias. Eu nunca fui à escola e não aprendi a ler nem a escrever (só fui fazer isso

muito tempo depois, ao ser libertada). Eu tinha quatro irmãos mais novos e cuidava deles enquanto meus pais estavam trabalhando.

Que eu saiba, apenas uma das minhas irmãs frequentou a escola. Ela era a quarta criança da família e foi criada pelos pais da minha mãe. Eu nunca a via, exceto nas férias. Essa irmã levou uma vida completamente diferente do resto de nós. Ela chegou até a ir para a faculdade, o que era algo raro no Egito para pessoas na nossa situação. Não sei ao certo por que ela vivia com nossos avós, mas talvez tenha sido por ela ser a caçula na época em que o terremoto aconteceu. Talvez meus avós tenham se oferecido para cuidar dela temporariamente, só enquanto meus pais se reorganizavam, e a situação acabou se tornando permanente.

Entre os meus irmãos, duas meninas gêmeas eram as mais velhas. Uma nos deixou cedo para se casar, e nunca mais a vi depois disso. Foi como se ela tivesse aproveitado a primeira oportunidade para escapar da família. A outra gêmea, Zahra, era a rebelde da casa. Ela estava sempre se metendo em encrenca. Deve ter sido por isso que meus pais a mandaram trabalhar para uma família rica que vivia a muitas horas dali.

Quanto aos meus irmãos homens, não sei ao certo o que eles faziam. Sei que alguns dos mais velhos estudavam, pois de manhã eles se levantavam, pegavam seus livros e andavam até a escola, que não era muito longe de casa. Pelo menos isso é o que eu acho que eles faziam na maior parte dos dias. Em outros, talvez arrumassem trabalho ou ficassem enchendo a cara em uma esquina qualquer. Bem que eu poderia ter pedido aos meus irmãos para me ensinar a ler e a escrever, mas, por algum motivo, essa ideia nunca passou pela minha cabeça.

Meu irmão mais velho, Hassan, nasceu depois das gêmeas e antes da irmã que foi morar com os nossos avós. Sei o seu nome porque esse era o meu sobrenome de nascença. Nasci Shyima El-Sayed Hassan, e meu irmão, Hassan Hassan. “El-Sayed” era o sobrenome de solteira da minha mãe – no Egito, era comum usar o

sobrenome de solteira da mãe como o nome do meio do filho. Lamento dizer que, embora pudesse arriscar um palpite, não tenho cem por cento de certeza sobre o nome dos meus outros irmãos.

Sei que, depois da irmã que foi morar com os avós e antes de mim, vieram dois meninos. Eles eram meus irmãos, mas eu não gostava muito deles. Eu era nova demais para conhecer bem o Hassan, mas aqueles dois garotos estavam se tornando iguais ao pai. Eram grosseiros, barulhentos e reclamões, mas minha maior lembrança deles é que, sempre que reparavam em mim, vinham com toques inapropriados.

Ninguém jamais tinha me falado para não deixar os outros tocarem minhas partes íntimas. Na verdade, nem tinha certeza de que era errado o que os meus irmãos faziam. Não sei direito quando começou; talvez quando eu tinha uns 5 ou 6 anos. Os toques me faziam sentir mal por dentro, então eu evitava aqueles dois sempre que podia. Nunca soube se minha mãe tinha ideia do que eles estavam fazendo, mas acho que não. Não contei a ela, porque não sabia que era errado. Relações familiares eram coisas obscuras para mim, e eu não sabia nada sobre estabelecer limites.

Desde então, eu me pergunto se eles chegaram a tocar alguma das minhas irmãs mais novas, depois que fui embora. Minhas irmãs mais velhas tinham idade suficiente – e não ficavam em casa o suficiente – para não deixá-los se aproveitar delas. Pelo menos eu torço para que fosse desse jeito. Mas é esse o segredo dos agressores: eles escolhem as pessoas mais vulneráveis.

No entanto, certa vez, um dos meus irmãos me salvou. Eu tinha uns 7 anos. A gente estava brincando sobre uns fardos de feno, empilhados perto de casa. Eu estava descalça e, quando pulei do feno para o chão, pisei em uma lâmina de vidro, decepando todos os dedos do meu pé direito. Eu devia estar em choque. Nem tinha percebido aquilo até um garoto perguntar:

– Ei, o que aconteceu com o seu pé?

Naquele momento, ainda havia pouco sangue. Às vezes, no caso de amputações, o corpo passa por um choque tão grande que desvia o sangue daquela área por um tempo. Aparentemente, foi o que aconteceu comigo.

Uma das coisas mais estranhas dessa história é que eu não entrei em pânico. Após o acidente, voltei lá e recolhi meus dedos. Então, um garoto da vizinhança me pegou e me levou até meu irmão, que me colocou num tipo de maca. Essas “macas” eram um meio de transporte comum na nossa cidade.

Não senti nada até as pessoas que me carregavam na maca partirem para o hospital. Aí o sangue começou a jorrar e eu fiquei petrificada de medo e dor. As únicas coisas que ainda lembro do hospital são a cama onde deitei e de estar em um quarto fechado, e não ao ar livre. A cirurgia para recolocar os dedos também permanece na minha memória, já que foi feita sem anestesia. Você pode imaginar a dor! Uma enfermeira segurava meu corpo, que se contorcia, enquanto os médicos trabalhavam no meu pé. Seus rostos estavam cobertos por máscaras, por isso não pude ver nada além da preocupação em seus olhos.

Eu estava com muito medo de morrer. A dor durante o procedimento foi de longe a maior que já tinha sentido na vida, e depois, quando vi a quantidade assustadora de sangue nas toalhas cirúrgicas usadas na operação, quase desmaiei.

Logo após a cirurgia fui para casa, apesar de não saber exatamente como tinha chegado ali. E então fiquei de repouso, mantendo os pés para cima, por um longo tempo. Quando comecei a andar de novo, meu pai disse:

– Quer perder seus dedos outra vez? Eles não sararam. Sente-se.

O fato de aquelas palavras terem se gravado em minha mente é um sinal de que, naquela época, meu pai estava em casa parte do tempo. Sei que minha mãe trocou as ataduras do meu pé muitas vezes. Devo ter retornado ao médico para tirar os pontos, mas essa

parte eu não lembro. Hoje tenho todos os dedos do pé, mas só dois deles funcionam normalmente – meu dedão e o dedo ao lado.

Minha vida no Egito era assim: felicidade simples interrompida por uma tragédia inimaginável. Era um mundo inseguro. Mas era o meu lar.

•••

Embora não fosse muito ligada aos meus irmãos mais velhos, eu adorava os mais novos. De idade próxima à minha havia um menino, depois uma menina, um outro garoto e, por fim, minha irmãzinha. Quando os três primeiros dos meus quatro irmãos mais novos nasceram, uma parteira foi chamada, e o resto de nós precisou sair do quarto. Mas, quando minha irmãzinha veio ao mundo, só minha mãe e eu estávamos no apartamento; o restante da família tinha ido comemorar um feriado na casa de parentes. Para dar à luz, ela deitou em uma coberta, enquanto eu conduzia a cabeça do bebê para fora. Minha mãe me orientou a puxar a cabeça, sem muita força. Acho que meu apego por essa irmã sempre foi grande porque eu estava ali quando ela nasceu.

Depois do parto, minha mãe disse:

– Desça até os vizinhos e peça para alguma mulher vir aqui me ajudar.

Isso não era pouca coisa, pois a maioria das pessoas de nosso bairro era ruim com a minha mãe. Acho que as tentativas malsucedidas dela em corrigir o comportamento dos meus irmãos, somadas ao fato de ter 11 filhos, levavam as pessoas a olhar para ela com desprezo. E, assim como acontecia em relação ao meu pai, minha mãe nunca conseguiu se impor diante dos vizinhos. Ao contrário, apenas recebia os insultos. Ela vivia perdoando os outros, dizendo: “Você não pode ficar com raiva das pessoas”.

Eu odiava que minha mãe deixasse os outros a tratarem tão mal, e me perguntava se ela permitia que as pessoas também a rebaixassem dessa maneira no trabalho. Ela não era de falar muito

e, quando o fazia, era de um jeito sereno. Não era da sua natureza ser maldosa. Pelo contrário, acabava aceitando o comportamento negativo que os outros despejavam nela.

Quanto aos meus irmãos e irmãs mais velhos, eles ficavam fora de casa por longos períodos. Talvez minha mãe estivesse em contato com eles durante o tempo em que estavam longe, mas, se estava, ela nunca me contou. Eu podia ficar meses (ou anos) sem ver alguém da família e, de repente, num certo dia – puf! – lá estava aquela pessoa. Quando eu conseguia encontrar minhas irmãs mais velhas nos feriados, especialmente a irmã que estava sendo criada pelos meus avós, eu ficava feliz em ver como eram mulheres mais fortes do que minha mãe. Os feriados eram os únicos momentos em que eu conseguia interagir com elas, por isso prestava bastante atenção no que diziam e faziam. Eu torcia para que um dia pudesse encontrar tamanha força em mim. Mal sabia eu que isso não demoraria para acontecer.

•••

Embora minha família tenha se mudado muitas vezes, todos os lugares em que moramos eram bem parecidos. Era sempre em um prédio caindo aos pedaços de dois ou três andares no centro da cidade, com algo entre quatro e doze apartamentos. Certa vez, fomos despejados no meio da noite por não termos pagado o aluguel.

– Peguem suas coisas – minha mãe mandou.

E nós pegamos. Não havia muito mesmo. Naquela noite, minha mãe, dois dos meus irmãos mais velhos, todos os mais novos e eu dormimos na rua, já que não tínhamos um carro nem um lugar para onde ir. No dia seguinte, caminhamos uma eternidade até encontrar um apartamento, que era bem parecido com o anterior.

Hoje consigo olhar para trás e ver como isso deve ter sido difícil para minha mãe. Com uma gravidez atrás da outra – quase uma dúzia de filhos – e sempre doente, as muitas mudanças agravavam

o estresse de sua vida. Ela era articulada, e acredito que fosse uma mulher instruída. Lembro que tinha um trabalho, mas, se algum dia eu soube qual, esqueci faz tempo.

Certo dia, minha mãe tentou me matricular em uma escola. Na época eu não devia ter mais do que 7 anos. Não sei o que a motivou a fazer isso, mas eu estava entusiasmada com a possibilidade. A irmã que vivia com meus avós estudava e era inteligente. Eu queria ser igualzinha a ela. Mas, quando chegamos lá, nos disseram que eu já era muito velha. Muito velha? Como alguém de 7 anos pode ser muito velho para estudar? Talvez fosse por não haver mais vagas naquela escola específica, ou porque estávamos no meio do ano escolar e eles não queriam incluir um novo aluno naquele momento, mas o resultado daquilo me fez chorar pelo resto do dia.

Desde então, já conheci várias crianças e jovens que reclamam por serem obrigados a ir à escola. E se eles nunca tivessem a oportunidade de estudar? E se nunca soubessem soletrar ou contar, ou nunca aprendessem nada de História ou Geografia? Como essas pessoas que reclamam de estudar se sairiam na vida?

Não ter conseguido ir à escola me deixou de coração partido. Eu invejava os meus irmãos homens, que podiam estudar. Invejava o processo todo, desde levantar cedo e se arrumar, até voltar para casa à tarde e fazer a lição. Saber que não teria a chance de fazer parte daquilo me deixou abatida por vários dias. A única coisa que me animava eram os meus irmãos e irmãs mais novos.

Desde os 5 anos, mais ou menos, eu era a responsável pelo apartamento enquanto minha mãe trabalhava. Ajudava com as tarefas diárias da casa: varrer, lavar, cozinhar e vigiar meus irmãozinhos. Eles eram tudo para mim. Eram o meu mundo, e eu os amava do fundo do meu coração.

Com frequência, nossa mãe ficava fora de casa o dia inteiro e, quando isso acontecia, ela nos trancava no único quarto do apartamento. Então, brincávamos de faz de conta. Usávamos as roupas da minha mãe e das minhas irmãs, sem saber se elas

tiveram conhecimento disso em algum momento. A gente sempre brincava de esconde-esconde sob as cobertas, no chão. Ou de polícia e ladrão.

Não sei bem por que nossa mãe nos trancava, mas posso imaginar. A vizinhança em que vivíamos não era nada segura. Morávamos em uma parte central da cidade, onde esfaqueamentos e tiroteios aconteciam a toda hora. E desde bem pequena eu havia aprendido a não falar com estranhos. As ruas costumavam estar cheias, e tinham o barulho e as atividades típicas de lugares em que muitas pessoas moram juntas. Algumas dessas atividades eram bem suspeitas. Assim, quando minha mãe achava que a vizinhança estava agitada demais, ela nos trancava. Nosso bairro era pequeno, e as notícias espalhavam depressa. Quando sabíamos que algo assim estava acontecendo, ficávamos em casa. Certas vezes, quando estávamos brincando na rua, amigos ou vizinhos me diziam para pegar meus irmãos e entrar. Então, eu corria para reuni-los e levá-los ao apartamento. Em dias mais tranquilos, ficávamos lá fora, brincando no meio da rua e indo para a calçada só quando um carro passava.

Quando eu não estava brincando com meus irmãos, estava ocupada cozinhando e limpando. Eu lavava as roupas à mão em um balde. Dava bastante trabalho, mas eu lavava só as peças que estavam imundas; também ajudava o fato de nenhum de nós ter muito o que vestir. Normalmente, eu possuía apenas aquilo que estivesse vestindo, além de uma camiseta e uma calça, e um vestido para os feriados. Todas as nossas roupas eram herdadas dos nossos irmãos e, até chegarem a mim, já estavam bem gastas. Mas eu não ligava. Ninguém em meu bairro tinha muito; eu não era diferente das outras pessoas que conhecia.

Geralmente, a gente tinha comida para jantar, mas nem sempre. Quando havia algo, era arroz ou pão e, de vez em quando, carne. Se houvesse dinheiro para algumas batatas, a gente ia comprá-las em um mercado que ficava bem longe. Quando voltávamos, minha

mãe as cozinhava, e as repartíamos no jantar. Em um dia bom, minha mãe fazia uma receita especial de charutos de folha de uva recheados com arroz (a receita está no final do livro!). Embora, com frequência, minha mãe mudasse a receita porque não tínhamos todos os ingredientes, era uma delícia.

Quase sempre nós fazíamos duas refeições, e ocasionalmente podíamos ter frutas e legumes, parecidos com os daqui, nos Estados Unidos. O que sei é que senti fome em boa parte da infância.

Embora eu ficasse feliz em ter comida, ficava ainda mais contente nas raras ocasiões em que podia tomar um banho. Havia só um banheiro para os quatro apartamentos em nosso prédio, por isso tomar banho não era uma coisa habitual. Nosso banheiro precisava ser compartilhado por mais de 20 pessoas, e a água só ficava quente com um aquecedor portátil. Não tínhamos dinheiro para comprar o óleo para o aquecedor. Ainda por cima, tínhamos de buscar em um poço distante e carregar para o prédio toda a nossa água, que incluía a de beber e a de se lavar. Isso porque não tínhamos água encanada. Ninguém tomava banho demorado, e mesmo assim eu costumava pegar uma longa fila para usar o banheiro.

Quando dormíamos, havia uma coberta debaixo e outra por cima de nós. Não havia travesseiros nem espaço marcado para dormir. Por isso, eu sempre acabava dormindo em um lugar diferente, ao lado de uma pessoa diferente. Nos meses de verão, o quarto ficava quente, tão quente que eu não conseguia pregar o olho. Ficava me revirando no chão, molhada de suor, até que, no meio da noite, abria nossa única janela.

Para dormir, eu usava as mesmas roupas que havia vestido durante o dia. Não havia essa coisa de pijamas em nossa família. Por isso, na maioria das vezes, eu vestia as mesmas roupas que havia usado no dia e na noite anteriores.

Então vinham as chuvas. Para mim, pareciam chegar em grande quantidade. Como nossas ruas não eram asfaltadas, a camada densa de terra não demorava para virar barro. Havia sempre rios de lama correndo pela rua em frente ao prédio. Eu odiava aquilo, pois significava mais roupa para lavar em meu balde e, por consequência, mais água para buscar.

Mas eu me divertia também.

Uma das minhas primeiras lembranças é de jogar bolinha de gude com meus irmãos na rua. Para isso, nós riscávamos um círculo na terra, ou o desenhávamos na rua com um giz. Então, cada um dos jogadores colocava algumas bolinhas no círculo. Quando era minha vez, eu escolhia uma bolinha ligeiramente maior e tentava acertar algumas das outras, jogando-as para fora do círculo. Todas as bolinhas que tirava passavam a ser minhas. Eu tinha muitas!

Outra coisa que gostava de fazer era colocar meu vestido e visitar nossos parentes. Essas visitas, geralmente, eram feitas a familiares da parte da minha mãe. No entanto, era preciso fazê-las em segredo, pois meu pai havia nos proibido de ir ver os parentes dela. Normalmente, íamos de trem até Alexandria e então andávamos uma longa distância a pé, mas de vez em quando meu tio nos pegava de carro. Qualquer que fosse o caso, minha mãe sempre nos sussurrava:

– Shhh... Não falem sobre isso com ninguém.

E nunca falávamos.

Meus avós maternos eram meigos e amorosos, e ficavam bastante felizes em nos ver. Havia sempre muita comida e risadas quando estávamos lá. Minha avó era a mulher mais incrível e carinhosa que existia, e meu avô sempre nos dava dinheiro para gastar na loja de doces ao lado. Quando ele morreu, em consequência do alcoolismo, eu fiquei arrasada. Eu não devia ter mais do que 7 anos.

Na casa dos meus avós, encontrávamos muitos tios, tias e primos, embora eu não lembre o nome de nenhum deles. Foram

muitos momentos felizes ali. Naquelas visitas, eu sentia como se tudo estivesse bem em meu mundo. E quer saber? Tudo *estava* bem. No fundo, não importava o quanto éramos pobres, o quanto meu pai fosse ausente ou agressivo, ou o quanto eu precisava dar duro trabalhando. Eu era uma criança feliz.

Apesar da pobreza, eu fui feliz. Sei que muito desse sentimento se devia à alegria desenfreada de ser uma criança, mas o outro motivo para minha felicidade foi o amor. Mesmo que, para os padrões norte-americanos, eu tenha sido uma criança desamparada, naquele tempo, amei e fui amada. Era tudo o que eu sabia. Meus irmãos mais novos e eu criamos laços fortes, e eu adorava cuidar e estar na companhia deles. A vida era boa.

CAPÍTULO DOIS

Parece que minha vida em família se passou há muito tempo, e que minhas lembranças daquela época estão distantes. Mas há alguns detalhes que eu nunca vou esquecer. A forma como a poeira levantava das ruas sempre que um carro passava, a sensação da terra quente debaixo do meu pé descalço quando eu brincava ao ar livre, o som das crianças da vizinhança rindo, o modo como as cores das roupas que colocávamos para secar desbotavam com o sol escaldante.

Esse é o problema com as lembranças dos meus primeiros anos de vida. Alguns momentos parecem gravados na minha mente, e os vejo como se tivessem acontecido ontem; outros são vagos e confusos; e há ainda aqueles dos quais não tenho qualquer lembrança. Aprendi a dar valor e guardar comigo as recordações positivas e o sentimento bom que elas me trazem.

Certo dia, nossa casa ficou em alvoroço porque uma das minhas irmãs mais velhas tinha sido mandada embora do seu trabalho de maneira vergonhosa. Naquela época eu tinha 8 anos. Minha irmã Zahra, uma das gêmeas, trabalhava havia algum tempo para um homem rico e sua mulher no Cairo, a capital do Egito. Nossa cidade, próxima a Alexandria, estava a noroeste do Cairo, a muitas horas de viagem. Por isso, depois que Zahra foi trabalhar lá, eu não a vi muitas vezes. Não que antes disso eu a visse com frequência. Zahra era bem mais velha que eu – quando eu tinha 8 anos, ela deveria ter algo entre 16 e 20, ou talvez até mais. Nossa diferença de idade e suas frequentes ausências de casa tornavam quase impossível uma ligação entre nós.

Meus pais haviam conseguido que Zahra trabalhasse para aquela família, mas, embora ela recebesse uma ninharia (que minha mãe recolhia todo mês), tecnicamente ela era mantida em escravidão. Mais tarde descobri que Zahra nunca tinha dias de folga, que não

podia deixar a casa de seus patrões sem permissão e desacompanhada, e que havia suportado todos os tipos de agressão verbal e física. Minha irmã trabalhava basicamente de sol a sol.

No Egito, não é raro que uma família pobre faça esse tipo de contrato com uma família mais rica. Acho que o contrato que os meus pais tinham com aquelas pessoas dizia que Zahra deveria trabalhar para eles por dez anos, mas haviam passado apenas três ou quatro quando ela foi “demitida”. Quando descobrimos que ela havia sido mandada embora, houve muita gritaria. Os berros do meu pai eram os mais furiosos.

Alguns dias depois, minha mãe, minha irmãzinha e eu fomos visitar os ex-patrões de Zahra no Cairo. Agora, eu era a menina mais velha da casa, por isso sempre acompanhava minha mãe. A maioria das vezes isso significava ir ao mercado ou ajudá-la com alguma incumbência perto do prédio. Mas, ocasionalmente, minha irmãzinha e eu acompanhávamos minha mãe quando ela viajava para buscar o “pagamento” de Zahra. Em algumas dessas viagens, eu havia visto os meninos gêmeos da família, que eram mais jovens que eu, e a filha mais nova, que tinha minha idade.

Tenho poucas lembranças daquela viagem que fizemos para encontrar os ex-patrões de Zahra, mas sei que estava no enorme quarto da dona da casa, enquanto segurava minha irmãzinha. Eu amava aquela menina como se fosse minha própria filha. Fico triste em dizer que não consigo mais lembrar o nome dela.

Naquele dia, havia uma segunda mulher no quarto. Pelo que eu havia entendido, Nebit era uma parente dos patrões, e sua família também vivia naquela casa imensa. A dona da casa estava deitada em sua cama, e disse à minha mãe que minha irmã havia roubado dinheiro. Muito além do que minha família poderia pagar. Minha mãe já tinha confirmado esse fato com Zahra e sabia que a acusação era verdadeira.

– Você não tem condições de pagar o que sua filha roubou – disse a mulher em árabe. – Então, ou você providencia alguém para trabalhar aqui e saldar a dívida dela ou chamamos a polícia.

Lágrimas escorreram dos olhos da minha mãe. Eu fiquei ali quieta, segurando minhas emoções mais fortes. Eu sentia medo das ameaças da mulher e tristeza pelas lágrimas da minha mãe.

Então a mulher disse:

– Eu posso treinar a mais nova, começando do zero. Assim evitamos esse problema de adulto, que é roubar.

Pelo que eu consegui entender do resto da conversa, o contrato que meus pais tinham com essa família dizia que minha irmã deveria viver naquela casa, ajudando a cozinhar e limpar. Ouvi então minha mãe concordar que o mais justo para todos seria arrumar outra garota para trabalhar no lugar de Zahra.

– Está certo. Temos um acordo – disse a mulher.

Senti uma pontada no fundo do estômago quando percebi que a garota de quem elas falavam era eu.

Minha mãe passou a falar de mim como se eu fosse um objeto, uma mercadoria. Como ela podia falar de mim de um jeito tão insensível? Será que ela não me amava mais? Um buraco negro se abriu dentro de mim quando me dei conta de que teria de deixar minha mãe, meus irmãos, meu lar, minha vida. Raras vezes eu havia saído do nosso bairro e, certamente, nunca havia estado no meio de estranhos tão longe de casa. Estava confusa, e comecei a chorar tão forte que meu corpo todo tremia.

Quando somos novos, é comum que a emoção de uma experiência nos persiga por bastante tempo. Uma criança talvez não consiga se lembrar de um pesadelo com detalhes, mas a sensação de terror causada pelo sonho pode ficar para o resto da vida. Assim foi aquele dia para mim. Hoje, aquela sensação de abandono é quase tão vívida quanto foi 15 anos atrás, quando eu tinha 8. Eu não tinha muita experiência de vida, mas sabia que famílias

deveriam permanecer unidas. Pais deveriam cuidar e dar apoio a seus filhos, não vendê-los a estranhos.

Passei muitas horas pensando em qual teria sido a motivação dos meus pais para fazer aquilo. Enquanto Zahra ganhava todo mês um pouquinho de dinheiro que ia para meus pais, meu trabalho na casa tinha o único propósito de saldar a dívida dela. Não se tratava apenas da dívida do dinheiro que ela havia roubado; era uma dívida de honra. Minha irmã havia causado desgosto àquela família e, para compensar isso, eu deveria me tornar escrava doméstica deles.

Por que minha mãe não recusou? Por que ela não lutou por mim? Eu tinha 8 anos! Será que éramos tão miseráveis a ponto de minha família não ter o que me dar de comer? Será que minha mãe achava que minhas chances na vida seriam melhores se eu vivesse como escrava daquela mulher e de sua família, em vez de ficar em nossa casa? A “honra” da nossa família era tão mais importante do que eu? Será que alguém havia contado a verdade aos meus pais sobre qual seria minha real situação naquela casa? Será que meu pai se importava comigo? Por que ele permitiu aquilo?

Nos últimos anos, fiz muita terapia para lidar melhor com os temas levantados por essas perguntas, e estou em paz com a maior parte do que aconteceu. Mas, naquele dia, quando era uma criança de 8 anos, eu me senti jogada fora, e morrendo de medo de nunca mais ver minha casa. Infelizmente, eu estava certa.

•••

Minha mãe me abraçou forte antes que eu desse um triste adeus à minha irmãzinha. As últimas palavras de minha mãe para mim foram:

– Seja forte.

Por um lado, eu não conseguia acreditar que ela estava me deixando ali. Por outro, me agarrei à esperança de que ficaria ali apenas por alguns dias, uma semana no máximo. De qualquer modo, me sentia traída. Eu era muito nova para entender que, no

Egito, a escravidão não era uma situação rara nas famílias da nossa condição social. Para os meus pais e para aquela família, isso era parte da vida.

Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, olhei pela janela enquanto minha mãe percorria o longo caminho de entrada com minha irmãzinha no colo. Eu queria saborear as últimas gotas da minha família, por isso fiquei observando até ela dobrar a esquina e sumir de vista.

Nem minha mãe nem eu podíamos imaginar, quando chegamos ali, que eu não voltaria com ela para casa. Por isso, não tinha levado nada comigo. Nenhuma roupa, nem mesmo uma coberta ou uma foto de família. Eu não tinha nada e estava arrasada.

Nunca soube o que aconteceu com Zahra depois que parti, mas imagino que meu pai tenha lhe dado uma surra – quer dizer, isso é o que ele deve ter feito, caso tenha chegado a encontrá-la em casa. É possível que ela não o tenha visto por um tempo, ou que tenha sido vendida para outra pessoa. No entanto, tenho quase certeza de que ela já era adulta naquela época, e deve ter tido mais opções. Embora, como consequência de seu roubo, Zahra tenha se tornado uma “mercadoria com defeito”, o que deve ter lhe trazido dificuldades para conseguir um novo “emprego” ou um bom marido. Além disso, a razão pela qual Zahra foi vendida como escrava, em primeiro lugar, deve ter sido o fato de ser a encrenqueira da família. Talvez minha mãe e meu pai tenham, equivocadamente, pensado que isso a sossegaria ou a ajudaria a amadurecer. Ou, talvez, eles valorizassem menos a filha do que o dinheiro que ela poderia lhes trazer.

Não sei se Zahra roubou o dinheiro daquela família porque queria escapar da escravidão e sumir, ou se o fez porque sabia que esse ato a faria ser devolvida para os pais. Tendo a pensar que a primeira opção é a mais provável, mas talvez eu nunca saiba a verdade.

Essas perguntas sem resposta são típicas da minha vida, e das vidas de muitas crianças – e adultos – que são mantidas em

escravidão. Normalmente, escravos perdem contato com parentes e lugares, e suas lembranças vão se apagando ou ficando distorcidas. Infelizmente, existem milhares de nós – crianças e adultos que vivem em escravidão no Egito e no resto do mundo.

De acordo com o Departamento de Saúde e de Serviços Humanos dos Estados Unidos, o tráfico de pessoas é a atividade criminosa que mais cresce no mundo hoje. Existem dois tipos de tráfico humano: no primeiro, a pessoa é recrutada sob falsas circunstâncias; no outro, ela é vendida sem o seu conhecimento ou consentimento. Este último era o meu caso; é a escravidão em seu sentido mais verdadeiro. Há alguns anos, fiquei impressionada quando vi no Relatório sobre Tráfico de Pessoas do Departamento de Estado em Washington de 2005 que, todo ano, cerca de 800 mil pessoas são traficadas em fronteiras internacionais. Acredita-se que metade das vítimas sejam crianças.

A maioria das pessoas acha que a escravidão nos Estados Unidos acabou durante a Guerra Civil, mas isso não é verdade. A escravidão oficial desapareceu, mas, atualmente, cerca de 17.500 pessoas vivendo em escravidão são trazidas ilegalmente ao país por ano. Estima-se que existam mais de 43 mil escravos nos Estados Unidos. Muito pior: há cerca de 27 milhões de escravos no mundo.

Nos Estados Unidos, apenas dois por cento das pessoas mantidas em escravidão são resgatadas. Eu acho esse número estarrecedor, mas essa porcentagem é maior que a de outros países. Muitos desses resgates feitos aqui se devem a denúncias feitas por vizinhos – um vizinho que tem a sensação de que algo errado está acontecendo e, depois de muito refletir, resolve ligar para a polícia.

Mas no Cairo não havia nenhum vizinho intrometido, e ninguém nunca ligou. Ninguém sabia que eu estava lá, pois a propriedade na qual aquelas pessoas viviam era imensa e a mansão ficava muito distante de outras casas. Alguns dias, ou talvez uma semana depois

que minha mãe me deixou na casa daqueles estranhos, minha nova e cruel realidade começou a ficar bem clara para mim: eu não voltaria para casa. Nunca. Fiquei histérica e insisti para que alguém ligasse para minha mãe e pedisse a ela para me buscar.

Isso era complicado por mais de um motivo. Em primeiro lugar, minha família não tinha um telefone. Em segundo, meus raptores – passei a considerar assim o homem e sua esposa – nunca iriam telefonar para minha mãe. Em vez disso, pedi ajuda e implorei para alguns dos outros que trabalhavam na casa. Eram muitos, todos adultos, que viviam na casa e exerciam as mais diferentes funções. Todos eram gentis comigo. Levou algum tempo, mas finalmente consegui encontrar minha mãe do outro lado da linha. Devo ter delirado, de tão feliz que estava por ouvir sua voz. Mas o tom em que ela falou comigo me deixou abalada.

– Você é boa. Você ajuda sua família. Você precisa ficar aí – disse ela. – Se você não ficar, coisas ruins vão acontecer na sua vida.

Eu mal conseguia respirar. Minha mãe tinha realmente me abandonado. Ela não gostava mais de mim? Como isso foi acontecer? O que eu havia feito para merecer aquilo? Claro que a resposta era: nada. Eu não tinha feito nada, além de ser uma garota feliz que amava a própria família. Descobri que era verdadeiro, no meu caso, o ditado: “Coisas ruins acontecem às pessoas boas”.

Quando desliguei o telefone, me virei e olhei com desânimo para os meus colegas. Aquela vida de escravidão, de servidão, seria a minha vida. Para sempre. Então, desabei no chão e chorei.

Acontece que eu não acabaria na escravidão para sempre, embora cada dia que vivesse como escrava tenha valido por muitos. Fui uma das pessoas de sorte; uma entre os afortunados dois por cento. Fui salva, mas isso só aconteceria muitos anos depois. Antes disso, tive de derramar muitas lágrimas. Tive de buscar forças em mim que eu não sabia que existiam. E ainda precisaria viajar para o outro lado do mundo, até encontrar a minha tão sonhada liberdade.

Todo dia, quando eu acordava na casa dos meus raptores, as primeiras coisas em que pensava eram na casa e na amada família que eu havia deixado para trás. E, sempre que eu tinha um tempo livre durante o dia – o que não era comum –, minha família vinha à minha mente.

Eu tinha muitos amigos em nosso bairro. Amava minha mãe, meus irmãos mais novos, nossos vizinhos e parentes. Eu amava minha vida e o sentimento de fazer parte de um lugar. E odiava que, ao terem me mandado viver com meus raptores, meus pais tivessem permitido que tudo isso fosse tirado de mim.

CAPÍTULO TRÊS

Abdel Nasser Eid Youssef Ibrahim e sua (atualmente) ex-mulher, Amal Ahmed Ewis-abd Motelib, eram os meus raptores. Eu os tratava por “senhor” e “senhora”, já que não podia chamá-los por seus nomes, mas quando estava sozinha eu não demonstrava toda essa reverência. Eu pensava neles como A Mãe e O Pai. Eles me chamavam de “garota estúpida”.

Não demorou muito para eu perceber que A Mãe estava sempre de cara amarrada. Nada nem ninguém eram bons o bastante para ela. Ela estava constantemente insatisfeita, e sempre se achava no direito de estar. O Pai passava tanto tempo ao telefone que não sei como o aparelho não ficou grudado para sempre em sua orelha. Ele vivia discutindo com quem quer que estivesse conversando, e suas sobrancelhas se uniam enquanto crescia a irritação de sua voz. Outra coisa que ele costumava fazer era massagear a testa para tentar relaxar. Pensando bem, a cara dele não era nem um pouco ruim se comparada à de sua mulher.

Meus raptores usavam roupas de estilo ocidental, do tipo que uma pessoa comum aqui dos Estados Unidos usa. Para eles, tudo se resumia a marcas. Se as pessoas ficassem impressionadas com um determinado estilista, então eram essas as roupas escolhidas.

A Mãe e O Pai e seus cinco filhos moravam em uma casa de quatro andares com tijolos aparentes, protegida por grades, em um vasto terreno. A casa parecia um castelo para mim. Eu não costumava sair muito dela, mas, sempre que estava do lado de fora, ficava impressionada com o tamanho da propriedade. Para chegar ali, era preciso sair da estrada principal e pegar um longo caminho, passando por diversas casas, bem afastadas umas das outras. Essas outras residências eram dos caseiros e de outros empregados da propriedade. Depois de passar por elas, avistava--se um lindo e grande jardim, que parecia uma pintura famosa.

A casa principal tinha 17 vagas de garagem e um elevador. No térreo havia uma piscina coberta com um teto retrátil que se abria para o céu. A família chegava a ela pelo elevador ou por uma larga escadaria, mas eu tinha de usar outra escada, reservada aos criados, que descia direto da cozinha.

O resto do térreo era decorado para impressionar as visitas. Era repleto de sofás, cadeiras e mesas caros, tinha iluminação de luxo e inúmeros bibelôs. Ninguém da família andava pelo térreo, exceto para usar a piscina; as crianças eram proibidas de entrar naquela área. Além disso, O Pai costumava alugar o espaço para produtoras de cinema e empresas, que realizavam grandes festas e outros eventos ali.

No primeiro andar ficavam vários quartos. O irmão d'A Mãe, sua esposa e seus filhos dormiam ali. A suíte principal tinha o tamanho de uma casa. No meio do quarto, havia uma imensa cama redonda e uma área de estar com uma grande janela. O banheiro da suíte contava com duas banheiras e uma imensidão de mármore.

Meus raptores tinham cinco filhos. Os dois caçulas eram gêmeos idênticos e tinham cerca de 5 anos quando eu cheguei à casa. Eles ficavam em um quarto bem bonitinho no primeiro andar, com uma beliche e decoração do Ursinho Pooh. A menina mais nova, que era da minha idade, tinha um lindo quarto da Barbie. Eu achava aquele quarto digno de uma princesa.

No primeiro andar também havia uma enorme cozinha, totalmente equipada, onde uma empregada cozinhava para a família. Ali, em um canto, ficava o acesso à escada que eu tinha permissão para usar quando precisava ir aos outros andares.

As duas irmãs mais velhas dormiam no segundo andar. A mais velha tinha um quarto esquisito, todo preto – das paredes ao tapete. Já o quarto da outra era cheio de pôsteres, como o de uma adolescente aqui dos Estados Unidos.

Também no segundo andar havia um salão de jogos completo e duas salas de TV. Nesse andar ficava a lavanderia, o que significa

que eu passava muito tempo ali. O terceiro andar era reservado aos hóspedes, e raramente era usado, enquanto os criados – inclusive eu – dormiam no quarto andar.

Tudo isso era um choque para mim. Eu não conseguia acreditar que casas e móveis como aqueles existissem. Para mim, era difícil conceber que pessoas pudessem viver com tamanho luxo.

•••

Uma casa como aquela exigia um pequeno exército de criados. Havia quatro ou cinco de nós que moravam ali e se ocupavam da família, mas a maioria vivia em dependências separadas na propriedade ou chegava para trabalhar no próprio dia. Cada um de nós tinha uma condição de "emprego" diferente. Alguns criados recebiam um pequeno salário, enquanto outros ganhavam acomodação e comida como parte do pagamento. Esses não eram escravos e podiam voltar para suas famílias e seus lares quando não estavam trabalhando.

Aqueles que viviam na casa dormiam em beliches em um dos dois cômodos no quarto andar, que era também o sótão. Algumas eram empregadas domésticas; outros, servos por dívida,[1] ou eram mantidos em escravidão, como eu. Infelizmente, nenhum dos criados achava estranho que eu fosse escrava daquela família. É triste, mas o trabalho escravo infantil era – e ainda é – tão comum no Egito, que a maioria das pessoas nem pensa muito nisso.

Minha vida na mansão era estranha em tantos sentidos, que você nem imagina. Foi lá a primeira vez que dormi numa cama e que tive um travesseiro, e essas já eram novidades em si (não que eu pudesse dormir muito). Próximo aos quartos dos empregados havia um banheiro bem grande, com duas pias, uma banheira e uma ducha separada.

Apesar de a família fazer as refeições em lindos pratos e usar belos talheres de prata, os criados tinham de comer sempre em pratos de papel e usar copos e utensílios de plástico. Isso nunca foi

dito, mas estava implícito que não éramos bons o bastante para usar a louça da família.

O mesmo valia para a mobília. Nunca me disseram para não sentar em nada, mas eu nunca sentei, porque sabia que era algo que não deveria fazer. Nas raras ocasiões, durante o dia, em que tinha mais de dois minutos para descansar, eu sentava em um banco na cozinha, reservado aos criados. Não sei se era planejado, mas aquilo tudo fazia eu me sentir inferior. E não é assim mesmo que os raptores esperam que seus escravos se sintam? Para piorar minha autoestima, eu nunca recebi nada para calçar. Tudo bem que todos ficavam descalços dentro de casa, um costume naquela parte do mundo, mas meu único calçado era um par de chinelos de segunda mão.

Duas das mulheres que viviam ali como empregadas tinham em torno de 30 anos. Ambas possuíam famílias – marido e filhos –, onde quer que estivessem. Por diferentes razões, elas passaram maus bocados na vida e precisaram trabalhar como domésticas para A Mãe e O Pai. Eram raras as vezes que elas podiam sair para ver suas famílias.

Essas duas mulheres eram gentis e me ajudaram bastante, especialmente nos primeiros meses. Eu me sentia bem ao lado delas, pois elas pareciam e se vestiam como minhas irmãs mais velhas. Nesse sentido, elas lembravam meu lar. Aquelas duas mulheres costumavam usar o *hijab*, um véu tradicional. Para uma mulher muçulmana, é comum cobrir os cabelos e o pescoço com esse véu, que é usado em público e na presença de homens desconhecidos.

Havia também uma mãe e sua filha trabalhando ali como criadas. A filha devia ter cerca de 20 anos e não queria estar ali. Não era de se admirar. Eu também não queria. O volume de trabalho era muito grande e, por isso, alguns empregados não ficavam na casa mais do que alguns dias. Durante os anos em que estive lá, deve ter havido dezenas desses que entraram e saíram rapidamente.

Nós todos estávamos sempre ocupados e raramente conseguíamos conversar durante o dia. À noite, estávamos exaustos demais, mas na cozinha sempre havia alguma discussão sobre a família – geralmente sobre A Mãe e sua arrogância. Eu participava pouco dessas conversas, mas ouvia bastante. Era um consolo saber que os meus colegas – criados e escravos – se sentiam exatamente como eu a respeito daquela família.

A atitude d'A Mãe não era a única coisa que incomodava os outros. O Pai também tinha um temperamento difícil. Se alguém o desagradasse, a primeira reação dele era dar um tapa na cara da pessoa. Se estivesse com muita raiva, ele tirava o cinto e distribuía alguns açoites. Esse tratamento incluía não apenas os criados da casa, mas também sua mulher e seus filhos.

Eu tive muita dificuldade em me adaptar, deixando de ser a garotinha que vivia feliz com sua família pobre mas amorosa, para viver em uma casa onde eu era rebaixada diariamente das mais variadas formas. Ser chamada de "garota estúpida" era o de menos. Não havia horas suficientes no dia para fazer todo o trabalho de que me incumbiam – mesmo com o aspirador novo e os produtos de limpeza que a família me deixava usar. No começo, toda noite eu chorava o equivalente a um ano de lágrimas. Como minha mãe pôde ter me largado naquela vida? Nunca entendi como ela – ou como qualquer mãe – pôde submeter uma filha que amava a esse tipo de coisa. Até o dia da minha morte, não vou conseguir entender.

O trabalho na casa era o mesmo todo dia. Se não estivesse de pé antes do amanhecer, uma das outras empregadas ia me acordar, mesmo que eu estivesse exausta do dia anterior. Depois eu descia correndo até a cozinha, onde outra mulher me passava as tarefas do dia. Não precisava me preocupar com o que vestir, já que costumava usar a roupa com a qual havia dormido. E, assim como na época em que morava com minha família, dormia com a roupa que tinha usado durante o dia. Normalmente eu tinha uma muda de roupa, mas nem sempre.

Eu nunca tomava café da manhã, mesmo que uma das minhas primeiras tarefas do dia fosse ajudar a limpar a cozinha. Como o ritmo era brutal, simplesmente não havia tempo para comer. Quando eu terminava e a louça estava guardada, ia limpar os banheiros do primeiro andar. Então, passava ao segundo andar, onde limpava as salas de TV e o salão de jogos. Como a família passava mais tempo nesses cômodos, eles eram os mais bagunçados.

Por toda a casa havia telefones e interfones (essa era a forma como os membros da família se comunicavam na maior parte do tempo). Diariamente, ao meio-dia, A Mãe ligava para a cozinha e dizia o que deveria ser preparado.

Eu passava a maior parte do dia no segundo andar, e sempre ficava espantada com os dois imensos quadros pendurados ali na parede. Um era d'O Pai, e o outro, d'A Mãe. "Quem faz isso?", eu pensava. Quem pendura enormes quadros de si mesmo na própria casa? Mesmo sendo bem nova, eu já achava aquilo ridículo.

Na limpeza, eu me esforçava para que tudo ficasse impecável, pois se A Mãe achasse que um tapete ou uma pia não estivessem perfeitamente limpos, eu teria de refazer tudo. Isso me tomava um tempo que eu não tinha, e meu descuido podia me render uma bofetada. Além disso, no meio das minhas tarefas diárias, eu tinha de parar tudo que estivesse fazendo para levar a alguém da família qualquer coisa que eles pedissem, no momento em que quisessem.

Ao terminar o segundo andar, eu voltava para ajudar na cozinha. Com uma família de sete pessoas, além dos agregados e seus filhos, fazendo várias refeições ao longo do dia, eu acabava tendo pilhas de louça para lavar. Na casa havia uma grande máquina de lavar louça, mas, por algum motivo, ela só era usada quando havia visitas. Então eu ficava lá, morta de cansaço, lavando a louça em cima de um banquinho, porque não era alta o bastante para alcançar a pia. Aquilo levava uma eternidade.

Além da máquina de lavar louça, havia muitos outros eletrodomésticos caros que pareciam novos em folha. Não creio que

A Mãe soubesse exatamente para que cada um deles servia. Assim, a cozinheira continuava usando suas tradicionais panelas e frigideiras.

O fim da noite era a melhor parte do dia, pois era o momento em que eu finalmente podia comer. Como estava sempre ocupada, eu nunca comia – ou mesmo bebia água – durante o dia. À noite, eu ficava contente com as sobras da família, e comia tudo o que pudesse. Preciso admitir que a qualidade da comida era superior à que havia na minha casa. Mas, embora a família degustasse dos mais variados pratos, normalmente o que sobrava no jantar era apenas arroz ou carne. Era isso o que eu comia.

Eu enchia minha barriga, mas nunca era o bastante. Em pouco tempo eu voltava a sentir fome, e ficava assim até a noite seguinte.

•••

Nunca pensei em fugir. Para onde iria? Eu estava a muitos quilômetros de distância da minha família. A propriedade era protegida e eu era pequena demais para escalar as grades ou o portão. Mesmo que chegasse à estrada principal, não saberia para que direção ir. Eu estava a horas da minha cidadezinha. Além disso, tanto por parte da minha mãe quanto d'A Mãe, havia a promessa de que, se eu não cooperasse, iria acabar na prisão, de que coisas ruins iriam acontecer comigo. Não sabia que coisas ruins eram aquelas, mas a minha vida já estava indo muito mal. Eu não queria que ela ficasse ainda pior.

Em vez de fugir, eu acordava cedo todo dia, apesar de não ter um despertador. Não que isso teria feito muita diferença, já que eu não sabia ver as horas. Havia aprendido a medir meu dia pelo sol. Se os raios do sol estivessem passando pela janela da sala de jantar, por exemplo, eu sabia que os meninos estavam para chegar da escola. Também havia aprendido a marcar o tempo pelas ordens que me davam aos berros.

– Já é meio-dia, garota estúpida! Me traga um sanduíche.

Eu acordava cedo e pontualmente na maioria dos dias, pois nunca consegui dormir bem no tempo em que vivi com aquela família. Isso porque tinha medo. Como uma medida de proteção, mantinha uma parte de mim acordada. Eu não sabia o que A Mãe ou O Pai eram capazes de fazer.

A Mãe normalmente não levantava antes do final da manhã. O Pai era um homem de negócios que costumava trabalhar em um dos cômodos da casa. Eu não sabia muito sobre aquilo, além dos pedaços de conversa que ouvia por acaso, enquanto fazia a limpeza. Acho que ele havia herdado de seu pai uma empresa de siderurgia. Era uma grande companhia, e todo o seu pessoal vinha até ele. Por conta de seus horários, eu não interagia muito com A Mãe ou O Pai. Na verdade, o meu contato maior era com os filhos.

Dos gêmeos eu gostava, e eles pareciam também gostar de mim. Tinham cabelo e pele escura e pareciam bastante com a mãe deles. As duas irmãs do meio – a que tinha minha idade e a outra, que devia ter uns 13 anos – eram baixas, tinham cabelo loiro-escuro e puxaram mais ao pai. A mais velha tinha por volta de 15 anos e era a mais esnobe dos filhos. Ela era alta, de cabelo escuro e magra, como a mãe.

Quando eu cruzava com A Mãe ou O Pai, tentava ficar invisível, tamanho o medo que tinha deles. Sempre que eles falavam comigo, eu olhava para o chão. Já tinha visto pessoas da casa levarem uma bofetada só por olhar nos olhos d'A Mãe ou d'O Pai, e eu não queria que aquilo acontecesse comigo. Assim, o chão virou meu amigo. Eu olhava para o chão mesmo quando as crianças da casa falavam comigo.

A pior pessoa ali, no entanto, era Nebit. Muitas vezes a vi empurrando os criados que tinham cometido o erro de cruzar o seu caminho. Ela era uma pessoa odiosa. E isso é algo que me intriga até hoje. Aquelas pessoas tinham uma casa enorme e linda. Eles tinham uma piscina coberta incrível e empregados para fazer todas as suas vontades. Eles tinham comida boa, roupas maravilhosas e

vários carros de luxo. Mas eram as pessoas mais infelizes e ingratas que já encontrei na vida. A Mãe e O Pai não eram felizes juntos, e seus filhos eram mimados e achavam que podiam tudo.

Como eles não percebiam o quanto eram privilegiados? Como não viam a sorte que tinham por levar aquele estilo de vida? Por que não eram capazes de agradecer por sua vida maravilhosa? Naquela época, já havia muitas coisas e pessoas que eu simplesmente não entendia. E provavelmente nunca vou entender.

Uma ou duas vezes, porém, consegui falar rapidamente com minha mãe. As ligações eram feitas pel'A Mãe e, normalmente, eram para discutir os detalhes do meu pagamento aos meus pais. Embora eu acreditasse que estava saldando a dívida da minha irmã, A Mãe e O Pai pagavam, como parte do acordo com meus pais, uma pequena quantia equivalente a 17 dólares. Mais tarde eu descobriria que aquele acordo era mais como uma divisão – se, por exemplo, meu "emprego" me garantisse 50 dólares, A Mãe e O Pai dariam um valor menor aos meus pais, descontando a diferença da dívida da minha família. Toda vez que eu dizia que queria voltar para casa, minha mãe respondia:

– Você já está quase no final. Vai dar tudo certo. Logo você vai estar em casa.

Mas, mesmo naquela época, eu sabia que aquelas palavras eram só para me acalmar.

Além disso, toda vez que conversava com minha mãe, A Mãe ou O Pai estavam na extensão ouvindo. Na sequência, gritavam comigo:

– Sua garota estúpida! Você deveria nos agradecer pela boa vida que tem.

Era como um disco riscado, ou como aquele filme *Feitiço do tempo*, em que as situações se repetem mil vezes.

Nada ia mudar por si só. Eu sabia disso, e sabia que os adultos também sabiam.

CAPÍTULO QUATRO

A vida seguiu em frente. Dia após dia, servi aquela família, limpei sua casa e ajudei a satisfazer todas as suas necessidades. Recebi insultos e levei mais tapas do que poderia contar. Nunca tive um dia de folga, mesmo que não estivesse me sentindo bem.

Parecia que todo mês alguém fazia aniversário ou que se celebrava um feriado muçulmano. Nunca fui convidada para participar de nada, e meus aniversários passaram sempre em branco. Na segunda festa de aniversário dos gêmeos desde minha chegada, me dei conta de que já estava ali por um longo tempo.

Eu não tinha ideia de como o calendário, os meses ou os anos funcionavam. Embora contasse minha idade em anos mesmo antes de chegar à casa dos meus raptores, eu não entendia exatamente o que aquilo queria dizer. O tempo não fazia sentido para mim. Hoje era só mais um dia – assim como tinha sido ontem.

Eu estava cansada demais para ficar ressentida. Cansada demais para ficar com raiva por outras crianças estarem celebrando marcos importantes da sua vida e eu não. Quando você é um escravo, não demora muito para que suas emoções se desliguem ou para que sua mente entre no modo de sobrevivência. Isso talvez explique por que minhas lembranças de algumas situações são tão confusas ou inexistentes. Meu cérebro estava muito ocupado tentando sobreviver, e detalhes do dia a dia não eram cruciais naquele processo.

Mas, após alguns anos com meus raptores, eu tinha o sentimento crescente de que aquela família também possuía problemas. Várias vezes, O Pai se “afastava” por longos períodos e, mesmo que nada específico me fosse dito, por acaso, eu ouvia conversas entre os familiares ou entre os criados que diziam que ele estava enfrentando problemas com a lei.

– Ele vai voltar para casa em breve – comentou um dia a cozinheira.

– *Ela* quer dar uma festança quando ele chegar – acrescentou uma das empregadas.

– Vai ser mais trabalho para a gente, escreva o que eu digo – disse outra.

Como previsto, houve uma grande festa quando O Pai retornou. Havia um monte de gente – sinal de que ele tinha muitos apoiadores.

Então, um dia, um dos criados foi embora. Depois outro. Passado algum tempo, A Mãe e as crianças começaram a guardar suas coisas, então me dei conta de que estávamos nos mudando por conta do trabalho ou dos problemas pessoais d'O Pai. Esses acontecimentos agitaram a mesmice do meu cotidiano. Acompanhava tudo pelo canto do olho com grande interesse. Eu estava tão empolgada! Àquela altura, éramos poucos criados, ajudando a fechar a mansão. Será que isso significava que eu ia para casa? A simples ideia já me arrepiava; eu quase não ousava pensar naquilo.

Eu queria tanto reencontrar minha família – especialmente minha irmãzinha e meus outros irmãos mais novos. Parecia que havia passado uma eternidade desde que os tinha visto pela última vez. Não sabia se minha família ainda morava no mesmo apartamento, mas isso não fazia diferença. Se pudesse estar com eles de novo, moraria até em um buraco no chão.

Um dia, não muito tempo depois, A Mãe disse:

– Seus pais vêm amanhã.

Eu estava tão ansiosa para vê-los!

Quando eles chegaram, minha mãe me deu um abraço, mas tanto ela quanto meu pai estavam com uma cara séria. Fomos para a cozinha, onde A Mãe falou:

– Ela ainda não quitou a dívida da irmã. Nossa família está se mudando para os Estados Unidos e precisaremos levar uma criada.

Essa pessoa vai ser a garota.

A garota, claro, era eu, que não fazia ideia do que aquilo queria dizer. Apesar de ter 10 anos, eu nunca havia estudado. Não sabia o que eram ou onde ficavam os Estados Unidos. Pelo conhecimento que tinha, isso podia ser a duas horas dali. Mas a distância não importava. Eu estava arrasada por ter que continuar a viver com meus raptores. A maioria das outras pessoas que trabalhavam ali já tinha ido embora para suas casas e suas famílias. Por que eu não podia ir também?

Eu estava bastante apreensiva com a viagem aos Estados Unidos. A única vez que tinha visto alguma coisa de lá havia sido no noticiário. Eu não entendia que era outro país, mas percebi que era um lugar diferente de onde estava naquele momento. Durante anos, meus raptores, seus familiares e amigos disseram que os Estados Unidos eram um lugar ruim; por isso me perguntava por que é que estávamos indo para lá.

A Mãe entregou uma papelada aos meus pais e disse:

– Vamos ficar fora só por alguns meses.

Então, eles pediram que eu saísse para conversarem.

Depois que meus pais foram embora, A Mãe me mandou cortar o cabelo. Era a primeira vez que eu ia a um salão na vida. Na verdade, eu nem sabia que lugares como aquele existiam. A experiência foi traumática para mim, pois meu cabelo era bem comprido, caindo até quase os joelhos. Depois de cortado, ficou na altura do pescoço. Como ele é naturalmente cacheado, alisaram quimicamente – provavelmente para mudar minha aparência.

Eu amava meu cabelo, por isso chorei muito. Não queria que o cortassem, mas a mulher do salão havia recebido instruções diretamente d'A Mãe, o que significava que eu não tinha muita escolha. Quando voltei para a casa, A Mãe viu minhas lágrimas e disse para parar com aquilo. Depois ela me vestiu com uma camisa de sua filha caçula. A camisa era vermelha com florzinhas. Nunca

gostei de vermelho. Então, me apresentaram a um homem chamado Aymen, que disse:

– Ok, vamos lá. É hora de começar.

Eu não fazia ideia do que ele queria dizer. Começar o quê? Aonde estávamos indo? Fiquei nervosa quando saí da casa com ele, mas o que mais eu podia fazer? Meus pais, A Mãe e agora aquele homem haviam tentado me explicar o que estava para acontecer, mas eu não tinha qualquer noção do que eram oceano, aviões, outros países, ou costumes diferentes daqueles que eu tinha no Egito. O conhecimento que eu tinha da vida, além da minha, era limitado; não havia possibilidade de eu entender o que estava se passando, exceto por saber que eu não ia mais voltar para casa e ficar com minha família. Disso eu tinha certeza e, para mim, era a única coisa que importava.

Aqui me refiro àquele homem pelo seu nome, Aymen, mas eu penso nele como “O Homem Com Quem Eu Vim”. Primeiro, ele me levou à casa dele e me mostrou o quarto de sua filha. Era uma casa comum, e o quarto, por ser de uma garota jovem, era bem genérico.

– Quando você pegar seu passaporte, se lhe perguntarem qualquer coisa, você vai descrever esta casa, este quarto – ele disse.

Eu nem sabia o que era um passaporte.

Então, fomos à casa de um homem que me pareceu traiçoeiro. Não sei explicar exatamente por quê, a não ser que eu sentia algo de desonesto nele. Não saberia também como descrevê-lo, mas ainda lembro o imenso mal-estar que senti ali. Aymen disse ao homem:

– Sou o padrinho da garota e estou no processo para adotá-la.

Aquelas palavras eram novidade para mim, mas não acreditei nelas. Eu sabia que Aymen tinha falado aquilo só para conseguir o que ele queria (que, aparentemente, era fazer o homem tirar uma foto minha) – após o dinheiro trocar de mãos. Depois de discutir um pouco, Aymen deu ao homem mais dinheiro e saímos com um

documento que, mais tarde vim a saber, era um visto de três meses para os Estados Unidos. Depois disso, Aymen me levou de volta aos meus raptores.

Pouco tempo depois, A Mãe e as crianças partiram para os Estados Unidos. Muitas semanas se passaram, durante as quais O Pai, uma velha criada e eu éramos as únicas pessoas naquela casa enorme. Comecei a pensar no que aconteceria comigo.

Um dia, fiquei surpresa ao encontrar meus pais à porta da casa. Minha mãe havia guardado minhas poucas roupas em uma mala que conseguiram para mim, e colocou uma foto da família dentro. Depois, ela e meu pai passaram a noite comigo no quarto andar. Eu estava radiante com a presença deles ali. Quem sabe, finalmente, a gente ia ficar junto de novo!

Na manhã seguinte, entrei em um carro com eles e fomos ao aeroporto no Cairo. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Não sabia que estava deixando definitivamente a mansão dos meus raptores, ou que ia voar para o outro lado do mundo. Também não imaginava que seria a última vez que veria minha mãe e meu pai.

Do lado de fora do aeroporto, na área para deixar os passageiros, encontramos Aymen.

– Adeus. Nós te amamos. Vamos nos falar pelo telefone e nos veremos em breve – disseram meus pais.

Nunca soube se meus pais mentiram para mim intencionalmente ou se meus raptores não haviam dito a verdade a eles. Eu estava deixando o Egito para sempre.

•••

Depois de um longo voo, Aymen e eu pousamos em Nova York. Aymen não viajou ao meu lado; ele ficou na parte da frente, e eu, em um dos últimos assentos no fundo do avião. Ninguém teve tempo para me dar explicações sobre como era voar. Eu entendia o conceito. Já tinha visto aviões voando no céu, mas não sabia nada sobre a mudança de pressão na cabine no momento em que o avião

decola, ou que você pode ouvir e sentir as rodas quando elas deslizam de volta ao corpo do avião. Fiquei desnorteada durante o voo, mas não sabia o bastante para sentir medo.

Além disso, eu não estava preparada para uma viagem de 20 e poucas horas ou para a infinidade do oceano. Não sabia ler e não tinha brinquedos comigo. Sem nada para fazer, não demorei para cair no sono. A experiência toda era demais para mim, e fiquei esgotada.

Depois de aterrissar em Nova York, Aymen e eu trocamos de avião. No caminho para o novo portão de embarque, passamos por longas fileiras de janelas, mas eu mal as notei. Em vez disso, fiquei impressionada com a movimentação no aeroporto e com a estranha língua que, mais tarde descobriria, era o inglês. E as roupas. Eu não acreditava no que via. Fiquei impressionada ao perceber que as mulheres nos Estados Unidos vestiam calças e não usavam um véu na cabeça.

O que mais me surpreendeu, no entanto, foram as pessoas de ascendência asiática. Eu nunca tinha visto um asiático antes na vida. Nem sabia que eles existiam. Já havia visto alguns poucos brancos nos programas de notícias, quando passava por um dos muitos aparelhos de televisão dos meus raptores no Egito, mas a aparência encantadora e exótica das pessoas da China, do Japão e de outros países asiáticos era algo intrigante. Estar no aeroporto era como estar em um universo paralelo. Os Estados Unidos causaram uma grande mudança na minha vida.

Talvez eu pudesse ter falado algo no aeroporto. Talvez eu pudesse ter puxado pela calça alguma das mulheres sem véu que passavam por mim e contado a minha situação. Mas eu não falava inglês. Além disso, eu tinha medo de sair de perto de Aymen, pois haviam me dito que coisas ruins aconteceriam com meus pais, irmãos e irmãs se eu não o obedecesse. Por isso não procurei por nenhum rosto bondoso no aeroporto, nem puxei a perna de ninguém. Eu estava conformada. Conformada em me deixar levar,

conformada àquele novo país, conformada com uma vida de trabalho árduo.

Hoje consigo olhar para trás e ver como tudo estava errado comigo. Uma garota de 10 anos deveria ser entusiasmada e cheia de vida. Deveria ter um monte de amigos, aprender coisas importantes na escola e, à noite, ser colocada na cama por pais que a amam. Eu não tive nada disso. No fundo, acho que foi bom que eu não tivesse ideia do que estava faltando em minha vida.

O voo de Nova York a Los Angeles não foi tão longo quanto o do Egito a Nova York, mas parecia. Sentei de novo no fundo, enquanto Aymen foi na parte da frente. Quando pousamos na Califórnia, no dia 3 de agosto de 2000, de alguma forma eu sabia que os voos haviam terminado. Fiquei contente, já que a viagem toda tinha levado um dia inteiro e uma noite.

Eu não havia aprendido nada sobre fuso horário, portanto estava duplamente desorientada com o *jet lag* e a mudança de hora. O Cairo está à frente de Los Angeles nove ou dez horas, dependendo do horário de verão. O tempo de voo entre o Cairo e Nova York é de quase 12 horas. Contando o tempo para chegar ao aeroporto, os dois voos e o tempo de espera entre eles, eu estava viajando havia pelo menos 22 horas.

Antes de encontrarmos A Mãe e sua filha mais velha, tivemos de passar pela alfândega. Ali, um funcionário me olhou estranho. Ele demorou muito tempo olhando meu passaporte e meu visto, até que me fez uma pergunta.

Calmamente, Aymen me disse:

– Sorria.

Eu sorri. Depois soube que Aymen havia explicado ao homem que eu não falava nem entendia inglês. Até aí era verdade. Então ele disse ao funcionário:

– Estou adotando a garota. Quero levá-la à Disneylândia.

Muitas vezes me perguntei aonde a vida teria me levado se aquele funcionário da alfândega tivesse me interrogado, me detido

ou me mandado de volta para o Cairo. Será que eu teria voltado a viver com a minha família? Ou será que meus pais teriam me devolvido aos meus raptores? E, se me devolvessem, será que os meus raptores teriam tentado me levar de novo aos Estados Unidos? É claro que nunca terei essas respostas, mas por muitos anos refleti sobre isso.

•••

A nova casa dos meus raptores ficava em um condomínio fechado na cidade de Irvine, na Califórnia, mas não era nada parecida com a que eles tinham deixado no Egito. Em vez de quatro andares, aquela casa de estuque tinha só dois andares. Em vez de muitos hectares, ali era apenas um pequeno lote. No lugar de numerosos quartos, a casa tinha só quatro: a suíte, um quarto para as duas filhas mais velhas, um para os gêmeos e um quarto menor para a filha mais nova. Eu dormia em uma despensa minúscula e sem janelas em uma garagem para três carros.

Meu quarto tinha um colchão de casal que ficava sobre uma estrutura metálica baixa. Não havia espaço para minhas roupas, então elas ficavam na minha mala. Como naquele espaço não havia aquecimento nem ar-condicionado, estava sempre ou um calor infernal ou um frio de rachar. Havia pouca circulação de ar, o que me trazia dificuldades para respirar, mesmo quando eu deixava entreaberta a porta que dava para a garagem. Nunca vi outra casa com essa estrutura na garagem, e hoje me pergunto se meus raptores mandaram construir aquele quarto para mim no período entre a aquisição da casa e a minha chegada.

No começo, havia uma lâmpada no meu quartinho, mas após alguns meses ela queimou. Eu era baixa demais para trocá-la. Então, o quarto ficava sempre muito escuro. Ficar deitada ali naquela escuridão abafada passou a ser algo que me dava pavor, e hoje sempre deixo uma luz acesa à noite. A escuridão completa me

leva de volta àquelas terríveis horas que eu passava na garagem, e essas são lembranças que prefiro não ter.

Os parentes d'A Mãe, Sefu e sua mulher Nebit, viviam na casa ao lado. Eles haviam viajado com a família dos meus raptores, porém não havia espaço para eles naquela casa. Quase todos os dias, Nebit aparecia por lá. Ela e A Mãe passavam bastante tempo juntas, como faziam quando moravam no Egito. Nebit e Sefu não tinham um criado para eles, então meu trabalho era manter as duas casas impecáveis, além de também ser a babá dos gêmeos.

Quando cheguei, os membros da família, incluindo A Mãe e O Pai, foram de certa forma gentis comigo. As crianças estavam fazendo suas tarefas, como arrumar os próprios quartos. Eles me disseram que meu único trabalho seria limpar os banheiros. Mas havia uma grande diferença entre o que eu deveria fazer e o que eu realmente fazia.

De manhã, eu acordava antes de qualquer um da família. Ali também eu não tinha um despertador, e no Egito normalmente era outra pessoa que me acordava. Agora eu era obrigada a acordar por minha conta. Eu nunca dormia bem, mas, nas raras ocasiões em que eu não estava de pé ao amanhecer, um dos gêmeos ia me chamar.

Quando despertava sozinha – o que acontecia quase sempre –, eu precisava bater à porta que ligava a garagem à casa, pois a família costumava trancá-la à noite. A porta trancada tornava as coisas mais difíceis para mim, pois usava um banheiro que ficava dentro da casa, ao lado do escritório d'O Pai. Se eu precisasse usar o banheiro no meio da noite, não podia. Tinha de esperar até a manhã seguinte.

Assim que os gêmeos levantavam, eu passava as roupas que eles usariam para ir à escola naquele dia. Depois, checava se eles tinham se lavado, e então acordava a filha mais nova. Depois que ela tivesse escolhido sua roupa do dia, eu a passava, e então, preparava o café da manhã para eles – e o almoço também – antes

de mandá-los para a escola. Nunca passou pela minha cabeça que eu deveria estar indo para a escola com eles. Eu era Shyima, a garota estúpida, a escrava.

Àquela altura, as duas filhas mais velhas, que estavam no Ensino Médio, já haviam levantado. Toda manhã, minhas primeiras palavras para elas eram:

– O que posso fazer por vocês?

Então, eu passava suas roupas e preparava o café da manhã delas, com café, suco, ovos, cereais e bacon.

Elas costumavam me interromper pelo menos uma dúzia de vezes. Uma reclamava que eu não tinha passado algo direito, enquanto a outra me mandava apanhar sua bolsa ou suas chaves.

Depois que elas iam para a escola, eu começava a limpeza pelo andar de baixo. Primeiro eu arrumava a sala de estar ao lado da cozinha, pois, quando A Mãe e O Pai finalmente levantavam, era para lá que iam. O escritório d'O Pai e o banheiro ao lado eram os próximos lugares que eu limpava, seguidos por duas outras salas que ninguém usava. Apesar disso, A Mãe checava todo dia se eu havia passado aspirador e tirado o pó delas. Ela costumava dizer:

– Eu não paguei uma fortuna nesses móveis para eles ficarem cheios de poeira.

Logo depois do meio-dia, A Mãe e O Pai levantavam. Quando isso acontecia, minha primeira tarefa era preparar a banheira para A Mãe. Depois, antes de os gêmeos voltarem da escola, eu precisava recolher a bagunça, tirar o pó e passar o aspirador em quatro quartos, além de limpar *toda* a casa de Nebit. Na casa d'A Mãe, ela e Nebit recebiam com frequência mulheres que haviam conhecido na mesquita. Elas não faziam muito além de bater papo em árabe (A Mãe não falava nada de inglês; Nebit falava inglês com dificuldade). Quando essas mulheres vinham, tudo tinha que estar ainda mais impecável.

O trabalho nunca tinha fim. Quando estava no Egito, ainda tinha a ajuda de outros empregados. Mas eu era a única

empregada/escrava que meus raptores haviam trazido para os Estados Unidos. Aos 10 anos, era responsável por tudo aquilo.

Quando os gêmeos chegavam em casa, eu já havia deixado o lanche deles pronto e, como A Mãe sempre queria que eu cozinhasse algo, já começava a preparar o jantar. Raramente ela cozinhava. Depois que a família terminava de jantar, eu finalmente podia fazer minha única refeição do dia.

Depois, era hora de preparar os meninos para dormir. Eu os vestia com os pijamas e puxava as cobertas da cama que havia arrumado mais cedo. Até a pasta de dente eu colocava na escova deles. À meia-noite, bem depois que a família tinha ido dormir, eu ainda estava lavando a louça e arrumando a grande bagunça que todos faziam. Algumas noites, ficava acordada até as duas, três, às vezes quatro da manhã. E tudo começava outra vez.

•••

Minha rotina variava de vez em quando. Meus raptores recebiam frequentemente visitas do Egito. Na maioria das vezes, eram parentes. Quando eles chegavam, as crianças precisavam dividir seus quartos, liberando espaço para os hóspedes. Como era uma longa viagem, os visitantes frequentemente ficavam mais do que um fim de semana. Os meus raptores ficavam contentes em ver seus familiares, mas aquilo significava que eu teria de cozinhar e limpar para mais pessoas, teria mais bagunça para arrumar, mais roupa para lavar, secar e passar. Eu sempre ficava contente quando eles iam embora.

Às vezes, as crianças também recebiam amigos. Quando isso acontecia, me diziam para ficar na cozinha, fora de vista. No começo, eu achava que a família tinha vergonha de mim, mas então me ocorreu que os meus raptores sabiam que minha condição na casa não era aceitável nos Estados Unidos. Isso ficava ainda mais claro quando eles mandavam eu me esconder na despensa. Eu amava e odiava aquele pouquinho de tempo livre. Eu conseguia

descansar e relaxar um pouco, mas sabia que o meu trabalho ainda teria de ser feito, sabia que cada minuto que eu passava escondida significava um minuto que eu ficaria sem dormir naquela noite.

Outro motivo para eu odiar a despensa era que não havia circulação de ar ali. Era quente e abafado, por isso precisava fazer um esforço para relaxar e conseguir respirar.

Embora não gostasse do tempo que passava na despensa, eu tinha muitas razões para ficar ali. Certa vez, A Mãe disse que, se alguém além da família e das visitas do Egito me vissem, eu seria espancada, minha família seria espancada e eu jamais veria os meus familiares de novo. Às vezes, eu não conseguia me esconder rápido o bastante ou não sabia que havia alguém na casa, e um visitante acabava me vendo de relance. Quando isso acontecia e as pessoas perguntavam quem eu era, diziam que era uma prima do Egito que estava fazendo uma visita.

Apesar de tudo, eles confiavam em mim o bastante para levar os garotos a um parquinho do outro lado da rua. Ali havia um escorregador e alguns balanços, entre outros brinquedos. Os gêmeos, que àquela altura estavam com 7 anos, se divertiram bastante. Mas eu não tinha permissão para brincar. Ficava sentada em um banco, tomando conta dos meninos. Eu me pergunto se os meus raptores tinham ideia de como aquilo parecia estranho. Eu tinha 10 anos, mas era pequena e aparentava ser mais nova. Era uma criança que deveria estar me divertindo com as outras, mas eu nem conseguia lembrar a última vez que havia feito isso.

Aquela era a primeira vez na vida que eu ia a um parque. Quando vivia com minha família no Egito, a gente brincava na rua ou em terrenos baldios. Nem sei se na região em que eu morava havia algo parecido com um parque.

A primeira vez que saí com os meninos foi também a primeira vez que estive fora da casa dos meus raptores. Era silencioso, o que me surpreendeu. Na rua havia poucos carros e ainda menos pessoas andando. Eu esperaria silêncio do lado de fora se estivéssemos na

casa que eles tinham no Egito, já que era uma grande propriedade, sem qualquer construção por perto além das casas dos empregados. Fora isso, minha única experiência de vida havia sido no centro de uma cidade, e ali havia sempre muito barulho e agitação.

Às vezes, mães e babás que tomavam conta de outras crianças queriam saber sobre mim. Uma dessas mulheres demonstrou especial interesse. Era uma linda mulher asiática que, depois de me observar por um tempo, disse algo para mim. Eu não falava inglês, então um dos gêmeos comentou:

– Ela é uma amiga nossa que mora no Egito.

Eu estava apavorada. Meu coração parecia que ia sair para fora do peito. Não sabia se a mulher havia suspeitado de algo. Embora quisesse me ver livre daquela casa, eu tinha tanto medo do que poderia acontecer a mim – e à minha família – se a mulher dissesse alguma coisa, que cheguei a ficar sem ar. Comecei a juntar nossas coisas e pedi aos garotos para voltarmos para casa, mas eles queriam ficar e brincar. Com meu coração ainda pulando, eu dei uma garrafa de água para cada um e sentei para esperá-los.

Os meninos devem ter percebido o olhar demorado e curioso que a mulher lançou a mim e comentado sobre isso com A Mãe. Depois daquilo, nós só podíamos ir ao parque depois que A Mãe checasse o outro lado da rua e visse que não havia ninguém por perto.

Próximo do parquinho havia um parque muito maior, com piscina. No verão, eu costumava levar os garotos para nadar ali. O fato de eu ficar em uma espreguiçadeira com a comida e as toalhas não chamava a atenção, pois muitas pessoas preferiam sentar ao redor da piscina, em vez de entrar nela. Os gêmeos viviam me chamando para cair na água, mas, além de não saber nadar, eu tinha certeza de que A Mãe e O Pai não aprovariam aquilo.

Eu não tinha nada “bonito” para vestir na piscina, e vivia constrangida por minhas roupas estarem tão sujas. De vez em quando, pegava alguém me olhando com uma cara esquisita, e isso

me deixava mal. Eu ainda não falava nada de inglês, apesar de pescar uma ou duas palavras soltas nas conversas dos gêmeos ou observando outras crianças no parque e na piscina. “Oi” era uma dessas palavras. Ficava sempre imaginando como faria para pedir ajuda caso algo acontecesse aos gêmeos, pois eu nem saberia como descrever o tipo de emergência. Outra coisa que ficava pensando era no que iria dizer se alguém, por acaso, me abordasse. Mas isso nunca aconteceu. As pessoas estavam muito animadas na piscina para prestar atenção em mim. Se isso era bom ou ruim, eu não sabia dizer.

Como não conseguia entender nenhuma das conversas ao meu redor, eu estudava as pessoas – o jeito como elas andavam, sua linguagem corporal, o modo como interagiam. Mesmo já tendo 10 anos, meu contato com grupos de pessoas era muito limitado. Na minha família, eu basicamente só interagia com meus irmãos mais novos e minha mãe. Na casa dos meus raptores, raramente via alguém além da família e de seus parentes. Por isso ir à piscina era tão fascinante.

Da minha espreguiçadeira, desviava o olhar das travessuras dos gêmeos na piscina para observar como as adolescentes agiam. Olhava quando um garoto e uma garota andavam juntos, tentando adivinhar se eram irmãos, amigos ou namorados. Observava mulheres mais velhas, casais e salva-vidas – estes eram, na verdade, adolescentes mais velhos em uma certa posição de autoridade. Eu via avós, pessoas de diferentes raças e criancinhas.

Embora as relações entre as pessoas continuassem sendo um tanto misteriosas para mim, as visitas à piscina contribuíram muito para o desenvolvimento da minha sociabilidade. Mesmo que não pudesse me comunicar verbalmente com ninguém que não falasse árabe, eu podia entender melhor o que as pessoas queriam dizer com seus olhos, sorrisos, jeitos de andar e pela distância que mantinham de quem estivesse ao lado delas.

Aqueles passeios ao parquinho e à piscina eram divertidos para os garotos, mas eu ainda tinha meu serviço para fazer. Nos dias em que os levava para passear, eu trabalhava até bem depois da meia-noite. Se, em algum momento, eu achava que iria ter menos trabalho por estar cuidando deles, estava muito enganada. No entanto, nunca levei essa questão para A Mãe ou O Pai, pois tinha medo de gritarem comigo ou, pior, que me dessem um tapa na cara. Meus sentimentos não tinham importância. Nunca tiveram. Eu era apenas Shyima, a escrava estúpida. Eu não existia.

CAPÍTULO CINCO

Certo dia, eu tive uma terrível infecção respiratória. Não sei se foi um forte resfriado, uma gripe, uma inflamação na garganta... mas eu me sentia péssima. Estava com febre alta, tosse, meu nariz pingava, meu corpo todo doía. Eu sentia fraqueza e tontura. Contei para A Mãe que não estava bem, mas ela apenas disse: “Todo mundo fica assim”, ignorando minhas preocupações.

Eu não tinha com o que comparar aquela doença, nem ninguém para me dizer o que fazer para melhorar. Por isso, não pensei muito sobre aquilo... até o dia seguinte. No outro dia estava muito, muito pior. Eu não tinha voz e sentia dor ao engolir. Imagine isso somado aos meus outros sintomas. Meu nariz estava entupido, eu respirava com dificuldade e tive mais febre que no dia anterior. Ainda assim, eu era obrigada a fazer tudo o que fazia diariamente. A Mãe não me deixava descansar. Ela se recusava a admitir que eu estava doente e a me dar qualquer remédio.

Comecei a chorar. Não havia ninguém para me dar apoio, para me orientar. Como nunca havia estado tão doente antes, eu não fazia ideia do que estava acontecendo com meu corpo. Desde que fui morar com meus raptores, sempre tive cuidado para cumprir as regras. Queria fazer o melhor trabalho que podia, pois eles ainda ameaçavam fazer mal à minha família – e a me espancar e me mandar para a cadeia –, caso eu não agisse como a escrava perfeita. Na verdade, eu tinha tanto medo de me meter em confusão por algum deslize pequeno e involuntário que tinha tremedeiras constantes, especialmente quando A Mãe estava por perto.

Agora que estava extremamente doente, no entanto, eu sabia que, para me salvar, deveria ter coragem e sair das minhas fronteiras restritas. Compreendi também que, naquele caso, deveria agir sorrateiramente. Devido às experiências anteriores de doença na família, sabia que A Mãe guardava os remédios em um armário

no seu banheiro. Eu, claro, não sabia ler árabe, muito menos inglês, portanto, não sabia a diferença entre os remédios nem para que serviam. Exceto por um.

Quando as filhas estavam doentes, via-as tomando o que, hoje sei, era um antigripal. Eu sabia que aquele remédio estava na estante e sabia como se parecia. Ele vinha em envelopinhos, talvez dez por caixa. Se eu pegasse um, será que A Mãe sentiria falta? Estava apavorada, mas sabia que precisava correr o risco.

Eu esperei até que A Mãe estivesse ocupada em outra parte da casa antes de ir limpar o banheiro. Então, rápida e cuidadosamente, peguei um envelope da caixa, fechei a porta do armário sem fazer barulho e fui ao banheiro do corredor. Com os dedos tremendo, abri ali o pacote, engoli o comprimido e bebi água direto da torneira para fazê-lo descer. Então, joguei fora o envelope, juntei tudo que havia no cesto e levei até a lata de lixo que ficava na garagem. Não sei se foi por medo ou pela doença, mas meu coração disparou durante todo o processo.

O antigripal ajudou, mas só mesmo depois de uma semana é que fiquei melhor. Hoje sei que tenho um sistema imunológico frágil. Talvez ele seja assim por genética, ou talvez por eu não ter tido uma alimentação balanceada quando era mais nova. Ou pode ser que meu corpo nunca tenha conseguido se recuperar, já que eu trabalhava demais e comia de menos. Seja qual for a causa, todo ano, em maio ou junho, pego um resfriado bravo. Fico com a garganta inflamada e tão doente que preciso ser hospitalizada.

Hoje sou grata aos profissionais de saúde que fazem meu tratamento e aos meus amigos, que cuidam de mim e me dão apoio, porque eu sei como é não ter nada disso. É fácil achar que essas coisas caem do céu, mas eu nunca acho isso. Nunca.

•••

Como no Egito, os dias nos Estados Unidos foram passando. Aniversários e feriados iam e vinham. O ano escolar começava e

acabava. Eu tinha parado de pensar em um futuro longe d'A Mãe e d'O Pai e de seus filhos mimados. Só queria chegar ao minuto, à hora e ao dia seguintes. Algumas pessoas podem procurar a religião em busca de algum conforto, mas mesmo isso me foi negado.

Quando eu era nova e morava com minha mãe e meu pai, nós não éramos profundamente religiosos. Éramos muçulmanos – como a maioria das pessoas na nossa cidade –, mas íamos à mesquita somente nos dias de celebração, embora minha mãe parecesse rezar a toda hora. Meus raptores, no entanto, tinham muitos gestos vazios em relação à prática da fé muçulmana.

A família costumava ir à mesquita regularmente para rezar. Eu pensava muito em como eles pareciam religiosos, citando o profeta Maomé num estalar de dedos e lendo o Corão todos os dias, e, ainda assim, eram incapazes de fazer uma boa ação e sempre tratavam os outros com desrespeito. Nem uma única vez eles foram gentis com o próximo. Até hoje me assombra o fato de eles terem sempre tratado as pessoas como lixo, mesmo que rezassem com seus terços muitas vezes ao dia. Minha opinião era de que o terço, obviamente, não estava funcionando.

O comportamento da família durante o mês sagrado do Ramadã era um bom exemplo. O Ramadã acontece durante o nono mês do calendário islâmico e, entre outras coisas, os fiéis devem jejuar do amanhecer ao pôr do sol. Os fiéis devem se abster de comer, beber, fumar e falar palavrões durante as horas do dia, mas eu nunca vi A Mãe ou O Pai ou qualquer um de sua família fazendo isso. Sim, havia menos comida e eles iam à mesquita com mais frequência, mas era tudo. Eles continuavam as mesmas pessoas metidas e mandonas.

Embora a religião não tenha ocupado uma grande parte da minha infância, nela eu encontrava familiaridade e conforto. Era triste que meus raptores não me permitissem participar de nenhuma de suas tradições religiosas. Enquanto estive com eles, nunca pude ir à mesquita.

Se eu não ficasse tão exausta no fim do dia, talvez tivesse tentado manter algumas das minhas próprias tradições. Mas estava sempre tão esgotada física e mentalmente que não tinha forças nem para pensar nisso. Um dia, no entanto, minha fé muçulmana veio à tona inesperadamente. Aquele dia ficou para sempre gravado na cabeça das pessoas como o Onze de Setembro.

Naquela manhã, eu estava na cozinha, quando a filha mais velha gritou alto, enquanto assistia à televisão:

– Ai, meu Deus!

Começou uma gritaria depois disso, o suficiente para fazer A Mãe e O Pai descerem de seu quarto. Eles estavam assistindo aos terríveis eventos em um canal de notícias árabe, por isso consegui pegar algo do que estava acontecendo, embora não pudesse entender muito. Eu compreendia as palavras em árabe, mas não o contexto no qual elas eram ditas.

Aquela foi a primeira vez que vi a família de meus raptores abalada. Eles ficaram abatidos pelo que os terroristas haviam feito, e logo ficariam assustados. Depois do Onze de Setembro, parecia que todos os norte-americanos estavam desconfiados de qualquer um que parecesse vir do Oriente Médio. Apesar de os Estados Unidos terem sido criados sob o princípio da liberdade religiosa, aquele não era um bom momento para ser muçulmano.

Nos dias e semanas que se seguiram ao ataque, a família passou a maior parte do tempo em casa. Quando A Mãe foi fazer o mercado, na hora em que finalmente foi necessário, ela foi sem véu. Era a primeira vez que ela fazia isso em público. No entanto, ela não se permitiu sair de casa com o cabelo totalmente descoberto e colocou um chapéu. Há muitos hispânicos no sul da Califórnia; acho que A Mãe tentou se passar por um deles.

A filha mais velha se recusou a tirar o véu, o que causou enormes brigas entre A Mãe e ela. Discutir com fervor sobre aquilo passou a ser uma coisa frequente entre as duas. Mas, passado o calor do

Onze de Setembro, a quantidade e a intensidade daquelas desavenças finalmente diminuíram.

Eu achava interessante, no entanto, como meus raptores não pareciam sentir qualquer compaixão pelas milhares de vítimas do Onze de Setembro ou por suas famílias. Em vez disso, eles temiam que algo lhes acontecesse. Eu tinha que lembrar a mim mesma de que estávamos nos Estados Unidos, em primeiro lugar, porque O Pai havia se metido em apuros no Egito, tendo sido mais seguro para ele e sua família sair de lá. Agora a família tinha medo de ser deportada. Tinham tanto pavor disso que deixaram de ir à mesquita. Para uma família como aquela estar tão amedrontada, era porque a situação estava séria.

Quanto a mim, quando finalmente entendi o que havia acontecido, não pude acreditar. Como alguém de qualquer religião pode ser tão cruel a ponto de matar tantas pessoas? Aquilo estava além da minha compreensão, e ainda está. Embora tenha alguns problemas com a cultura muçulmana, eu sabia que ser muçulmano não tinha nada a ver com destruição, e sim com amar e servir a Deus. Aqueles monstros que mudaram o curso da História não representam a vasta maioria dos que seguem a fé muçulmana. Depois daquilo, descobri que existem pequenos grupos extremistas em muitas religiões.

Um dos problemas que eu tinha com a religião muçulmana, e com a cultura árabe em geral, é o fato de que ambas são patriarcais, isto é, o homem é quem manda na casa. Muitos homens, incluindo a maioria dos homens muçulmanos que conheci até o momento, entendem isso como governar com mão de ferro. Esses homens têm o pavio curto e, quando explodem, acabam agredindo verbal e fisicamente quem estiver no caminho deles.

Eu não me dei conta na época, mas os anos da minha primeira infância e o tempo em que vivi com meus raptores me tornaram uma pessoa emocionalmente forte. A pesada responsabilidade de cuidar dos meus irmãos desde cedo me fez ser capaz de tomar conta de

mim mesma, acabei desenvolvendo um certo tipo de esperteza. É por isso que, com o passar do tempo, comecei a olhar para esses homens árabes como se eles fossem personagens de desenho animado cheios de si, em vez de pessoas merecedoras de respeito. Eram, no entanto, personagens bem perigosos. Por isso, tive sempre o cuidado de ficar longe de qualquer homem árabe.

Naquela época, eu não conhecia outras religiões, com a exceção dos judeus, de cuja existência eu tinha conhecimento quando morava no Egito. Meus pais achavam, porém, que os muçulmanos não deviam se misturar com eles. Aquele era um sentimento que ecoava pelo bairro inteiro. Depois de um dos meus longos dias, quando eu finalmente podia deitar em minha cama naquele apertado e sufocante quarto na garagem, eu rezava para um Deus de todas as religiões. Toda noite eu rezava: “Por favor, me deixe ir para casa. Eu odeio o jeito como eles me tratam aqui. Sinto saudade da minha família. Por favor, me deixe ir para casa”.

Na maioria das noites, eu adormecia repetindo sem parar aquelas palavras na cabeça. Conforme os dias, semanas e meses passavam, comecei a acreditar que Deus não me amava, porque nada mudava em meu mundo. Eu não fui mandada para casa, e a família continuava me tratando mal como sempre. A Mãe era a pior. Ela era cruel. Enquanto o resto da família sabia que eu estava lá para fazer o que eles quisessem, A Mãe, acima de tudo, sabia como usar aquilo contra mim. Ela fazia eu me sentir um zero à esquerda, e eu era muito nova e sem instrução para conseguir superar aquele modo negativo de pensar. Eu odiava todos, mas ela em especial.

Comecei a achar que nunca conseguiria deixar aquela família, nunca conseguiria ter minha própria vida. Durante aquele tempo, nunca tive um momento de felicidade. Nem um sequer. O resultado disso era que eu não sentia qualquer emoção durante o dia. Só que isso devia sobrecarregar meu subconsciente, pois à noite eu tinha os mais terríveis pesadelos.

Um desses pesadelos ficou gravado em minha mente, pois o tenho até hoje. Nele, estou no Egito com minha mãe. Estamos no meio da rua, onde está a tampa de um bueiro que leva ao esgoto. No meu sonho, minha mãe levanta a tampa, me coloca no esgoto e me fecha ali. Está escuro e úmido ao meu redor, eu grito sem parar. Tenho medo e não entendo por que minha mãe fez aquilo comigo.

Daquele modo estranho que só acontece nos sonhos, eu consigo ver o lado de fora, embora esteja presa no esgoto. Vejo minha mãe pegar uma coberta que tínhamos em nosso apartamento – xadrez branco, azul-claro e azul-marinho – e colocar sobre a tampa do esgoto. Invariavelmente, quando acordo desse sonho, estou chorando.

Apesar de chorar durante e após o sonho, não havia ninguém para me ouvir, para me confortar. Eu acordava com aquelas imagens horríveis na cabeça, empapada de suor, o coração a mil. Então, sentava ali no escuro e me abraçava enquanto chorava.

Não é preciso ser um gênio para ver a relação entre meu sonho e minha vida real. Em ambos os casos, minha mãe me jogou fora e me prendeu em uma vida que eu não queria levar. A consequência disso é que comecei a ter pavor de ir dormir e nunca conseguia ter um sono tranquilo. E é assim até hoje.

•••

A lembrança da minha família era a única coisa que me fazia continuar passando aqueles momentos difíceis, ainda que frequentemente eu sentisse muito ódio da minha mãe e do meu pai. Achava que eles deviam ter lutado mais para me manter no Egito. Deviam ter tentado me resgatar dos meus raptores. Mas eles não fizeram nada disso. Na perspectiva deles, o que tinha acontecido comigo foi uma “infelicidade”, mas era uma coisa aceitável da vida.

Nunca entendi de que modo minha vida de escrava podia ser aceitável. Muitas vezes A Mãe me dizia:

– Veja quanta coisa boa a gente está fazendo por você. Tem um teto para morar, vive em uma bela casa, e ainda garantimos um ambiente feliz. Que menina sortuda você é.

Eu queria que ela ficasse no meu lugar só por um dia. Quem sabe assim ela não falasse tantas besteiras.

Embora a raiva da minha situação estivesse me tomando aos poucos, felizmente eu não tinha muito tempo para pensar nisso. Estava ocupada demais acordando cedo, sendo maltratada e recebendo broncas. Como agora eu era a única serviçal da família, se algo estivesse errado, não havia mais ninguém para levar a culpa toda. Aquilo me deixava furiosa. Não sei como conseguia conter toda a raiva. Mas eu conseguia.

Acho que a única situação em que eu podia manter alguma dignidade ou autoestima era durante as poucas horas que tinha para mim no meio da noite. Aquele era o meu momento, no qual podia finalmente baixar minha guarda e ser eu mesma. Durante o dia, precisava ser submissa, manter a cabeça baixa e sorrir – mesmo que estivesse fervendo por dentro. Aquela não era eu. Por natureza, eu era uma pessoa que dizia o que pensava. Tinha opiniões e pensamentos claros e, antes de viver com meus raptores, costumava falar o que sentia para todos ao meu redor.

No meio da noite, pensava principalmente nos meus irmãos mais novos. Eu havia conseguido manter comigo a foto de família que minha mãe me deu no Egito. À noite, costumava segurá-la e passar meus dedos pelos rostos dos meus irmãozinhos. Onde eles estariam agora? O que estariam fazendo? Odiava não estar acompanhando suas vidas. Mesmo quando era obrigada a tomar conta deles, aquele era meu momento de alegria, meu tempo de "criança". Com eles, tinha liberdade para passear pelo nosso bairro, para brincar, para fazer escolhas. Tudo aquilo tinha desaparecido.

Aquelas horas noturnas eram o único tempo que eu tinha para cuidar das *minhas* necessidades, como tomar banho, lavar minhas roupas etc. Eu não tinha permissão para usar a máquina de lavar

roupa e a secadora da casa. Elas eram para a roupa da família. Além disso, pouco depois que cheguei na casa, A Mãe me disse:

– Estúpida, suas roupas são sujas demais para as nossas máquinas.

Por isso é que, à noite, eu lavava minha camiseta, calça e roupas íntimas em um balde na garagem. Na escuridão da noite, eu as torcia e colocava para secar em um varal no quintal.

Quando eu crescia e as roupas não serviam mais, eles me davam roupas usadas de uma das filhas. Isso funcionou até eu fazer 10 anos e começar a me desenvolver. Eu não tinha um sutiã, mas alguém deve ter percebido a mudança no meu corpo, e A Mãe me deu um velho sutiã que não cabia em suas filhas. Não cabia em mim também. Era muito apertado e pinicava.

Certo dia, quando eu tinha 10 anos, tive minha primeira menstruação. Eu estava fazendo meu serviço quando tive uma dor aguda e uma sensação de molhado. Ninguém nunca tinha me falado sobre de onde vêm os bebês ou coisa assim, mas eu tinha feito muitas descobertas nas faxinas que fazia no quarto das filhas. Embora estivesse esperando que minha menstruação viesse em algum momento, eu não estava preparada para o que vinha com ela. Tive inchaço e cólicas terríveis, mas, assim como no caso da gripe, não podia tomar qualquer medicação para aliviar os sintomas.

Assim que A Mãe acordou, olhei para o chão e perguntei:

– Será que a senhora poderia me dar um absorvente?

Já tinha ouvido as garotas pedirem absorventes para A Mãe quando estavam menstruadas, e achei que também os receberia. Ela me deu alguns, mas não eram os mesmos que ela e suas filhas usavam. Meu absorvente era de uma marca barata que não se fixava bem. Uma vez A Mãe me acusou de ter roubado os absorventes bons. Eu não roubei, claro. Tinha medo demais dela para fazer aquilo. No meio de um de seus discursos inflamados, reclamando de como eu era inútil, ela disse:

– Você não merece nem um bom absorvente.

Sério? O que eu havia feito, além de ser uma boa garota, para não merecer usar um absorvente íntimo decente? Eu estava fora de mim de tanta raiva. Comecei a perguntar a Deus por que minha vida era daquele jeito. Eu entendia que muitas pessoas no Egito e em outras partes do mundo viviam como eu. Mas sabia que era errado, e jurei que algum dia faria o que pudesse para mudar isso. Ninguém, nem uma única pessoa, merece ter sua vida e liberdade roubadas.

•••

Nos Estados Unidos eu não tinha permissão para abrir a porta. Qualquer pessoa poderia estar do lado de fora (e eu seria descoberta). Apesar desse impedimento, um amigo ou primo d'O Pai começou a frequentar a casa. Ele trazia sua família e... uma garota como eu, escrava. No decorrer das visitas, a garota me disse que estava planejando fugir.

– Eu sei onde eles guardam meu passaporte – disse ela.

Eu também sabia onde guardavam o meu, mas não ousava escapar. A ameaça de maltratarem minha família pesava muito sobre mim. Apesar de meus sentimentos estarem divididos em relação aos meus pais e ao que eles haviam permitido acontecer comigo, eu não queria que nada de ruim acontecesse a eles. Minha maior preocupação era com meus irmãos mais novos.

Além disso, para onde iria? Não sabia ler nada em inglês e falava só uma palavra ou duas. Dizer "oi" para alguém na rua não ia me trazer segurança ou descrever minha situação para ninguém. Eu não tinha nenhum conhecimento da cultura aqui. Achava até que poderia ser mandada de volta aos meus raptores. E a vida seria bem pior. Achava que poderia ser enviada para uma horrível prisão onde seria espancada diariamente. Não, eu não podia ir embora. Não naquele momento. Nem nunca.

CAPÍTULO SEIS

Eu não podia arriscar uma fuga, mas oportunidades apareciam de tempos em tempos. Em diversas ocasiões, meus raptores fizeram viagens em família e, quando isso acontecia, eles sempre me levavam junto. Certa vez, eles foram acampar no lago Big Bear, é um destino de viagem popular na floresta nacional de San Bernardino, a cerca de 150 quilômetros de Irvine, onde morávamos. Como não havia lugar para mim no carro da família – um utilitário esportivo –, eu viajava em um minúsculo espaço atrás do banco traseiro, junto com a bagagem. Quer dizer, com a bagagem deles. Eu não tinha nenhuma e não levava nada comigo além da camiseta e da calça que estava vestindo.

Como você pode imaginar, era bem apertado e desconfortável lá atrás. Além disso, enquanto o sol de verão batia em mim pelo vidro do carro, a viagem parecia durar uma eternidade. Apesar de o carro ter ar-condicionado, comigo e as muitas malas espremidas em um espaço tão pequeno, quase não havia circulação de ar.

Como eu ia sentada no chão, os outros motoristas não podiam me ver. Mas, mesmo que eu pudesse ser vista através da película escura que havia nos vidros, duvido que alguém teria avisado a polícia. O modo como eu viajava era ilegal, mas, apesar de muitos estados proibirem o transporte de pessoas na caçamba de uma caminhonete, essa lei não costumava ser aplicada. Hoje tremo só de pensar no que poderia ter acontecido comigo se tivesse havido um acidente. Se algum carro tivesse batido na traseira do carro ou se tivesse acertado o painel traseiro, próximo de onde eu estava, provavelmente não teria chance.

No entanto, conseguia enxergar pelas janelas. Aquela era a primeira vez na vida que via montanhas ou bosques, e fiquei bastante impressionada, especialmente com os picos tão altos. Acho que foi por ter ficado tão maravilhada com o cenário que

aquela viagem marcou minha memória. Durante o caminho, tinha tempo para pensar e entendia que a família estava saindo de férias, mas não sabia para onde ou por quanto tempo. Já tinha me acostumado a não ter uma visão de tudo e aprendido a deixar as coisas acontecerem. Que outra opção eu tinha? Não havia nada, absolutamente nada na minha vida sobre a qual eu tivesse controle.

Finalmente, chegamos a uma grande cabana. Enquanto a família se entusiasmava com o lugar, eu descarregava as malas do carro e as levava para dentro. As crianças corriam por todos os cantos, enquanto eu lutava para colocar a mala de cada um na cama certa. A cabana era grande, com dois quartos: um para A Mãe, O Pai e os gêmeos, e o outro para as meninas. Havia uma cama para cada um – exceto para mim. Eu dormia no chão do quarto das meninas, com apenas uma manta para me cobrir.

Alguns amigos da família chegaram mais tarde. Nos dias seguintes, quando todos saíam para explorar a região, eu permanecia na cabana. Ficava sentada em uma cadeira na cozinha. Não havia nada para comer, nada para assistir, nada para lavar, dobrar, cozinhar ou limpar. Eu não queria cair no sono, porque sabia que O Pai iria me bater se chegasse em casa e me encontrasse dormindo. Por isso ficava sentada, sem saber se eles iam aparecer na porta em uma hora ou no fim do dia.

Quando a família voltava, todos queriam tudo ao mesmo tempo, e eu corria para fazer a vontade de cada um. Uma ou duas vezes, no entanto, consegui fazer um passeio na mata com os gêmeos, e gostei da experiência. Amei a tranquilidade e a paz daquelas árvores tão altas e desejei ficar ali para sempre.

Em outra ocasião, a família foi para a Disney da Califórnia. A casa deles em Irvine não ficava longe, mas as viagens de ida e volta tornaram o dia bastante cansativo. No parque, minha função era cuidar dos gêmeos, dar seus lanches quando estivessem com fome e esperar na fila de diversos brinquedos com eles. Eu não ia a nenhum dos brinquedos, claro. Tentava ficar invisível, pois tinha

medo que alguém quisesse saber por que eu não ia aos brinquedos com as outras crianças ou perguntasse onde estavam meus pais. Naquela época eu tinha 11 anos, mas era pequena e parecia bem mais nova. E, diferente dos garotos, que tinham inglês fluente desde que viviam no Egito, eu ainda não lia, falava ou entendia a língua.

Os garotos estavam empolgados com a Disneylândia, mas eu não sabia o que pensar a respeito. Não havia nada parecido com aquilo no Egito – não que eu soubesse, pelo menos. Para falar a verdade, achei a Disneylândia bem esquisita. Todo mundo agia feito bobo ali, e eu não entendia o motivo. Ficava segurando as mochilas dos meninos e esperando. Para mim, aquele era um lugar qualquer. Você poderia pensar que eu me interessaria pelas atrações, mas isso mostra bem como andava meu estado de espírito e o quanto meus raptores me colocavam para baixo.

A Disneylândia pode não ter despertado meu interesse, mas o SeaWorld, sim. Pude sentar na plateia e assistir às apresentações, adorando cada segundo do espetáculo. Amei a água, os animais e as pessoas. Era a primeira vez que ia a um espetáculo como aquele. Nunca tinha ido nem ao cinema – ou ao teatro ou a um show de música. Acho que foi por isso que me apaixonei pelo SeaWorld. Eu não sabia que lugares como aquele existiam.

Fiquei tão cativada que aprendi uma nova palavra: “golfinho”. Além das incríveis apresentações, havia uma parte do parque onde se podia pagar para nadar com os golfinhos. As garotas se inscreveram na hora. Elas sumiram dentro de uma pequena estrutura e reapareceram, alguns minutos depois, com roupas de mergulho. Depois, foram a um dos tanques e nadaram com os golfinhos. Minha função era gravar um vídeo delas n’água. Eu nunca tinha usado uma câmera de vídeo antes, mas O Pai a ligou e passou para mim. Assim, fiquei olhando pelo visor e gravando as garotas se divertindo a valer.

Anos depois, esse foi um dos vídeos usados no processo judicial contra os meus raptores. Ainda que eu não possa ser vista na

imagem, minha voz pode ser ouvida. O áudio deixa claro que eu não era “parte da família”, diferente do que meus raptores haviam alegado às autoridades.

A Mãe ou O Pai, um dos dois, gravou também outras situações naquele dia. Em uma cena, eu aparecia sentada ao lado dos seus filhos, rindo junto com eles de alguma palhaçada que estava acontecendo na piscina. Meus raptores usaram esse único instante meu agindo como uma criança normal para tentar convencer o governo norte-americano de que a família me tratava muito bem. Ainda bem que as autoridades puderam ver quem meus raptores eram de verdade.

Durantes esses dias especiais em família, A Mãe e O Pai não pareciam preocupados com minha presença em público. Afinal de contas, eu sabia apenas três palavras: “oi”, “golfinho” e “meia-irmã”. Eu nem sabia o significado da última. Eles haviam me ensinado a dizê-la, caso alguém por acaso perguntasse sobre mim. Que problemas eu poderia causar – meus raptores deviam pensar – com essas três palavras?

•••

Uma das muitas regras dos meus raptores era a de que, em casa, só era permitido falar árabe. Não sei se aquilo era para que as crianças mantivessem sua própria cultura, se era porque A Mãe e O Pai achavam que aquela passagem pelos Estados Unidos seria curta e logo eles estariam de volta ao Egito, ou se era para me impedir de aprender inglês. De qualquer modo, certo dia, entendi perfeitamente quando os gêmeos disseram em árabe:

– Mãe, a garota estúpida está sendo malvada com a gente.

O resultado é que ela me deu um tapa bem forte no rosto. Essa foi uma das muitas vezes que ela me bateu. Mas normalmente quem fazia isso era O Pai.

Nesse caso, porém, meu tom com os gêmeos tinha sido um pouco mais duro por pura frustração. Já era noite. Eu tinha colocado

a pasta de dente em suas escovas, como sempre, mas, quando falei para eles escovarem os dentes, os dois me ignoraram. Uma das minhas muitas responsabilidades era fazer os gêmeos seguirem um horário. A hora de dormir era às oito e meia, e eu sabia que A Mãe e O Pai não iam ficar contentes se eu não colocasse os meninos na cama na hora certa.

– Meninos – repeti –, hora de dormir. Está na hora de desligar a televisão e escovar os dentes.

A terceira vez que repeti o pedido, eles disseram para A Mãe que eu estava sendo malvada com eles.

O tapa doeu. No entanto, o primeiro pensamento que passou pela minha cabeça foi de que devia ter gritado com os garotos o mais alto que podia. Eu imaginava que o tapa que iria levar por perder a cabeça com eles não podia ser muito mais forte que o tapa que levei apenas por tentar fazer o meu trabalho.

Em outra situação, A Mãe me acusou de fazer algo relacionado aos meninos que eu não havia feito. Quando tentei explicar, ela me chamou de mentirosa, me agarrou pelos ombros e me empurrou. Forte. Tapas, empurrões e berros eram parte da minha vida naquela casa. Tanto A Mãe quanto O Pai gritavam comigo constantemente.

Toda vez que não fizesse algo rápido o bastante ou com a perfeição desejada, eu ouvia:

– Este é o seu trabalho! Quem mais vai fazer o seu trabalho? Não é o meu trabalho. É o seu, garota estúpida!

Isso normalmente era seguido de um jato de palavras depreciativas, como:

– Você não é nada, não é ninguém. Você é estúpida. Você tem sorte de estar aqui. Ninguém mais iria querer você.

A Mãe era mestre em fazer as pessoas se sentirem um lixo. Na realidade, ela se dirigia a mim aos berros muito mais frequentemente do que em tom de conversa. Seus filhos eram poupados dos ataques, mas eles costumavam ser o alvo da fúria d'O Pai. Na verdade, eu tinha bem mais medo dele. Todo dia A Mãe

dizia a ele o quanto estava insatisfeita comigo, qual atitude ruim eu havia tido. Tentava escapar dele, mas nem sempre era possível. Quando ela gritava, eu podia ficar ali e aguentar. Quando ele gritava, eu recuava e me encolhia. Não conseguia evitar. O medo que sentia dele era grande desse jeito. Uma vez ele me deu um tapa com tanta força que meu rosto ficou formigando por dias.

•••

Com o passar dos meses, perdi a noção do tempo. Já não tinha ideia de há quanto tempo estava lá, ou mesmo quantos anos eu tinha. Nem do dia em que havia nascido eu lembrava. É claro que nenhum dos meus aniversários eram comemorados, embora, certa vez, uma das filhas tenha agido de maneira um pouco menos detestável comigo e me dito que era por ser meu aniversário.

A filha mais velha terminou o Ensino Médio e começou a frequentar a faculdade, mas continuava morando na casa. A filha do meio estava indo bem no Ensino Médio, e a mais nova – a garota que tinha minha idade – estava nos anos finais do Ensino Fundamental. Os gêmeos estavam terminando os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em todos aqueles anos, nunca fui ao médico ou ao dentista. Nunca fui ao mercado, ao restaurante, à biblioteca. Na verdade, sempre pensei que todas as coisas compradas vinham do mesmo lugar. Achava que existia uma grande loja que vendesse de tudo, como o Walmart, mas nunca cogitei que pudesse haver outras lojas também.

Eu não fazia ideia do tempo que estava vivendo como escrava, mas já tinha perdido qualquer esperança de que minha vida fosse mudar. Estava conformada com a ideia de envelhecer naquela família e continuar na minha posição inferior na casa.

Por vezes, odiei a Deus, mesmo rezando todos os dias. Quem mais estava ali para falar comigo? Em muitos momentos, fiquei furiosa, sentindo muita falta da minha família, a ponto de não

conseguir dormir. Em alguns dias, eu queria chutar meus raptores e gritar com eles. Queria encher a cara deles de bofetadas, assim como eles faziam comigo. Mas nunca fiz isso. Eu tinha medo demais.

No fundo, sabia que manter outra pessoa presa, como eles faziam comigo, era errado. Sabia que nenhuma família tinha alguém como eu dormindo em sua garagem. Embora não imaginasse como ou quando, esperava que um dia pudesse me livrar daquela família e que minha vida melhorasse. Eu esperava, com todas as forças, que pudesse um dia ver novamente meus irmãos mais novos. Relembrava alguns fragmentos deles e do lugar onde vivíamos. Em certas noites, até sonhava em pegar um táxi que me levasse, pelos Estados Unidos e pelo oceano, de volta ao nosso apinhado apartamento de dois cômodos.

Aquilo nunca aconteceu, nem iria acontecer. Mas outra coisa, sim. Alguém – talvez um vizinho, ou uma mãe que tenha me visto no parque, ou uma pessoa que me avistou com os garotos na piscina – alguém, um maravilhoso alguém, fez uma ligação.

Essa pessoa desconhecida talvez tenha me visto à meia-noite pendurando minhas roupas para secar, ou pela janela da cozinha às duas da manhã, quando eu ainda estava lavando a louça. Seja lá o que ele ou ela tenha visto sobre mim, foi o suficiente para questionar o modo como era tratada e fazer a coisa certa. Alguém ligou. Aquela ligação acabou caindo nas mãos do escritório do Serviço de Proteção à Criança e da polícia. O departamento local da Polícia de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos também foi acionado. Essas são as pessoas que lidam com a realidade do tráfico humano, que resgatam gente como eu. E foi o que eles fizeram.

CAPÍTULO SETE

A manhã de 9 de abril de 2002 começou como outra qualquer. Era uma terça-feira, um dia de aula, e A Mãe e O Pai, junto da filha mais velha, estavam no andar de cima. Como eu sempre fazia, estava de pé desde cedo para acordar os gêmeos e as outras duas irmãs e mandá-los para a escola.

Eu estava no andar de baixo quando alguém bateu à porta. Era uma batida alta, do tipo que você ouve em um daqueles programas policiais da televisão. Como eu não podia atender o telefone nem a porta, ignorei. Mas então bateram de novo e foi alto o suficiente para fazer O Pai descer a escada. Eu sabia que ele estava acordado, pois já tinha servido café para ele e para A Mãe. Ele parecia surpreso enquanto descia os degraus resmungando. Espiou pelo olho mágico da porta, e então me disse para ir ao seu escritório. Eu fui. Precisava mesmo limpar aquele cômodo.

Quando ele abriu a porta, houve uma gritaria. Era em inglês, por isso não consegui compreender as palavras, mas entendi que O Pai estava bravo. A confusão foi suficiente para fazer a filha mais velha sair ao balcão que dava para o hall de entrada. A Mãe estava lá também, exceto que ela permaneceu fora de vista, perto do alto da escada.

Eu já tinha acabado de limpar o escritório e estava a caminho da cozinha, mas teria de passar rápido pelo hall para chegar lá. O Pai tinha me mandado ficar no escritório, mas eu tinha muito trabalho para fazer. Se me atrasasse muito, A Mãe gritaria comigo. Como em muitas outras situações na casa, não tinha saída. Independentemente do que fizesse, alguém ia ficar bravo. Eu esperava, pelo menos, não levar nenhum tapa por isso. Eu tinha mais medo d'O Pai que d'A Mãe, então voltei para o escritório.

Finalmente, ouvi a porta se fechar com barulho e O Pai dizer em árabe:

– Eu não os deixei entrar. Eles não tinham um mandado.

Eu não havia entendido que as autoridades tinham vindo por minha causa. O Pai havia se metido em encrenca no Egito, e achei que tivesse a ver com isso. O que “isso” era exatamente, eu não sabia. Mas sabia que A Mãe e O Pai acharam aquilo ruim. Eles conversaram por alguns minutos. Depois houve outra batida forte à porta. Além disso, a campainha tocou. Nunca saberei por que O Pai atendeu a porta. Ele devia saber quem era do outro lado. Ele devia saber que eles tinham um mandado.

Dessa vez, os policiais puderam entrar na casa, e estavam ainda mais furiosos que da primeira vez. Houve muita discussão e gritaria, e então fui chamada à porta, onde um homem se colocou entre mim e O Pai. Uma mulher me pegou pela mão e me levou para fora da casa.

Antes que eu fosse arrastada para fora da casa, O Pai sussurrou no meu ouvido:

– Não diga nada a eles. Não fale que você trabalha para mim.

Eu estava apavorada. Por muitos anos, meus raptores haviam me contado histórias sobre todas as coisas ruins que aconteceriam comigo se a polícia por acaso me encontrasse. Agora aquelas histórias estavam apitando na minha cabeça. Minha vida com A Mãe e O Pai era péssima, mas eles haviam me dito que a vida com a polícia seria muito, muito pior. Eu fiz o que O Pai tinha mandado.

– Eu não trabalho aqui – disse em árabe. – Eu não trabalho aqui.

A mulher foi gentil e tentou conversar comigo, mas ela não entendia árabe. As palavras que eu sabia em inglês – “oi”, “golfinho” e “meia-irmã” – não iriam ser suficientes ali.

Antes que percebesse, eu me vi no banco da frente de uma viatura ao lado de um policial. Ele me passou um telefone. Do outro lado da linha havia um homem que falava árabe. Ele era um tradutor. Aquilo era muito assustador para mim, e eu quis chorar. Além de todo o medo que eu tinha das autoridades, minha cultura muçulmana me proibia de conversar com um homem que não fosse

da minha família. Além disso, eu raramente tinha falado ao telefone, já que era proibida de usá-lo. Ali eu estava quebrando três tabus ao mesmo tempo.

O homem no telefone tentou me esclarecer que as pessoas que tinham me tirado da casa dos meus raptores não eram más.

– Elas são boas pessoas. Pessoas que estão aí para salvar você da escravidão – disse ele.

Eu estava bem confusa. Não sabia em quem ou no que acreditar. Durante anos eu havia sofrido uma lavagem cerebral sobre tantas coisas da minha vida, especialmente sobre o papel das pessoas. Para mim, era difícil desconsiderar a visão distorcida que eu tinha de homens, mulheres, escravos e figuras de autoridade – e como eles deveriam agir.

No fim, comecei a chorar. E, quando começava, não conseguia mais parar. Não sabia que meu corpo podia produzir tantas lágrimas. Muitas coisas se passaram pela minha cabeça, mas, acima de tudo, eu estava preocupada com o que aconteceria comigo. Meu cérebro voltava automaticamente para o que haviam me ensinado: policiais eram maus. Se me perguntassem, deveria dizer que era uma meia-irmã que estava fazendo uma visita.

Além disso, fazia muito tempo que alguém não me tratava com gentileza e respeito, e eu não soube como agir quando os policiais foram simpáticos comigo. A casa dos meus raptores era cheia de medo, abuso, ódio... e constantes combates físicos, mentais e emocionais. Eu mal conseguia lembrar como era um ambiente afetuoso, terno, seguro e protetor.

Depois de um tempo me acalmei o suficiente para dizer meu nome ao homem no telefone. Em seguida, ele perguntou o nome do meu pai, e eu respondi. Ele fez outras perguntas, tais como se eu ia à escola ou quanto tempo havia que eu estava no país. A primeira era fácil. Não, nunca fui à escola. Nem nos Estados Unidos nem antes, quando morava no Egito. O tempo que eu estava nos Estados Unidos, porém, era outra história. Eu não sabia. Mais tarde

eu ficaria surpresa ao descobrir que, quando fui resgatada, eu estava a seis meses de completar 13 anos. Eu estava nos Estados Unidos havia pouco de mais 20 meses. Parecia uma eternidade.

•••

Fui levada da casa dos meus raptores para um lugar chamado Lar para Crianças Orangewood. Mais tarde, o nome passou a ser Centro para Crianças e Família Orangewood, mas os serviços são basicamente os mesmos. Trata-se de um abrigo de emergência para crianças abandonadas e abusadas – sexual, física ou emocionalmente. Ele fica na cidade de Santa Ana, na Califórnia. Todo ano, essa instituição acolhe mais de mil crianças que tenham sido tiradas da guarda de seus responsáveis e colocadas sob proteção do Estado.

A viagem parecia durar uma eternidade, embora não devêssemos ter corrido mais do que 25 quilômetros. Por outro lado, na Califórnia, 25 quilômetros de trânsito *podem* levar uma eternidade. Não sabia para onde estava indo ou o que estava acontecendo. Eu nem tinha entendido que havia sido resgatada, que não precisaria mais servir A Mãe e O Pai de 18 a 20 horas por dia, ou viver com medo de que ele ou ela me estapeassem, ou de que seus filhos gritassem comigo. Mas, no carro da polícia, eu estava com tanto medo do que poderia acontecer em seguida que tremi a viagem inteira.

Assim que chegamos a Orangewood, me levaram à clínica médica, onde fiz todo tipo de exames. Depois, tomei uma injeção, e minha mão, que estava doendo bastante havia muito tempo, foi enfaixada. Mais tarde, uma assistente social chamada Hana Hana, uma mulher árabe, baixa, de cabelo escuro e rosto simpático, me disse que minha mão estava quebrada, embora eu não conseguisse lembrar como aquilo aconteceu.

Àquela altura, a bondade que todos haviam demonstrado me fez relaxar um pouco. Não houve qualquer grosseria, nem acusações, ninguém me bateu ou me estapeou. Apesar de não conseguir

entender as palavras, eu podia compreender o tom de voz, e isso fez com que eu lhes desse uma migalhinha da minha confiança.

Em seguida, alguém me levou para a área do alojamento e me mostrou as instalações e o meu quarto. Depois me mandaram para um grande banheiro, que servia a todos do andar. Tomei um banho e não pude acreditar quando me deram um pijama. Eu nunca tinha usado um pijama em toda a vida. Ele era xadrez, de cor preta, cinza e branca. Era tão novo e limpo que eu nem conseguia acreditar que podia vesti-lo. Comparado com os farrapos que usava para dormir, aquela roupa era incrível. Eu guardo esse pijama desde então, e isso é um sinal do quanto ele significa para mim.

Meu longo cabelo estava embaraçado, por isso outra senhora simpática o escovou para mim. Eu não lembrava quando alguém tinha me tratado tão bem assim, e naquele lugar havia muitas pessoas maravilhosas. Estava espantada e nem sabia o que pensar. Ainda estava chorando e não conseguia digerir o que estava acontecendo. Eu não compreendi que ficaria ali, não me dei conta de que nunca mais voltaria para a casa dos meus raptores. Aquilo era informação demais. Agradeci quando alguém me disse que poderia tirar uma soneca.

Mais tarde, naquele dia, fui levada a uma pequena sala de reuniões e conversei em árabe com Hana Hana, que me explicou que as pessoas em Orangewood eram boa gente. Ela me disse:

– Essas pessoas não gostam de ver ninguém maltratando ou tirando proveito de crianças. Pelo contrário, elas tentam colocar essas crianças em lares adotivos temporários, que chamamos de famílias acolhedoras. Ou, ainda melhor, tentam fazer essas crianças voltarem a viver com suas próprias famílias.

Ao ouvir as palavras dela, vislumbrei o primeiro raio de esperança. Será que eu conseguiria voltar para casa e ver minha família? Será que finalmente poderia dar um abraço nos meus irmãos mais novos e na minha mãe? Toda a raiva que eu sentia dos

meus pais por terem me deixado ser maltratada havia desaparecido. Talvez minhas preces houvessem sido finalmente atendidas.

Após minha conversa com Hana, um pequeno grupo de pessoas entrou na sala. Hana traduzia minhas palavras a um homem que fazia perguntas como:

– Shyima, quem vive na casa d'A Mãe e d'O Pai?

Eu fiquei em silêncio, e ele tentou novamente:

– Qual era a sua função? O que você fazia ali?

Eu tinha medo de dizer qualquer coisa, então fiquei de boca fechada.

– Como eram seus dias, Shyima? Como eles tratavam você?

Percebi que o homem não iria desistir. Eu precisava dizer alguma coisa. Meus raptores haviam fixado em mim as palavras que eu deveria dizer se uma situação como aquela ocorresse, e segui fielmente o roteiro. Apesar de saber que, de alguma forma, aquela era a minha chance de ir para casa, fiz o que O Pai tinha me mandado fazer e disse:

– Nada de errado acontecia na casa. A Mãe e O Pai me tratavam como uma filha. Está tudo certo.

Isso mostra o pavor que eu tinha dos meus raptores.

No dia seguinte, todos voltaram, e meu pai e minha mãe estavam no telefone. Nem podia acreditar que ia falar com eles. Estava com tantas saudades e mal podia esperar para conversarmos! Mas minha alegria durou pouco. Quando uma assistente social disse ao meu pai o que estava acontecendo, meu pai começou a gritar comigo, enquanto ela ouvia a conversa em uma extensão:

– Como você pôde deixar aquelas pessoas que estavam cuidando tão bem de você?! Aquelas pessoas tratavam você muito bem. Como você pode estar dando ouvidos a estas outras pessoas agora?! Ao deixar aquela casa você me desrespeitou. E causou um enfarte em sua mãe. Você precisa voltar lá e se comportar!

Por mais bravo que ele fosse quando eu era mais nova, por mais raiva que eu tivesse visto n'A Mãe e n'O Pai, eu nunca tinha sentido

tanto ódio vindo de outra pessoa. Meus olhos se encheram d'água e não demorou para que lágrimas rolassem pelo meu rosto. Como meu pai podia estar dizendo aquelas coisas? Como ele podia querer que eu voltasse a viver com meus raptores, a levar aquela vida terrível?

Nos anos que se seguiram, eu só pude chegar a duas respostas. A primeira, dinheiro. Eu havia sido vendida aos meus raptores por uma soma inferior a 20 dólares por mês. Mesmo que parte do dinheiro fosse para saldar o valor que minha irmã havia roubado, acredito que meus pais ainda estavam recebendo alguma coisa. Esses 20 dólares valem muito mais para uma família pobre no Egito do que aqui. Mesmo assim, não era uma quantia alta.

A outra razão era a honra. Minha irmã havia desgraçado nossa família, e meu trabalho era defender a honra da minha mãe, do meu pai e dos meus irmãos. É difícil para alguém nos Estados Unidos entender isso, mas em muitos países essa é uma questão de muita importância.

No meio do escândalo que meu pai estava fazendo, encontrei alguma coragem e comecei a gritar de volta:

– Como você ousa falar assim comigo?! Como você ousa me dizer para voltar a morar com uma família que se recusou a providenciar assistência médica para mim, que gritava comigo, batia em mim e me fazia dormir em uma garagem enquanto eles eram cercados de luxo?! Como você ousa?!

Desabafar e dizer ao meu pai o que eu sentia me fez muito bem. Nunca tinha gritado com ele. Embora tivesse sempre sido sincera quando vivia com eles, nunca havia sido desrespeitosa a ponto de gritar com os meus pais. Na verdade, depois que comecei, continuei gritando por muitos minutos. Nunca tinha ficado tão brava daquele jeito.

Depois falei com minha mãe. Brevemente. Nunca soube se ela teve mesmo um enfarte, ou se eu havia sido o motivo dele. Mas ela, em um tom mais suave, fez eco ao meu pai. Eu não podia acreditar

que ela também queria que eu ficasse. O que eu tinha feito para merecer aquilo? De volta à ligação, meu pai disse à assistente social que estava indo me buscar, mas ela retrucou:

– Não, você não tem um visto. Você não pode vir.

A verdade é que, depois de ouvir o discurso violento do meu pai, ninguém na sala – inclusive eu – estava seguro de que ele não fosse me mandar de novo para a escravidão. Por isso, decidi naquele exato momento que, não, eu não iria voltar para o Egito. Eu estava cansada dos meus pais. Meus sonhos e esperanças de voltar a me reunir com minha família haviam sido destruídos. Eu também havia sido destruída, mas não voltaria para o Egito nem para a casa dos meus raptores. Não, eu tentaria minha sorte no sistema de famílias acolhedoras nos Estados Unidos.

Depois de desligar o telefone, o tradutor queria falar comigo, mas minha cabeça estava girando, e recusei. Em vez disso, voltei para o meu quarto e fiquei ali o resto do dia, sozinha.

Naquela semana, contei à polícia sobre a garota escrava que tinha visitado a casa dos meus raptores. Caso ela não tivesse conseguido escapar, eu queria que as autoridades soubessem dela. Os policiais me mostraram algumas fotos de pessoas que O Pai talvez conhecesse, e consegui identificar o raptor dela. Algum tempo depois, descobri que a polícia tentou localizá-la, mas, quando eles conseguiram chegar à casa onde ela estava, a família já havia deixado o país. Provavelmente, eles fugiram algumas horas depois de saber do meu resgate. Aquela garota era mais velha que eu e era esperta. Penso nela sempre e espero que ela também tenha encontrado a sua liberdade.

•••

Orangewood acabou se revelando um bom lugar. Não era suntuoso como as casas dos meus raptores, mas era de longe o lugar mais bacana em que eu havia morado como uma pessoa livre. A parte principal, onde eu vivia, parecia uma casa grande. Quando

você entrava, havia uma área médica à esquerda. À direita, uma área onde pais podiam se encontrar com seus filhos. Eu estava para descobrir que muitas das crianças de Orangewood tinham sido tiradas de seus pais por algum motivo. Mas, enquanto a família estivesse trabalhando em seus problemas, as crianças podiam se reunir frequentemente com seus pais. Outras crianças iam e vinham de lares temporários e ficavam em Orangewood até serem recolocadas para viver com outras famílias acolhedoras.

Na casa em que eu ficava, havia apenas garotas. Dentro havia uma área de convivência para nós, uma área de jogos, cozinha e uma sala de jantar. Do lado de fora, havia um belo jardim e uma piscina. Eu dividia um quarto com uma garota que vou chamar de Autumn, que tinha minha idade. Ela tinha o cabelo bem loiro, era amigável e atenciosa, e tentava me acalmar sempre que eu me sentia chateada ou arrasada – o que, no começo, era bem comum. Como eu não falava inglês, não entendia o que ela dizia, mas compreendia bem a linguagem corporal dela. Ela se tornou minha primeira amiga de verdade.

Eu gostava do conforto do nosso quartinho. Autumn e eu dividíamos um armário e havia duas camas, uma de cada lado do quarto. E preciso dizer que o colchão da minha cama foi o mais confortável em que eu já havia dormido. Eu adorava a colcha, que era branca com florzinhas. O quarto tinha uma janela grande que nos deixava ver lá fora. A porta que dava para o corredor tinha uma janelinha para que os funcionários pudessem ver e ter certeza de que estávamos bem.

Enquanto estive em Orangewood, conheci crianças e jovens nas situações mais diferentes possíveis. Encontrei gente malcriada, gente que se achava a melhor, gente que tinha sido horrivelmente abusada, gente cheia de raiva ou tristeza. Conheci até uma menina de 10 anos que estava grávida. Conviver com aqueles mais variados tipos me fez entender que, por mais que coisas ruins aconteçam, existe um monte de pessoas por aí tentando fazer o

bem. Se alguém estiver passando por um momento ruim, se estiver sendo abusado de alguma maneira, torço para que essa pessoa possa encontrar um professor, um chefe, um amigo, um assistente social, um orientador ou um pastor – alguém que possa ajudá-la a sair dessa situação. As diferentes condições em que as crianças e jovens chegavam, contrastadas com a gentileza e solicitude do pessoal de Orangewood, me convenciam de que há muita gente boa no mundo.

Embora estivesse cercada de pessoas amáveis, eu chorava o tempo todo. O horror do trauma, do abuso e da falta que minha família me fazia, combinado com a traição de meu pai, se revelava em minhas lágrimas. Aos poucos, com o passar dos dias, percebi que teria de ficar em Orangewood, ao menos por um tempo. O alívio que aquilo me trazia causava ainda mais lágrimas. Meus anos em cativeiro tinham cobrado um preço emocional bastante alto.

Uma das coisas que me ajudavam bastante era ter uma rotina em Orangewood. Também tinha uma rotina na casa dos meus raptores, mas era diferente. Na hora do café da manhã, eu não precisava cozinhar – para mim ou para qualquer outro. Na hora de dormir, tinha uma cama de verdade com cobertas de verdade e tempo de sobra para descansar e repor as energias para o dia seguinte.

Nas minhas primeiras semanas lá, eu me reunia periodicamente com Hana, outras assistentes sociais e agentes da lei. Uma dessas pessoas era Mark Abend. Mark era Agente Especial Supervisor, na Divisão de Investigações do Departamento de Segurança Interna da Polícia de Imigração e Alfândega. Ele era o que se chama agente da ICE. Mark me disse que fui tirada da casa d'A Mãe e d'O Pai porque alguém tinha me visto e achado que algo estava errado. Eu nunca ia para a escola e trabalhava o tempo todo. Para mim, a pessoa que fez a ligação deve ter sido algum vizinho, mas nunca vou saber ao certo. Serei eternamente grata a ele ou ela por ter chamado a polícia. Mark descreveu:

– Depois que os policiais bateram à porta e não foram autorizados a entrar, eles conseguiram um mandado e voltaram. Eles perguntaram ao seu raptor quem vivia na casa e ele mencionou o nome de todos, exceto o seu. Quando um policial percebeu você lá e perguntou por que você não estava na escola, ele respondeu dizendo que você não queria ir.

Ele continuou:

– Quando, finalmente, conseguiram entrar, os policiais encontraram seu passaporte e viram que seu visto de três meses como turista tinha expirado cerca de 18 meses antes. Foi com base nisso que você pôde ser tirada daquela casa.

Sentada ali em Orangewood com Mark, eu me esforçava para relaxar, mas não conseguia. Mark usava o bom humor para tentar fazer com que eu me abrisse, mas a proibição árabe de interação entre homens e mulheres fazia com que eu não me aproximasse muito dele. Sem um tradutor, eu não conseguia entendê-lo, mas sua boa energia e sua expressão facial quase me faziam sorrir. Quase.

Ainda que apreciasse os esforços de Mark, eu tinha outras coisas para pensar. Escola, por exemplo. O meu maior desafio em Orangewood era, de longe, a escola. Eu nunca havia estado dentro de uma sala de aula, por isso os mecanismos da escola eram totalmente estranhos para mim. O mais difícil era não entender nada do que estava sendo dito. Eu estava ali, grudada na cadeira, mas minha cabeça não demorava para vagar. Imagine não conhecer as letras nem os números e ser jogado em uma classe dos anos finais do Ensino Fundamental em um país que não apenas não fala sua língua, mas que sequer usa o mesmo alfabeto – a China, por exemplo. Era impossível para mim aprender algo nesse cenário.

Mas nem tudo estava perdido. Encontrei Hana Hana muitas vezes e aprendi a confiar nela e, com o passar do tempo, considerá-la uma amiga. Além de falar árabe, ela parecia e agia como alguém que se importava, e eu reconhecia tudo o que ela fazia por mim. Hana me protegia e fazia o que podia para que aquela fosse a melhor

experiência possível para mim. Ela ajudou Orangewood a colocar professores especiais e assistentes ao meu lado na classe, e essas pessoas me ensinaram as letras, as cores e os números. E, assim devagar, bem devagar, eu comecei a entender algumas coisas.

Hana explicou que, nos Estados Unidos, todo mundo tem direitos e que todas as crianças vão à escola. Ela me mostrou o quanto eu tinha sido maltratada, e eu tomei a decisão de que, independentemente do que acontecesse, eu não iria jamais deixar alguém me maltratar outra vez. Eu não era mais uma criança de 8 anos indefesa e ingênua. Àquela altura, tinha quase 13 anos e já havia extrapolado minha cota de pessoas abusivas. Nunca mais. Não importa o que acontecesse no futuro, eu tinha colocado um ponto final naquilo. Já tinha idade o suficiente para me defender e dizer às pessoas o que eu precisava. Minha assistente social me ensinou que nos Estados Unidos as pessoas podem tomar suas próprias decisões. Só aquilo já era uma reviravolta em minha vida.

Outro problema era que, de acordo com Hana, a equipe de assistentes sociais e o pessoal de Orangewood, eu deveria estar com meus pais. Mas eles estavam em outro país. Se eu fosse mandada de volta, não havia garantia de que eles não me venderiam como escrava de novo. Hana e a equipe não deixariam que isso acontecesse. Dava uma sensação estranha saber que havia pessoas tomando conta de mim. Até então, aquilo era algo muito raro em minha vida.

Contei à Hana sobre os meus irmãos terem tocado minhas partes íntimas e o quanto aquilo fazia eu me sentir repulsiva. Ela me fez ver como aquilo era errado e inaceitável. No final, esses dois fatores me mantiveram nos Estados Unidos. Embora meu visto de três meses tivesse vencido, e apesar de ele ter sido obtido de maneira ilegal, uma maravilhosa juíza em Orange County, na Califórnia, achou que eu não estaria segura se fosse mandada de volta ao Egito.

Muitas vezes, Hana e eu fazíamos uma caminhada de cinco minutos para ir de Orangewood à vara da juventude, onde muitos aspectos do meu caso eram ouvidos. Várias outras assistentes sociais também me defenderam. Em uma visita, a juíza me deu um tigre de pelúcia. Não era o primeiro presente assim que eu ganhava, pois uma mulher em Orangewood já havia me dado um ursinho com um coração bordado. Aquele presente foi especialmente importante para mim, no entanto, porque os tigres são fortes e se defendem sozinhos. Para mim, ele significava esperança. Aquele bichinho de pelúcia representava um futuro melhor. Eu ainda o guardo, pelo que ele significava para mim naquela época. E quer saber? Continua significando até hoje.

CAPÍTULO OITO

Eu já estava em Orangewood por muitos meses quando me colocaram para viver com uma família acolhedora. Aquela provavelmente foi uma boa decisão, pois demorei um tempo para me acostumar às atividades do dia a dia que a maioria das pessoas gosta de fazer. Tomar banho diariamente era uma delas. E também foi difícil me habituar a ter coisas, como xampu, condicionador, pasta de dente, sabonete e outros produtos. Essas e outras coisas, como dormir em um quarto com luz e janela, passam despercebidas na vida de muita gente, mas na minha não passavam. E ainda não passam.

Achar um lugar para mim foi mais difícil que para a maioria das crianças, pois eu não falava inglês. Além disso, ainda estava muito atrasada nos estudos. Eu tinha 13 anos, mas provavelmente estava em um nível de jardim de infância.

O outro motivo que dificultou meu acolhimento era que Orangewood fazia um verdadeiro esforço para selecionar bem as famílias. Em vez de colocar as crianças e jovens para viver com qualquer um – como já ouvi dizer de outras instituições –, o pessoal de Orangewood tentava encontrar um bom lugar. Como parte do processo, eles entrevistavam seus potenciais pais acolhedores e tinham a palavra final na decisão de se juntar à nova família.

Assim que encontrei minha primeira família adotiva, achei que deveria aceitá-los, não importa o que ocorresse. Minha potencial mãe acolhedora e seus filhos vieram a Orangewood, e nos encontramos na área reservada aos pais. Gostei deles. Eram muçulmanos que falavam tanto inglês quanto árabe, o que era ótimo, pois eles podiam me proporcionar um bom lar transitório. Eu não sabia nada sobre o estilo de vida norte-americano. Nunca havia estado em uma loja ou em um restaurante e nem sabia que existiam lugares como bibliotecas e cinemas.

Aquela família tinha se saído bem na conversa, mas eu ainda não confiava em estranhos, especialmente homens muçulmanos. Até aquele momento, os homens da minha vida não tinham sido bons para mim, uma vez que todos haviam sido violentos, dominadores e hostis. Mas eu queria uma família. Queria muito fazer parte de uma, então quando o pessoal de Orangewood me perguntou se eu queria fazer um teste com aquela família, respondi:

– Claro. Vamos nessa!

•••

Minha primeira família acolhedora vivia a cerca de 15 minutos de carro de Orangewood. O bairro em que eles moravam era bonito e tranquilo, com muitos aposentados. Em nossa casa havia vários quartos e um banheiro, além da habitual cozinha e sala de estar.

Fiquei radiante ao saber que teria meu próprio quarto. Nele havia uma beliche, uma cadeira e um armário sem portas. Era um quarto pequeno, mas era meu e eu era grata por ele. Ao lado, ficava o quarto dos meus pais acolhedores e, atrás dele, outro quarto. Para chegar a ele era preciso passar pelo quarto dos pais ou ir pelo lado de fora e entrar pela porta dos fundos. Era uma planta esquisita.

A minha nova família era composta por um pai, Ahmed, que vinha do Oriente Médio, e uma mãe, Sara, que era dos Estados Unidos. Eu pensava neles como uma nova versão d'A Mãe e d'O Pai. Sarah era uma mulher agressiva, de estatura média e cabelo loiro, que havia sido criada como cristã, mas se convertido à religião muçulmana ao se casar. Ahmed era alto e encorpado, e algo nele me provocava arrepios. Eu nunca me sentia bem perto dele e nunca consegui estabelecer qualquer tipo de relacionamento com ele.

O casal tinha um filho que tinha por volta de 20 anos e que sempre estava por lá com sua própria filha, que devia ter 2 ou 3 anos. O segundo filho estava no Ensino Médio. Nenhum dos irmãos era muçulmano praticante, apesar de terem sido criados nessa religião.

Ahmed e Sarah também tinham uma filha de 2 ou 3 anos. Ela dormia no quarto dos fundos. E havia também um bebê que dormia em um berço no quarto dos pais.

Aquela família se esforçava bastante, mas nunca me encaixei. Eu não tinha nada em comum com os outros filhos. Nossas idades não batiam, estávamos em diferentes estágios da vida. Havia um bebê, uma criancinha, um garoto no Ensino Médio, um jovem adulto na casa dos 20 anos... e eu. Embora soubesse que aquele acolhimento devesse ser de longo prazo, todo dia, ao acordar, eu pensava: “O que virá a seguir para mim?”.

Em vez de ir à escola – algo que esperava poder fazer –, eu tinha aulas em casa. A família fazia isso por motivos religiosos e, apesar de ter ficado decepcionada no começo, foi bom, pois eu recebia mais atenção do que teria na escola pública. Na casa, falava-se tanto árabe quanto inglês. Acredito que a direção de Orangewood quis me colocar com aquela família para que eu pudesse aprender inglês – falar, ler e escrever. Nesse sentido, eu estava no lugar certo.

Eu recebia as aulas em casa com outra família muçulmana, cuja mãe nos ensinava. Ela era uma boa professora, só que eu estava frustrada. Orangewood tinha me dado o empurrão inicial, mas eu ainda estava muito longe dos outros. Quase todo dia, eu chorava de frustração enquanto tentava aprender o nome das letras, cores e números. Depois, tinha de aprender o significado por trás das palavras. Eu conseguia dizer a palavra “caminhar”, por exemplo, mas levou muito tempo para que eu conseguisse conectar a palavra ao que ela queria dizer.

Aos poucos, porém, aquilo foi fazendo sentido. Do aprendizado das letras, fui para a compreensão de como elas formavam palavras. Lembre-se: eu não sabia fazer isso nem em árabe, minha língua materna, por isso qualquer ideia, conceito e pensamento eram novos para mim. Depois de aprender algumas palavras, me ensinaram como juntá-las para formar uma frase. E, à medida que ia

melhorando meu inglês falado, minha escrita, leitura e compreensão se desenvolviam também. Ainda assim, eu estava muito atrasada. Imagine ser um adolescente e ter dificuldade para fazer um trabalho do primeiro ano do Ensino Fundamental. Assim era comigo.

Por fim, minhas assistentes sociais acharam que eu estava preparada e pediram aos meus pais acolhedores que me colocassem em uma escola. Como aquela era uma família muçulmana tradicional, eles consideraram apenas escolas muçulmanas. A primeira com a qual eles fizeram contato – a mais próxima de onde morávamos – achava que eu era muito velha para os anos escolares que ofereciam. Eles temiam que a diferença de idade entre os alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental e eu fosse grande demais para todos. Talvez eles estivessem certos.

Cheguei a frequentar, por um curto período, outra escola muçulmana. Aquele colégio tinha alunos da minha idade, mas, embora os administradores tivessem me colocado nas aulas de educação especial, eu estava muito atrasada para que os professores pudessem me ajudar. Fiquei bem feliz quando acabei voltando para as aulas em casa.

Um dos motivos era que eu gostava muito da nossa professora. Ela era gentil e paciente comigo, assim como suas filhas, que estudavam conosco. Uma delas tinha a minha idade, a outra era um ano mais nova. Embora as duas tivessem se tornado boas amigas minhas, eu passava mais tempo com a caçula, Assana. Acontece que eu não estava só bastante atrasada na minha educação formal. Estava atrasada também nas minhas habilidades sociais e, como Assana era mais nova, ela estava mais próxima de mim nesse quesito.

Sem a oportunidade de fazer amizades e brincar como a maioria das crianças, deixei para trás alguns marcos importantes do crescimento. Ir a festinhas de aniversário pré-adolescentes, apaixonar-se pelo garoto da vizinhança, participar de festas do pijama, ser uma escoteira, fazer parte de um coral, acampar,

praticar esportes – eu não tinha experiência em nenhuma dessas coisas que outras meninas fazem nos Estados Unidos. Minha professora e suas filhas me ajudaram a experimentar muitas dessas coisas pela primeira vez, e fico feliz por ter conseguido compartilhar aqueles momentos com pessoas tão incríveis.

Eu adorava Assana e sua família. Com frequência, passava a noite na casa dela. Foi ali que aprendi a andar de bicicleta e a usar o computador. Eu não entendia que havia hora para trabalhar, para brincar, para descansar, para fazer a lição de casa etc. Eles me ajudaram também a vencer essa outra dificuldade de compreensão.

Naquela época, eu era muito quieta. Não tinha certeza do que dizer ou fazer quando estava com outras pessoas. E, mesmo que tivesse algo para falar, meu inglês ainda não era tão bom para que eu expressasse o que sentia. Assana também era uma pessoa calada, e nos tornamos o tipo de amigas que se entendem intuitivamente. Eu costumava observá-la para ver o que ela diria ou faria em uma determinada situação, então ela acabava me ensinando apenas por ser ela mesma.

•••

Embora estivesse aproveitando o tempo que passava com Assana e sua família, a vida com minha família acolhedora não estava saindo como eu imaginava. Um dos motivos era que eu estava impressionada com tudo o que estava acontecendo em minha nova vida. Sei que tenho usado essa palavra bastante, “impressionada”, mas não há outra palavra para descrever o impacto emocional. Para mim, ainda era muito difícil acreditar que simples atos de liberdade – como poder dormir até depois do raiar do dia em um fim de semana ou poder sentar à mesa para comer em vez de servir a refeição – eram meus.

Eu tinha que seguir uma rotina rígida na casa dos meus raptores, e havia uma rotina também em Orangewood. Eu odiava a primeira e amava a segunda. Mas, com minha família adotiva, a programação

era menos formal, o que significava que eu tinha mais tempo para mim. Isto também era um conceito novo: tempo livre. Eu não tinha ideia do que fazer quando não era responsável por algo ou alguém. Nunca tive tempo para explorar meus interesses e talentos, então eu não sabia do que gostava de fazer. Caminhar, cantar, desenhar, jogar cartas – eu não tinha noção de em que era boa ou em como passar meu tempo.

No fim, passava a maior parte do meu tempo livre sozinha no quarto. Eu montava quebra-cabeças e jogava com cartões de memória educativos – tenho certeza de que ambos eram bons para o meu desenvolvimento, mas não eram tão divertidos. Além disso, muitas brigas aconteciam na casa daquela família, e assim meu quarto se tornou meu melhor amigo. Eu já tinha aguentado o suficiente daquilo com meus pais biológicos e com A Mãe e O Pai, e não queria me envolver em nenhuma briga ali.

Embora Ahmed fosse mais gentil que os outros homens que encontrei na vida, ele ainda era uma figura autoritária. Ninguém ousava questionar suas decisões – exceto sua sogra, a mãe de Sarah, que deixava bem claro que não gostava de muçulmanos.

A sogra visitava a família com frequência. Mas, sempre que a discussão ficava muito intensa, ela ia embora zangada. Tudo ficava mais calmo depois que ela partia, mas alguns dias depois – bum! – lá estava ela de novo.

Por alguma razão, aquela mulher parecia não gostar de mim, e eu não me sentia muito bem-vinda ali. Não sei se ela achava que eu estava ocupando um quarto que podia ser do bebê. Ou talvez achasse que *ela* devia estar dormindo no quarto onde eu estava. É possível que simplesmente não fosse com a minha cara. Qualquer que fosse a razão, ela começou a inventar histórias para me prejudicar.

– Shyima beliscou o bebê – Sarah disse uma vez.

É claro que eu não tinha feito nada, mas ela estava sempre dizendo coisas assim.

Para tornar tudo um pouco mais difícil, meu pai acolhedor e eu não nos dávamos bem. Não havia conexão entre nós, e ele sempre queria que eu os acompanhasse à mesquita. Alguns muçulmanos vão aos seus locais de culto todos os dias, mas a maioria das famílias, incluindo aquela, não. Normalmente, eles iam semanalmente e em datas religiosas especiais. A razão pela qual eu não queria ir era porque aquela era a mesma mesquita que A Mãe e O Pai frequentavam. Eles ainda estavam sob investigação e não tinham sido condenados ou nada do tipo, por isso eram livres para aproveitar tudo o que os Estados Unidos tinham a oferecer, inclusive aquela mesquita. Em uma das vezes que fomos ali, eu avistei A Mãe. Tive uma sensação horrível ao vê-la. Contei isso aos meus pais acolhedores e eles concordaram que eu não voltaria lá se não quisesse. Ainda retornei algumas vezes depois daquilo, mas não vi A Mãe nem qualquer pessoa daquela família de novo. Mesmo assim, aquela mesquita continuava sendo um lugar inquietante para mim.

Na época em que morava com meus raptores no Egito, eu havia falado com minha mãe biológica uma ou duas vezes. Agora, minhas assistentes sociais e meu pai acolhedor me incentivavam a falar com meus pais novamente, mesmo que já tivesse passado algum tempo desde a última vez que havíamos conversado. Minha assistente social achava importante deixar as vias de comunicação abertas. Assim, meu pai acolhedor fazia as ligações, apesar de eu não querer. Eu sabia que o resultado seria o mesmo de quando estava no Egito ou igual ao de nossa conversa depois de eu ter sido resgatada. E estava certa.

Na primeira vez que falei com meu pai, quando já estava morando com aquela família acolhedora, tudo que ele fez foi gritar:

– Sua mãe está doente e é tudo culpa sua!

Lógico. E vamos esquecer o fato de que ela tinha 11 filhos e muito pouco em termos de alimentação e assistência médica. Ele continuou:

– Por estar onde você está agora, você é uma menina muito egoísta.

Comecei a chorar. E as lágrimas continuaram a rolar quando ele falou:

– Você devia estar aqui, em casa com sua família.

Como ele podia dizer aquilo? Durante anos não havia nada que eu quisesse mais do que estar em casa com minha família. Se não estava lá, era porque ele e minha mãe haviam me vendido como escrava. E ele ainda se atrevia a gritar comigo por eu não estar lá? Eu não conseguia pensar em nada mais injusto.

Embora houvesse uma chance de voltar a ser vendida como escrava, embora meus irmãos tenham me tocado de maneira inapropriada, se meu pai ou minha mãe tivessem me dito em tom gentil algo como “nós amamos você, estamos com saudade, sentimos muito pelo que aconteceu... mal podemos esperar para você chegar em casa e abraçá-la”, eu talvez tivesse pensado em pedir à minha assistente social que fizesse aquilo acontecer.

A realidade é que, em um mundo ideal, eu queria estar com minha família biológica. Queria desesperadamente recuperar os anos perdidos, e sentia muita falta dos meus irmãos mais novos. Mas havia aprendido que não vivemos em um mundo perfeito. Mesmo que a vida estivesse sendo dura para mim naquele momento, era consideravelmente melhor do que havia sido antes.

Meu pai acolhedor viu como aquela ligação me deixou chateada; então, muitos meses depois, quando minha assistente social pensou que deveríamos tentar de novo, ele estava na linha comigo. Ele interrompeu muitas vezes os disparates do meu pai e chegou até a ficar bravo quando meu pai me culpou de novo pelo enfarte da minha mãe. Apesar de não nos darmos bem, fiquei feliz por ele ter me defendido.

Na terceira e última vez que falei com meus pais durante aquele período da minha vida, consegui conversar com minha mãe e

muitos dos meus irmãos e irmãs. Meu coração amoleceu quando minha mãe disse:

– Não sei nem dizer o quanto sinto sua falta.

Então ele se endureceu de novo quando meu pai entrou na ligação e disse:

– Assim que você aparecer, vou correr até você e lhe dar um chute. – E completou: – Eu vou até o presidente dos Estados Unidos para dizer que o país dele roubou minha filha. – Nesse momento, o meu pai acolhedor interveio mais uma vez.

Àquela altura, meus pais acolhedores e minhas assistentes sociais perceberam que aquelas ligações não estavam ajudando em nada. Na verdade, estavam só deixando as coisas piores. Fiquei agradecida quando soube que não precisaria mais fazer aquelas ligações para o Egito.

Naquela época, comecei a ir a um terapeuta árabe. Eu não falava muito, mas escutava bem mais do que minha linguagem corporal fazia parecer. Ele me prescreveu remédios para ansiedade e depressão. Aquilo era um acréscimo aos remédios que haviam me receitado em Orangewood para insônia. Uma coisa era certa: a vida familiar era bem mais complicada do que eu imaginava.

Em meu lar adotivo, eu tinha permissão para vestir o que quisesse dentro de casa; podia, inclusive, usar maquiagem – coisa de que gosto até hoje. Eu não tinha mesada, mas havia feito boas ações em Orangewood que me renderam fichas suficientes para trocar por um presente. Escolhi um kit de maquiagem para garotas mais novas, que guardei com carinho.

No entanto, sempre que saía de casa, eu precisava cobrir minha cabeça com o *hijab*, embora não concordasse. Para o meu pai acolhedor, usar o *hijab* era um sinal de que a mulher se respeitava. Eu não concordava com a ideia de um homem dizer à mulher como ela deve se respeitar. Não sabia ainda que os Estados Unidos eram um país de liberdade religiosa, no qual eu podia adorar a Deus e

rezar da maneira que eu quisesse. Tudo que eu sabia era que não acreditava em qualquer religião que fizesse das mulheres cidadãs inferiores, e na qual o homem da casa tivesse o direito de repreender todos à sua volta.

Depois disso, aprendi que nem toda casa muçulmana é assim, e que esse não é o princípio da religião. Mas era assim que eu me sentia pela minha experiência e pela perspectiva que tinha na época. Respeito pessoas de todas as religiões e suas crenças. E, embora respeitasse totalmente a decisão da minha amiga Assana de usar o *hijab*, eu não queria ser muçulmana. Isso causou muito estresse na casa dos meus pais acolhedores.

Outra coisa que não estava funcionando ali era que minha mãe acolhedora vivia corrigindo meu inglês, mas não de uma maneira positiva. Ela não dizia algo como: “Shyima, já está melhor. Mas, na próxima vez que falar *you*, tente fazer o som de ‘ul’, e não de ‘óu’”. Em vez disso, Sarah dizia:

– Você não falou certo. Quantas vezes tenho que repetir?

Certa vez, o tom de sarcasmo e as palavras duras dela ficaram tão evidentes que até o filho mais velho dela me defendeu.

A atitude de Sarah fez com que eu me fechasse para ela. Uma coisa que aprendi em relação a mim é que, quando as pessoas não se dão conta de que estou dando o meu melhor, eu me desligo delas. Se uma pessoa não consegue reconhecer meu esforço, mesmo que nem sempre eu acerte tudo, não quero ter nada com ela.

No fundo, Sarah era uma boa pessoa, mas ela tinha dado ouvido demais à sua mãe. Dia após dia, as duas tornavam minha vida mais difícil. Nada do que eu fazia estava certo. Algumas das brigas entre nós, no entanto, começaram quando passei a afirmar minha individualidade e minhas opiniões. Olhando em retrospecto, aquilo foi um grande marco na minha vida. Eu estava demonstrando a desobediência normal dos adolescentes. Mas, certa vez, depois de uma discussão acalorada, a mãe de Sarah disse:

– É isto. Decida: ou Shyima ou eu.

Eu não fui embora imediatamente. Com a ajuda da minha assistente social, nós começamos a buscar uma nova família acolhedora, enquanto eu ainda permanecia na casa. Passei algumas noites com diferentes famílias, mas nenhuma parecia adequada até surgir uma oportunidade no Arizona. Sarah chegou até a ir comigo visitar essa nova família durante todo um final de semana. Meu inglês tinha melhorado bastante, mas eu ainda estava muito atrás dos jovens da minha idade em todos os aspectos, por isso sabia que encontrar um lugar para mim seria difícil. De qualquer forma, eu queria mostrar a todos que tinha uma atitude positiva e que estava fazendo minha parte, portanto aceitei ficar com aquela nova família. Infelizmente, não demorou para percebermos que não ia dar certo, e, quando a escola no Arizona disse que não sabia o que fazer comigo, eu voltei.

••• •••

Aprendi muito com minha primeira família acolhedora.Muitas coisas em minha vida aconteceram pela primeira vez lá e com a família de Assana. Eu sentia que estava começando a me encaixar no estilo de vida norte-americano. Fiquei com aquela família por quase dois anos. No segundo ano, até comecei a pensar algumas frases em inglês. Esse foi outro enorme marco na minha vida.

Com o passar dos anos, encontrei muitas assistentes sociais. Acho que elas precisavam trocar de casos entre si, para evitar que uma assistente social dedicasse tempo demais a alguém como eu e acabasse perdendo seu foco. Além disso, algumas vezes, tive conversas com Mark Abend com a intermediação de um intérprete. Nesses encontros, fiquei sabendo que o governo dos Estados Unidos ainda estava investigando meus raptores. Também soube que estava havendo uma disputa de jurisdição sobre quem iria cuidar do caso. Por alguma razão, o FBI queria pegá-lo, mas Mark

estava inflexível sobre seu Departamento de Segurança Interna seguir com o processo. Eu não me importava.

Aquilo era demais para mim. Eu estava ocupada tentando lidar com meu dia a dia – tentando aprender inglês e me ajustar aos adolescentes da minha idade – e não queria ser levada ao caso. Eu não tinha vontade de rever meus raptores e achava que, se eles desaparecessem da face da Terra, tanto melhor para mim.

Eu sabia que levaria tempo para levantarem o caso, então não fiquei pensando muito sobre isso. Minha cabeça estava mesmo voltada para a minha próxima família acolhedora.

CAPÍTULO NOVE

Meu segundo lar acolhedor ficava na Califórnia, e mais uma vez fui morar com uma família muçulmana. Havia uma mãe e um pai, Rachel e Manjit, e uma menina mais velha que estava na faculdade, mas que morava na casa. Também havia um garoto que estava no Ensino Médio e uma menina mais nova.

A paisagem ali era muito mais verde e bem mais bonita do que eu estava acostumada. Muitas das árvores e dos arbustos eram diferentes dos de Orange County. Precisei de um tempo para me acostumar com a mudança. Embora a maior parte da cidade fosse limpa, nós morávamos em uma região degradada. Mas a casa era maior e mais bonita que a do meu primeiro acolhimento, tinha até uma piscina.

Em vez de ter o meu próprio quarto, eu dividia um com a filha mais velha. Fui morar com aquela família logo após o primeiro dia do ano e, pela primeira vez, pude ir à escola pública. Os outros filhos frequentavam uma escola muçulmana, mas, assim como aconteceu no meu primeiro acolhimento, eu estava muito atrasada para a minha idade e a escola não estava preparada para me receber. Na escola pública me matricularam no oitavo ano, embora meu nível de instrução fosse compatível com os dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Acredito que minhas assistentes sociais tenham recomendado que eu ficasse junto com estudantes da minha idade, pois também estava bem atrasada em minha socialização.

Eu estava animada com a escola. Meu inglês estava bom o suficiente para expressar minhas necessidades e, se as pessoas falassem devagar, conseguia entender muito do que elas falavam. Estava ansiosa para fazer amigos e aprender o máximo possível para que, finalmente, pudesse fazer minha vida em meu novo país.

Meu entusiasmo, no entanto, foi rapidamente esmigalhado quando percebi que a escola não era nada do que eu pensava. O primeiro problema com o qual deparei foram as gangues. Eram gangues de arruaceiros do Ensino Fundamental, a versão mirim das gangues de rua. Eu não fazia a menor ideia da existência ou do propósito das gangues, e muitas vezes me vi no meio de duas facções. Era como se os dois lados competissem para ver quem era melhor em tornar minha vida um inferno.

Constantemente, havia policiais ao redor da escola e dentro do prédio para ajudar os professores a manter os jovens sob controle, mas a presença deles não me aliviava em nada. Embora a polícia tivesse me resgatado, e embora eu estivesse, judicialmente, passando por um processo positivo para minha estada nos Estados Unidos, eu ainda não confiava em autoridades. Por muitos anos haviam me dito que a polícia era má, por isso, para mim, era complicado vê-los como bonzinhos. Isso significava que eu ficava nervosa tanto com a presença da polícia quanto com a das gangues.

A maioria dos alunos não pertencia a nenhuma gangue, mas tinha histórias difíceis. Aqueles jovens eram ríspidos no modo como falavam e agiam, o que tornava difícil para uma pessoa quieta como eu se encaixar. Eu precisava me adaptar rapidamente. Era um cenário do tipo “devore ou seja devorado”, e eu já havia ultrapassado minha cota de *bullying* na casa dos meus raptores e da minha primeira família acolhedora. Não iria mais aturar aquilo. Mas isso é mais fácil na teoria que na prática.

É difícil se aproximar dos adolescentes de uma escola, mesmo nas melhores circunstâncias. Eles são desesperados para se encaixar, e quem não se molda ao padrão estabelecido pelos outros vira alvo de perseguição. Assim foi comigo. Era a única aluna muçulmana da escola e, como minha nova família acolhedora era bastante religiosa, eu precisava cobrir a cabeça com o véu enquanto estava ali. Além disso, eu era a única aluna que não falava bem

inglês. Só essas duas coisas já me tornavam objeto de chacota. Era provocada, intimidada, empurrada, beliscada e machucada todos os dias. Eu fazia de tudo para não chorar, pois sabia que, para os outros, aquilo seria um enorme sinal de fraqueza, mas não conseguia evitar. Quase sempre eu desabava antes da hora do almoço.

A coordenação da escola me colocou no maior número possível de aulas de reforço e, no entender dos outros alunos, aquelas aulas me classificavam como estúpida. Foi assim que me tornei a garota burra que se vestia e falava de um jeito esquisito. Ninguém ali sabia da minha história, claro, mas para aquele grupo de adolescentes não sei se teria feito muita diferença.

A hostilidade dos outros alunos comigo estava crescendo, assim como a raiva e o ressentimento que eu tinha em relação a eles. Estava com raiva da vida, com raiva de Deus, brava com minha família acolhedora por terem me colocado em uma escola tão terrível, brava com minhas assistentes sociais, pais, raptores, professores. Estava revoltada. A raiva e o ódio ferveram dentro de mim por um bom tempo.

Para piorar, não sabia por que não gostavam de mim na escola. Eu não tinha feito nada a eles. Sim, eu sabia que minha aparência era incomum, que falava e me vestia de um jeito diferente, mas, por dentro, eu era igual a eles. Aquilo me deixava confusa e mais perturbada.

Certa tarde, eu estava do lado de fora, esperando minha irmã acolhedora me pegar depois da aula, quando uma garota hispânica cuspiu na minha cara. Aquilo tinha sido a pior coisa que já havia acontecido comigo na escola, mas aguentei, limpei o cuspe e virei as costas. Só que a garota não parou. Ela me chamou de vários nomes, incluindo “árabe”. Não sabia o que ela queria dizer, mas o tom de voz deixava claro o que ela pensava de mim. Eu segui andando.

Por fim, ela veio por trás de mim, arrancou meu véu e me deu um soco. Aquilo foi além da conta e eu não me aguentei. Despejei todo o meu ódio e minha raiva nela – chutei e gritei e soquei e arranhei com tudo que podia. Quando tudo havia acabado, eu estava em muito melhor estado do que ela, e, por mais que soubesse que bater não fosse o melhor jeito de resolver diferenças, preciso admitir que me senti ótima.

As emoções que extravasei naquela garota fizeram eu me sentir poderosa. Até aquele momento, tinha sido uma adolescente mansinha. Muito de quem eu era naquele tempo se devia à vida em cativeiro e aos homens abusivos que conheci. Mas isso ia acabar. Eu estava cheia de ser provocada. Estava mais do que na hora de exigir que me tratassem com respeito, igual a qualquer outra pessoa. Se era preciso entrar em uma briga para conseguir aquilo, então que assim fosse.

A longo prazo, porém, uma briga talvez não tenha sido a melhor opção, já que fui suspensa por uma semana. A maioria dos alunos teria recebido um ou dois dias de suspensão, mas os professores e a coordenação da escola tinham visto que minha raiva contra aquela garota havia sido profunda. Eu a machuquei bastante e reagia com fúria toda vez que o nome dela era mencionado. Por isso, peguei uma semana. Precisei até ir à escola aos sábados por um tempo para compensar os dias que havia faltado.

Depois da briga, me matricularam em uma aula de *kickboxing* pela nossa mesquita. O *kickboxing* era uma forma de poder soltar minha raiva. Aquilo me dava confiança e eu adorava, mas minha mãe acolhedora estava sempre ocupada com o trabalho e outras atividades para os seus filhos, por isso raramente tinha tempo de me levar. Depois de algumas aulas, parei de ir. Não tive tempo de fazer amigos ali, mas levei comigo o que aprendi.

Quando voltei à escola, ficou evidente que meus professores estavam confusos sobre mim. Lamentavelmente, a única coisa que eles faziam naquela escola era manter alguma ordem. Como os

alunos eram descontrolados, os professores mal conseguiam ensinar algo. Minha família acolhedora não sabia como era minha vida ali, pois a escola muçulmana de seus filhos era boa. Os alunos daquela escola se comportavam e se saíam bem nas provas. Isso significava que os meus pais acolhedores não tinham experiência ou técnicas para me ajudar naquele momento.

Enquanto eu lutava para me adaptar durante o dia, depois da escola ainda tinha de lutar com minha lição de casa. Como eu demorava para ler e entender meus estudos, normalmente levava horas para terminar minhas tarefas. A escola pública foi uma grande mudança, que me deixou totalmente estressada.

Além disso, havia o estresse que sentia na casa da minha família acolhedora. Eu já entendia que uma casa devia ser um refúgio, um lugar seguro, onde você poderia relaxar e ser você mesmo. Mas o pai daquela casa era tão cruel quanto os outros homens muçulmanos que havia conhecido. Era mesmo muito azar que ali houvesse outro muçulmano destemperado.

Na minha opinião, Manjit tratava sua mulher e seus filhos com pouco respeito. Eram muitas as brigas e, se Rachel ou suas filhas dissessem algo que não lhe agradava, ele batia na cara delas. Sua atitude era dominadora e não combinava bem com meu recém-descoberto senso de autonomia pessoal.

Uma questão sobre a qual brigávamos era a religião. Aquela era uma casa muçulmana bastante rigorosa, em que o pai e seus filhos levantavam diariamente às quatro da manhã para fazer suas primeiras orações. Eles também costumavam ir à mesquita rezar naquele horário. Um dos costumes da religião muçulmana é rezar cinco vezes por dia em determinadas horas. Nenhuma das outras casas em que eu tinha vivido seguia esse costume, com exceção daquela família.

Aquela família era também rigorosa quanto ao uso do véu. Como o pai e o irmão da casa não eram da minha família de verdade, eu precisava usar o véu na cabeça sempre que eles estavam por perto,

o que era muito frequente. Aquilo era difícil para mim. Respeito as mulheres que usam o véu como um símbolo de sua pureza ou de sua fé. Se isso for importante para você, eu lhe dou todo o apoio para que você o use, só que ele não era importante para mim, e eu odiava ter de usá-lo.

Muitas das tradições muçulmanas talvez não fossem tão importantes também para minha mãe acolhedora. A família dela era cristã, por causa disso, meu pai acolhedor não permitia que sua mulher visse sua própria família, nem deixava que eles lhe dessem presentes no Natal. Eu achava aquilo muito triste. Como eu tinha sido levada da minha família, sabia como aqueles laços eram importantes. Rachel deviam sentir falta dos seus parentes, especialmente nos feriados cristãos. Os feriados muçulmanos eram os únicos dias em que ela ia à mesquita.

Meu pai acolhedor era um homem tão dominador que nem sei por que Rachel ficava com ele. Eu queria que ela expressasse mais o que pensava, e talvez ela tivesse feito isso no início do seu casamento. Talvez, depois de tantos anos, ela estivesse apenas tentando manter a paz em casa o máximo possível. Eu estava chegando a uma idade em que lutar pelos meus ideais era algo importante para mim. Por isso, a relação dos meus pais acolhedores me fazia querer ser uma mulher forte e independente.

Manjit tinha muitas regras em nossa casa, e uma delas era que ali só era permitido falar árabe. Aquilo não fazia muito sentido para mim. Eu estava me esforçando ao máximo para aprender inglês, e eles não podiam me ajudar nisso em casa. Não me importava a regra, então tomei a decisão de falar somente inglês. Estava morando em um país que falava aquela língua e precisava aprendê-la. Minha decisão causou mais de uma briga, pois, quando alguém falava comigo em árabe, eu respondia em inglês da melhor maneira que podia. De qualquer modo, dentro de casa não havia muita conversa.

Outra contradição era que, embora minhas assistentes sociais me encorajassem a fazer amigos, eu não podia levar ninguém em casa, pois ali só era permitida a entrada de pessoas muçulmanas. Na verdade, eu era incentivada a manter distância de não muçulmanos. Aquilo também não fazia sentido. Eu era a única estudante muçulmana da escola, então era impossível encontrar outros da minha religião.

A minha parte favorita do dia era quando as aulas acabavam. A escola ficava a apenas alguns minutos de casa, e normalmente era a filha mais velha que me buscava. Minha mãe acolhedora não podia porque estava sempre correndo entre o trabalho, as aulas de esportes e outras atividades extraescolares dos filhos. Mas a filha mais velha tinha seu próprio carro e costumava me pegar. No entanto, eu ainda tinha de ligar para o meu pai acolhedor assim que chegasse em casa. Se eu não ligasse alguns minutos depois do fim das aulas, ele ligaria para casa, e era bom que eu estivesse lá. Ele sempre me deixava na escola de manhã; talvez me fizesse ligar para ter certeza de que eu tinha ficado na escola o dia todo. Depois do telefonema, eu me instalava em meu quarto e começava o longo processo de fazer minha lição de casa.

Quando minhas tarefas estavam terminadas – e aos finais de semana –, eu lia bastante e assistia à televisão. A maioria dos livros que eu lia eram infantis, como os do Dr. Seuss. Minha competência leitora em inglês ainda era básica – de novo, principalmente porque em casa só falávamos árabe. Aqueles livros, no entanto, eram especiais para mim. Como meu pai acolhedor não nos deixava ir a lugar algum, as opções de entretenimento eram bastante limitadas.

Muitas vezes, viajamos de férias em família ao lago Tahoe, que fica entre os estados da Califórnia e de Nevada. Era bem legal. Ali, vi neve pela primeira vez e fiquei encantada. Quando íamos lá, a neve estava bem funda. Só por sair de casa já era bacana. Até meu pai acolhedor relaxava naquelas viagens, e tivemos alguns bons momentos. Queria que tivesse sido divertido assim o tempo todo.

Claro que a minha relação com aquela família era complicada. Acredito que a mãe e os filhos gostavam de mim. Na verdade, meu pai acolhedor chegou a falar com minha assistente social sobre me adotar, mas eu não queria. Em primeiro lugar, ele nunca falou comigo sobre aquilo; em vez disso, tentou começar o processo de adoção sem eu saber. Não ajudava também o fato de eu não respeitá-lo e não concordar com a rigidez com que aquela família praticava sua fé. A quantidade de brigas na casa me desencorajou a querer fazer dali o meu lar permanente, mesmo que eu ainda desejasse uma família para chamar de minha.

•••

Os meses se passaram, e minha revolta com as experiências que eu vivia só aumentava. Comecei a ir a outra terapeuta. Com o meu primeiro terapeuta, na época da minha família acolhedora inicial, eu não falava muito – apesar das sessões em árabe, eu ainda era desconfiada e estava sobrecarregada demais pelas mudanças em minha vida para entender o sentido delas.

Mas ali era outro momento. Eu estava mais madura e sabia me expressar melhor. Disse à minha terapeuta o quanto fiquei decepcionada por ninguém da família ter ido à minha formatura do Ensino Fundamental. Parecia que todos os outros adolescentes tinham alguém para apoiá-los, menos eu. Se minha família acolhedora se importava tanto comigo como eles diziam, por que minha mãe acolhedora não pôde tirar algumas horas de folga do trabalho naquele dia? Por que a filha mais velha não pôde ir? Ou meu pai acolhedor? Acabei me sentindo arrasada em um dia que deveria ter sido de alegria, e aquilo me deixava brava.

Eu estava descobrindo que era o tipo de pessoa que escondia a raiva dentro de si. Aquilo não era uma coisa boa, porque as pessoas nem saberiam que eu estava com raiva delas. Nós estaríamos conversando, algo dispararia em mim, e minha raiva acumulada jorraria em uma explosão de palavras odiosas. Muitas vezes,

enquanto estava no quarto, eu me perguntava por que meus pais tinham me vendido como escrava. Por que meus raptores haviam sido tão maus comigo? O que eu tinha feito para merecer tudo que aconteceu na minha vida? Essas perguntas davam voltas na minha cabeça, e as respostas nunca vinham. Eu sentia uma mistura de tristeza e raiva.

Minha fúria, ao lado dos meus sentimentos, tinha me colocado em encrencas desde que eu havia sido resgatada. Como mencionei antes, em Orangewood, me davam remédio para dormir, pois eu era tão ansiosa sobre as mudanças na minha vida que era impossível pegar no sono. Quando eu morava com minha primeira família acolhedora, os remédios para ansiedade e depressão haviam ajudado a equilibrar meu humor, que estava completamente bagunçado. E, na terapia, a parte de falar também ajudou, mesmo que não houvesse muita conversa.

Descobri então que, depois de certo tempo vivendo em liberdade, eu me sentia também mais livre emocionalmente. Minhas pequenas autonomias, como poder ir à escola e decidir o que fazer com meu tempo livre em casa, haviam feito maravilhas para o meu estado de espírito. Agora que eu estava mais receptiva, minha terapeuta pôde me mostrar o quanto a escravidão era errada. Já haviam me falado isso antes, mas só então passei a entender de verdade. Com a ajuda dela, aprendi que era normal ficar zangada com meus anos de cativeiro. Contei a ela o quanto era infeliz na escola e com minha família acolhedora, e ela me ajudou a compreender melhor os relacionamentos entre as pessoas. Eu não entendia nada disso antes, por isso aquele novo conhecimento me ajudou nas minhas interações com as pessoas ao meu redor.

Nunca imaginei que seria tão difícil mudar minha mentalidade, deixando de ser uma prisioneira para ser alguém livre. Muitas pessoas na minha vida achavam que eu devia ser feliz pelo que tinha, feliz simplesmente pela minha liberdade, mas não era tão simples. A felicidade não é um interruptor que as pessoas podem

simplesmente ligar e desligar. Não que eu não fosse feliz. Na verdade, estava contente por não ter mais de servir A Mãe, O Pai e seus filhos folgados. Mas, por muitos anos, achei que só seria feliz se pudesse ver minha família. Agora eu sabia que aquilo era apenas uma fantasia, e que felicidade e decepção podiam andar de mãos dadas.

Minha terapeuta era uma mulher simpática e queria que minha família acolhedora viesse para algumas sessões, mas o pai não permitia. Pelo contrário, Manjit riu de mim e me chamou de louca. Eu sabia que não era e fiquei decepcionada por ele ter uma visão tão fechada sobre a terapia.

Minha assistente social e orientadora me encorajou a tentar novamente falar com minha família no Egito. Como eu já entendia bem mais sobre as pessoas, concordei em tentar de novo, embora não estivesse feliz com isso. A única coisa diferente naquele momento era que meu pai acolhedor pôde conversar muitas vezes com meu pai biológico. Meu pai perguntou à minha família acolhedora se eles podiam mandar fotografias minhas; então, relutantemente coloquei o véu, fui a um estúdio que a família conhecia e tirei as fotos.

Eu tinha várias perguntas para minha família, mas nenhuma delas jamais foi respondida. Na verdade, nunca tive a oportunidade de perguntar nada. No telefone, eu ficava só recebendo broncas ou ouvindo os lamentos da minha mãe, dizendo o quanto sentia minha falta. Uma questão que me intrigava era saber se algum dos meus irmãos havia sido vendido como escravo. Queria saber também se haviam nascido irmãos ou irmãs depois que parti. E me preocupava com a saúde da minha mãe, ainda que estivesse furiosa por ela ter concordado em me vender como escrava.

•••

O agente da ICE Mark Abend sempre esteve ali, acompanhando tudo de longe, mas acabou se tornando mais presente em minha

vida quando passei a morar com a segunda família acolhedora. Com o passar do tempo, algumas mudanças ocorreram no caso contra meus raptores, e agora ele queria saber como eu estava emocionalmente. Sem a minha cooperação o caso perderia força, e Mark estava decidido a fazer aquelas pessoas pagarem pelo que tinham feito a mim. Eu tinha sorte por tê-lo do meu lado, pois poucas pessoas perseguiriam meus raptores com a mesma determinação.

Mark pegou um voo em Orange County, e seria a primeira vez que poderíamos ter uma conversa de verdade. Antes eu só havia falado com ele com a ajuda de um intérprete, mas agora podíamos dialogar cara a cara. Assim que aquilo aconteceu, um pouco do medo profundo que eu sentia dos homens desapareceu, e percebi que Mark era um cara legal.

Estávamos em maio de 2004, e acho que minha nova e forte personalidade chocou Mark. Sempre que nos encontrávamos, eu estava assustada e deprimida. Agora, passados muitos anos do cativeiro e depois de muita terapia, eu estava no estágio inicial para me tornar uma jovem mulher independente.

Mark me deixou a par dos últimos acontecimentos do caso e perguntou se eu queria seguir com o processo. Eu estava furiosa o bastante – e forte o bastante – para dizer que sim. Naquele ponto da minha vida, não havia nada que eu quisesse mais do que vê-lo colocar aquelas pessoas na prisão e responsabilizá-las pelo que tinham feito a mim. Minha terapeuta estava certa: não havia nada de correto no que diz respeito à escravidão.

Depois disso, passei a ver e falar com Mark regularmente, a cada poucos meses. Ele trouxe dois advogados para o caso, Robert Keenan e Andrew Kline, além de vários outros membros da sua equipe do Departamento de Segurança Interna. Juntos, eles começaram o processo para trazer justiça a mim e ao casal que por muito tempo eu chamei mentalmente de A Mãe e O Pai.

•••

Eu estava animada ao ver que o caso estava de novo em andamento, mas Rachel e Manjit não partilhavam da minha alegria. Na verdade, eles me incentivavam a deixar aquilo para lá e seguir com minha vida. Manjit chegou até a me pedir para mentir sobre coisas que tinham acontecido quando eu vivia em cativeiro. Aquilo me tirou do sério. Queria que ele tivesse vivido como eu vivi por anos a fio. Aí veríamos se ele "deixaria para lá".

O debate sobre a minha participação no caso trouxe uma nova onda de discussões na casa da minha família acolhedora, que levou a brigas sobre liberdade religiosa e muitas outras coisas. Certa noite, por volta das nove horas, depois de uma discussão acalorada, meu pai acolhedor me mandou embora de casa.

– Ponha seu tênis – disse ele. – Vamos.

Eu não pude pegar nada do que era meu. Ele me largou em um abrigo, e levou uma semana para que minha assistente social pudesse acertar as coisas. Fiquei arrasada por nunca ter dado adeus para os meus irmãos acolhedores, pois havia aprendido a gostar deles.

No abrigo, voltei à minha antiga personalidade quieta, e não conversava muito com ninguém. Tudo que conseguia pensar era: "Lá vamos nós de novo". Mas, pelo menos, pensava isso em inglês. Eu me perguntava por que não conseguia encontrar uma casa permanente, uma família que me amasse independentemente de qualquer coisa.

Por fim, minha assistente social foi me buscar. No avião, de volta a Orange County, e então a Orangewood, eu disse:

– Eu não quero ser colocada para viver em outra casa muçulmana. Estou cheia disso.

Naquela época eu não entendia que pessoas de outras religiões podiam ser más também, mas não queria de jeito nenhum outro muçulmano dominador na minha vida.

Embora desejasse encontrar a família certa, eu estava feliz morando em Orangewood enquanto esperava aquilo acontecer.

Minha amiga Autumn também estava lá novamente, e até consegui falar um pouco com ela em inglês. O seu “lado louco” a tinha colocado em encrenca, mas eu a achava uma pessoa interessante, que havia sido acolhida repetidas vezes pela mesma família.

Orangewood funciona bem, por isso não demorei a me encaixar lá novamente. Acho que uma das razões que explica o sucesso ali é o sistema de pontos. Se você se comporta bem, ganha pontos. Se você juntar a quantidade suficiente de pontos, recebe uma recompensa. Algumas das recompensas eram ir ao boliche ou fazer compras, mas, durante o tempo em que estive lá, uma delas era ir a uma partida de beisebol do time Anaheim Angels. Tínhamos até uma área especial na arquibancada e, embora eu não entendesse o jogo, ou o que exatamente estávamos comemorando, ou qualquer outra coisa que estivesse acontecendo, eu amei cada segundo. Aquele jogo me fez virar uma torcedora dos Angels, e até hoje adoro ir às partidas do time.

No que diz respeito ao acolhimento, porém, o jogo estava complicado para mim. Quanto mais velho é o acolhido, mais difícil é para conseguir um lugar. Eu tinha 15 anos, mas, tanto na escola quanto em minha vida social, ainda estava muito atrasada. Eu estava preparada para aguardar, mas ainda tinha esperança de encontrar uma casa de verdade e uma família amorosa.

CAPÍTULO DEZ

Não precisei esperar tanto para que minhas preces fossem atendidas. Pouco depois de fazer 15 anos, fui colocada na casa de uma família em Orange, a cerca de cem quilômetros de Orangewood.

Quando minha potencial mãe e sua filha mais nova vieram me conhecer em Orangewood, estava desanimada por minhas experiências anteriores de acolhimento e não queria criar expectativa de que aquela situação fosse ser diferente. No entanto, também não queria ser rotulada como uma “jovem problemática”, então coloquei minha cara feliz e fui para o encontro. Fiquei contente em perceber que minha assistente social tinha me dado ouvidos, já que aquela família não era muçulmana.

Nos Estados Unidos, o governo paga uma quantia aos pais acolhedores por cada criança que eles recebem em sua casa. O valor varia conforme o estado e a instituição requisitada. Acredito que os pais acolhedores de crianças e jovens de Orangewood recebessem um pouco mais que os de outros lugares, porque tratava-se de uma boa instituição, que se esforçava de verdade para colocar os jovens nas casas certas. Talvez as pessoas que tomassem esse tipo de decisão achassem que aquele dinheiro extra pudesse atrair pais que, de outra forma, não teriam interesse em se tornar acolhedores. Conversando com alguns jovens de Orangewood, descobri que, lamentavelmente, esse sistema atraía alguns potenciais pais que só estavam interessados no dinheiro. Quando sentei em frente àquela mulher e sua filha, torci para que essa não fosse a motivação delas. Não dava para saber sem observar melhor, e o único jeito de fazer isso era passando alguns dias com a família.

As duas foram me buscar e fui passar um fim de semana com eles. Soube ali que já haviam acolhido outros jovens no passado – e

que cuidavam do sobrinho do pai, além de seus três filhos biológicos. Se ficasse, eu me tornaria a quinta, e mais velha, filha da casa. O sobrinho tinha 10 anos, depois vinha um menino de 7, seguido por duas meninas de 6 e 4 anos. Eles pareciam legais, inclusive o pai, mas àquela altura eu já sabia que estava para tomar uma decisão muito importante. Havia descoberto que ir morar com uma nova família podia ser a realização de um sonho. Ou se tornar o meu pior pesadelo.

Na segunda-feira, minha assistente social juntou minhas coisas em Orangewood e foi até a casa. Ao chegar lá, ela viu a indecisão estampada no meu rosto e disse:

– Você pode ficar aqui ou você pode voltar comigo para Orangewood, mas você precisa tomar uma decisão agora.

Voltei para Orangewood. Parte da minha decisão foi baseada no receio. E se aquela família acabasse sendo tão ruim quanto minhas experiências anteriores? Outra coisa que tinha me levado àquela escolha foi um pressentimento. Minha intuição me dizia que havia alguma coisa errada, mas eu não sabia dizer o quê. Sem contar que não havia nenhuma outra pessoa da minha idade, e eu queria encontrar uma família que tivesse filhos com quem eu pudesse ter uma ligação mais estreita.

Passei os dias seguintes em Orangewood, mas, quando uma pessoa da equipe me disse que não havia nenhuma família à vista para mim, decidi voltar para aquela nova família. Minha nova mãe acolhedora e sua filha mais nova me pegaram de novo, e no caminho paramos para almoçar em uma hamburgueria requintada. Depois, seguimos para minha nova casa.

Preciso admitir que a casa era linda. Ela ficava em um bairro rico da cidade e tinha quatro quartos. Meus novos pais acolhedores, Patty e Steve, ficavam na suíte. Steve era alto e tinha cara de apresentador de telejornal. Patty era baixa, como eu, mas loira. O sobrinho e o filho mais velho dividiam um quarto, as duas meninas dividiam outro, e havia um quarto para mim. Havia uma grande área

aberta na casa, que ninguém parecia usar, e uma sala de estar integrada à cozinha, que era onde todos passavam o tempo juntos.

Pouco tempo depois de eu ter chegado, outra jovem foi acolhida pela família. Essa garota era dois ou três anos mais nova que eu, e era bastante perturbada. Nos anos em que vivi com aquela família, passaram por ali dezenas de garotas como aquela. A maioria ficava poucas semanas, embora muitas tenham ficado por alguns meses. Todas dividiam o quarto comigo. Para elas, minha família era uma família de transição, que servia para observar se estavam prontas para voltar a seus pais verdadeiros ou se precisavam ser colocadas definitivamente para acolhimento.

Cada garota tinha entre 11 e 13 anos, e todas, de alguma forma, mudaram a dinâmica da família com sua presença. Aquilo era um pouco inquietante, especialmente quando a garota tinha sérios problemas de comportamento, como era o caso de algumas. Mas outras eram legais. Em todo caso, a realidade era que, no momento em que eu começava a conhecê-las de verdade, elas iam embora. Isso não me ajudava a resolver meu problema de confiança nem a criar laços com outras pessoas. Na verdade, era o contrário. Chegou a um ponto em que eu não queria nem tentar conhecer nenhuma das novas garotas. Porque, se eu a conhecesse e gostasse dela, meu coração ia ficar despedaçado quando ela partisse.

Meu relacionamento com o sobrinho era difícil, mas em outro sentido. Ele parecia ressentido com a atenção e o tempo que Patty e Steve dedicavam a mim. Se eu cometesse o menor dos deslizes ou esquecesse de fazer qualquer coisa, ele certamente contava aos tios. Raramente algo lhe escapava, pois ele estava sempre me vigiando.

Das outras crianças eu gostava – o menino de 7 anos e as duas garotinhas, de 6 e 4 anos. Esses jovens irmãos me lembravam os irmãos mais novos que tinha deixado no Egito. Eu sentia uma falta absurda deles, mas, durante os anos que vivi com meus raptores,

acabei esquecendo muitas coisas sobre eles. Agora eu estava descobrindo que adorava ser de novo a irmã mais velha. Aquelas eram crianças legais, e nos divertimos muito juntos.

Steve não deixava faltar nada em casa, e o amor que ele demonstrava por seus filhos me fez rever minha dura opinião sobre os homens. Talvez, além de Mark Abend, houvesse outros bons homens no mundo. Meu pai acolhedor mostrava preocupação genuína com cada um dos filhos que estavam debaixo do seu teto e, frequentemente, me perguntava se eu estava bem. Ele me avisou que eu podia conversar com ele se tivesse um problema, e eu o agradeci muito. Poucas pessoas haviam feito aquilo por mim, por isso muitas vezes eu aceitei sua oferta.

Mas ele e minha mãe acolhedora não se davam bem. Essa era a coisa estranha daquela família que eu não entendia no começo. Nas minhas casas anteriores, o agressor era sempre o pai. Naquela, era a mãe.

Patty e Steve brigavam frequentemente, e em geral a coisa ficava fora de controle. Uma vez a vi atirar um frasco de spray para cabelo na cara dele. Ela gritava bastante e não tinha amigos, pelo menos que eu soubesse. E seus hábitos de consumo eram a causa de muitas brigas. Seus desentendimentos por motivos financeiros me davam a sensação de que minha mãe acolhedora me queria por perto só pelo dinheiro. Eu não gostava de sentir aquilo, por isso escondia meus sentimentos por ela e aproveitava para passar o tempo com os três membros mais novos da família.

•••

Apesar de a vida nos meus dois primeiros lares acolhedores – e, de certa forma, em Orangewood – ter sido dura, eu tinha aprendido muito e feito grandes progressos. Por exemplo, agora, pela primeira vez, um homem estava entre os meus assistentes sociais. Embora ainda estivesse com a minha assistente social de Orangewood, acho que o novo condado onde eu vivia achava que eu já estava

afastada o bastante da minha criação muçulmana para me sentir confortável em conversar com um homem que não vivesse na minha casa. E quer saber? Eles estavam certos. Eu gostava daquele cara. Ele conhecia minha família acolhedora por outras jovens que tinham sido acolhidas por ela, e era excepcionalmente legal. Era um bom defensor dos meus direitos, e eu adorava nossas sessões.

Por outro lado, achava minha nova terapeuta a pior possível. Tinha medo de que ela estivesse contando a Patty tudo o que eu falava ali, e sentia que não podia desabafar sobre meus sentimentos sem receio de que minhas palavras viessem a resultar em um tapa na minha cara. Isso era decepcionante, pois minha terapeuta anterior tinha ajudado bastante, e eu esperava por algo parecido.

Não tardou para que eu parasse com a terapia. Por que perder tempo com algo que não está fazendo bem? Além disso, eu tinha ficado muito boa em falar sobre meus sentimentos com pessoas de quem me sentia próxima, como Mark e meu assistente social.

Naquele outono, completei 16 anos e entrei no segundo ano do Ensino Médio. Tive sorte, pois aquela era uma escola excelente, cheia de professores talentosos e dedicados. Finalmente eu tinha conseguido me envolver em meus estudos o bastante para acompanhar, de certa forma, minhas aulas. Embora tivesse sido colocada nas aulas de reforço de inglês, eu cursava também a aula normal de inglês. Um progresso!

Em casa, as brigas de Steve e Patty me cansavam, e eu tentava ficar o mais longe possível. Então, um dia, meu assistente social me surpreendeu com um cartão de seguridade social, dizendo:

– Agora que você tem este cartão, você pode conseguir um trabalho e tirar sua carteira de motorista, se quiser.

Achei aquela a solução perfeita. Se tirasse minha carteira de motorista, eu poderia dirigir. E, se pudesse dirigir, poderia arrumar um trabalho – um trabalho que me mantivesse afastada de casa e longe das brigas dos meus pais acolhedores.

Eu ansiava pela independência havia uma eternidade, e a liberdade que viria quando eu pudesse dirigir ia me trazer um pouco daquilo. A prova escrita, no entanto, foi difícil. Na verdade, fui reprovada três vezes. Embora já pudesse ler muito bem em inglês, as questões eram escritas de tal modo que não faziam sentido para mim. Por fim, uma senhora no centro de testes me perguntou se o inglês era minha segunda língua. Quando confirmei, ela disse que havia a opção de alguém ler o teste para mim. Uau, que diferença aquilo fez! Na quarta vez em que fiz o teste, acertei cem por cento das perguntas.

Patty e Steve tinham um enorme e velho Honda branco, que me deixaram usar. Parecia que estava dirigindo um caminhão, mas eu não ligava. No dia seguinte, dirigi até o shopping center, dei uma volta e preenchi vários formulários, me candidatando a empregos em diversos lugares. Eu sabia que minhas escolhas seriam limitadas. O mercado de trabalho era difícil de qualquer modo, e sem experiência anterior seria quase impossível arrumar algo. Pela situação em que andava na época – e, provavelmente, ainda anda – a oferta de empregos para iniciantes, pessoas com faculdade estavam pegando trabalhos que antes eram ocupados por estudantes do Ensino Médio.

Mas, alguns dias depois, a chocolateria Godiva me ligou para marcar uma entrevista. Fiquei nervosa ao pensar em falar com uma estranha que basicamente estaria segurando as chaves do meu futuro. Foi uma simpática gerente que me entrevistou e, muitos dias depois, me ligou para dizer que eu tinha conseguido o emprego! Eu mal podia esperar para começar.

Agora tinha um carro *e* um trabalho. Dava para ser mais legal que isso? Logo comecei minha nova rotina matinal. No caminho da escola, eu parava em um posto de gasolina para comprar com o dinheiro que ganhava um pacote de salgadinhos de queijo e pimenta e um energético. De vez em quando, comprava um *cream cheese* para passar no salgadinho. Humm... esse era o meu café da

manhã “saudável”. Para o almoço, comprava um saco de batatas fritas e um cookie de chocolate gigante na cantina da escola, que petiscava pelo resto do dia. Alguns meses antes, havia decidido parar de comer carne. Por alguma razão, eu tinha perdido a vontade. Mas, embora fosse vegetariana, eu não andava comendo muitos vegetais.

Uma das coisas de que eu gostava no Ensino Médio era que muitos dos meus professores me tratavam da mesma forma que os outros. Isso parece algo pequeno, mas para mim era gigante. Demorou muito para que eu tivesse esse tipo de tratamento, e nem sei dizer a você o quanto eu estava feliz por ser considerada uma aluna normal, em vez de alguém com quem as pessoas não sabiam o que fazer.

Minhas habilidades sociais tinham melhorado, mas ainda havia muitas coisas que eu não entendia. Não conseguia compreender como tantos estudantes agiam feito crianças malcriadas, desrespeitando seus professores. Por que meus colegas não faziam suas lições de casa? Por que eles reclamavam de ir à escola de carona com a mãe, como se essa fosse a pior coisa no mundo? Será que não conseguiam ver a escola como uma oportunidade maravilhosa? A educação é um presente que as pessoas nos Estados Unidos têm de graça, mas eu sabia, por experiência própria, que o processo de aprendizagem não está disponível para todos em outras partes do mundo.

A educação abre portas. Independentemente de qual seja seu sonho, vai ser mais fácil alcançá-lo se você tiver o alicerce do conhecimento. Sempre considerei a escola uma oportunidade para fazer de mim uma pessoa melhor e não entendia por que os outros não conseguiam enxergar assim também. Aquela foi e é uma das minhas grandes adaptações na vida desde o meu resgate. Por que as pessoas não dão valor ao que têm? Por que elas sabotam a possibilidade de uma vida melhor não fazendo sua lição de casa e aprendendo o assunto da matéria?

Apesar de pensar isso dos outros jovens, eu estava fazendo algumas amizades. Curiosamente, meu nome me ajudou nisso. Shyima é um nome raro nos Estados Unidos, e também não é tão comum assim no Egito. Shyima era a irmã do profeta Maomé e, em sinal de respeito, o costume é dar somente a bebês especiais esse nome, que significa “persistente”. A singularidade do meu nome facilitava aos professores e os outros estudantes saber quem eu era.

Também ajudava o fato de meu inglês, então, ser aceitável. A maioria das pessoas me entendia, e vice-versa. Aprender a língua do meu novo país tinha sido um longo e demorado processo, mas havia valido muito a pena. É difícil fazer amizades duradouras ou entender por que as coisas são do jeito que são quando você não consegue se comunicar.

A vida estava melhorando, mas eu ainda estava desanimada por dentro. Hoje consigo olhar para trás e ver que eu não era alguém agradável para se conviver. Mas, na minha vida, a grande maioria das pessoas não havia me tratado bem. Por causa disso, eu seguia com meus problemas contínuos de confiança.

Uma pessoa que me ajudou a confiar mais nos outros foi minha nova amiga Amber Bessix. Nós estudávamos na mesma escola e, embora eu já a tivesse visto ali, nós só nos conhecemos pelo trabalho. Amber e eu nos tornamos uma grande dupla na Godiva, e ela passou a ser uma das minhas melhores amigas.

Eu gostava do meu trabalho, apesar de não ter interesse especial em um cargo numa loja. Conhecer novas pessoas e ter orgulho de um trabalho bem-feito eram bônus extras. Descobri também que, quando alguém vestido com uma tradicional roupa egípcia ou que falava um pouco de árabe entrava na loja, eu era levada de volta à época da minha infância com minha família. Nesse sentido, meu trabalho me oferecia um pequeno, mas confortável pedacinho de casa.

Desde então, todos os empregos que tive foram em lojas. Infelizmente, as horas que eu passava de pé no trabalho foram difíceis para minha artrite reumatoide. Eu havia sido diagnosticada com AR após ter ido morar com minha nova família acolhedora. Durante o segundo ano do Ensino Médio, tive inchaços horríveis no corpo e bolhas nos joelhos, e minhas articulações doíam tanto que passei a ter algumas limitações. Além disso, meus músculos ficavam tão tensos que, muitas vezes, não conseguia nem me mexer pela manhã. Havia dias em que tinha dores tão fortes que não conseguia ir para a escola. Na verdade, eu sentia tanta rigidez que levava horas para conseguir sair da cama.

Embora tivesse falado ao meu médico e aos meus pais acolhedores sobre esses sintomas, ninguém me levou a sério.

– Você está bem. Isso é coisa de adolescente – disse o médico.

Ele tratava de muitos outros jovens acolhidos. Não sei se ele achava que nós não merecíamos sua total preocupação e atenção, mas o jeito como ele me dispensou beirou a grosseria.

Para piorar as coisas, meus sintomas se agravavam conforme eu crescia. Um dia, me dei conta de que tinha perdido mais de dez quilos em um período curto de tempo.

– Eu não consigo comer. Eu não consigo me mexer – avisei a Patty.

Meus pais acolhedores seguiram meu médico e acharam que não havia nada de errado comigo. Não falei com minha mãe acolhedora por três semanas – para você ter ideia de como eu estava brava.

No fim, Steve conseguiu um plano de saúde melhor e, assim que pude, tomei a iniciativa de procurar um médico por conta própria. Quando os exames chegaram, meu novo médico me disse que não apenas eu tinha artrite reumatoide, mas que a doença já estava tão avançada que minhas articulações pareciam a de uma mulher com 80 anos. Claro que não fiquei feliz em descobrir que tinha AR, mas estava satisfeita em saber que havia um nome para aquilo que

estava sentindo. Antes, eu não tinha nem ideia do que estava acontecendo.

O diagnóstico foi um grande alívio: meu médico e eu sabíamos com o que estávamos lidando, por isso podíamos planejar como tratar o problema. O primeiro passo foi ir a um especialista. Ele era extremamente prestativo, e continuei indo a esse médico regularmente até poucos meses atrás, quando ele se aposentou. Entre outras coisas, ele me mostrou que meus joelhos e pulsos eram as partes mais afetadas do meu corpo. Gostei de ouvir aquilo, pois eu vinha falando às pessoas por um bom tempo o quanto aquelas articulações doíam.

Foi difícil me adaptar à medicação que passei a tomar para a AR, especialmente porque não tinha parado com os remédios que tomava havia anos para insônia, depressão e ansiedade. Com todos os remédios combinados, acabei desenvolvendo feridas na boca e perdendo cabelo. Mas logo recuperei o peso que havia perdido... e até ganhei um pouco mais!

Durante o processo, o doutor pediu o meu histórico médico e o dos meus pais. Eu não tinha nada daquilo. Às vezes, não quero contar aos outros sobre meu passado, e por alguma razão aquele foi um desses momentos. Em vez da verdade, acabei dizendo a ele que nunca tinha conhecido minha família biológica. Meu assistente social fez um esforço extra para encontrar alguma informação para mim, mas não havia nada. Esse é outro lado triste da escravidão, do tráfico humano. Outras pessoas podem tomar medidas preventivas para se manter saudáveis quando, por exemplo, sabem que há casos de câncer de mama ou derrames na família. Eu provavelmente não vou ter essa chance.

A AR não tem cura, mas o tratamento pode fazer uma enorme diferença para o bem-estar e capacidade física da pessoa. Agora que sei que o calor ajuda minhas articulações, costumo tomar banhos quentes e longos. Nunca me dei bem com o tempo frio, por

isso tive sorte de ter ido morar na Califórnia, em vez de estados mais ao norte, como Maine, Montana e Minnesota.

Até hoje tomo remédio, além de receber doses de esteroides em meus quadris a cada dois meses. Outra coisa que ajuda é me manter ativa, com exercícios moderados, então costumo caminhar o máximo possível. Se não tratada, a AR tira muito de uma pessoa. É o que fez comigo. Por isso hoje tomo bastante cuidado com meu corpo.

Algum tempo depois do meu diagnóstico, decidi parar com os outros remédios que estava tomando. O remédio para insônia, o para ansiedade e o para depressão. Todos se foram. Fiz isso porque eles não estavam me fazendo bem, e mesmo eu era capaz de perceber que ficava muito quieta e ausente quando estava medicada.

Acredito que interromper a medicação pode ser benéfico, sob certas circunstâncias e com supervisão médica. Também creio que, antes, aquelas prescrições haviam me ajudado muito. Após ter sido resgatada e ao longo dos anos, com minhas duas primeiras famílias acolhedoras, eu estava nervosa, ansiosa e deprimida demais. Mas eu não era mais aquela garota assustada. O remédio tinha feito o que devia fazer, e então parei. Além disso, era demais, com a entrada do remédio para minha artrite.

Minha maior preocupação em ter AR era que, por causa dela, eu talvez não pudesse seguir a carreira que tinha escolhido: agente da lei. Desde o dia em que havia sido resgatada, passei a querer ajudar gente como eu – pessoas mantidas em cativeiro. Mais tarde, vim a saber que a AR não iria afetar meu objetivo, mas aquele pequeno receio me fez focar no primeiro passo para realizar meu sonho, que era me tornar uma cidadã dos Estados Unidos.

CAPÍTULO ONZE

Durante aquele período, batalhas judiciais começaram a ser preparadas contra meus raptores. Mark Abend me visitava frequentemente e, por vezes, me levou de volta a Orange County para me reunir com os promotores. Eu ficava ansiosa por aquelas sessões, pois a cada encontro sentia que A Mãe e O Pai estavam bem perto de ter o que mereciam. Aqui se faz, aqui se paga.

Houve muitos interrogatórios, e os oficiais me mantinham informada sobre seus planos para me trazer justiça. Em um dado momento, eles me perguntaram se podiam usar a carta que eu tinha escrito para os meus raptores. Não sei se A Mãe e O Pai em algum momento chegaram a ver a carta, mas minha terapeuta achou que me ajudaria se eu a escrevesse. Mark e seu time acreditavam que a carta seria útil no caso, se o juiz pudesse vê-la. Não lembro a data exata da carta, mas, pela minha letra, eu provavelmente já tinha 16 anos. Eis o que escrevi:

Oi,

Meu nome é Shyima Hassan. Eu tenho uma família grande no Egito, cinco irmãos e cinco irmãs. Tinha os melhores irmãos e irmãs do Egito. Meus melhores momentos foram vivendo com eles. Eu os amava muito, porque eles me amavam de volta e tornavam a minha vida melhor. Quando eu precisava de alguém, eles estavam lá para mim.

Também tinha amigos no Egito. Tinha esse tipo de pessoa que estava lá para mim, com quem eu brincava. Sim, eu tinha amigos também, como todo mundo. Também tinha uma mãe e um pai que me amavam antes de vocês os chantagearem e os fazerem desistir de mim. Aquele foi o dia em que eu achei que a vida havia acabado. Sabem por quê? Porque vocês me tiraram da minha vida. Foi ali que perdi a fé em Deus. Vocês me fizeram perder meu único e

verdadeiro amor no mundo, por todas as coisas que disseram para minha família e por todas as coisas que fizeram para mim.

Vocês fizeram da minha vida um inferno e não se importaram. Me trataram como lixo no Egito e nos Estados Unidos. Tive que ficar de boca calada por causa do que disseram que fariam à minha irmã. E, sim, eu estou longe da minha família por causa do que disseram que ela fez. Então, eu tive de suportar vocês, porque eu amo minha irmã e não queria vê-la na prisão. Vocês não chantagearam apenas minha mãe e meu pai, chantagearam meu coração.

Agora, eu quero uma vida melhor longe de vocês. Tenho uma ótima família. Além disso, estou quase acabando o Ensino Médio. A vida é ótima sem vocês e sei que também tenho Deus comigo. Estou vivendo como uma adolescente de verdade e agradeço todo os dias a Deus e a todas as pessoas que me salvaram de vocês.

Fiquei surpresa ao saber que Mark estava tão determinado a ver A Mãe e O Pai pagarem pelo que tinham feito a mim que decidiu voar até o Egito para encontrar meus pais. Acho que ele esperava reunir fatos para a acusação. Tentei prepará-lo para o tipo de pessoas que iria conhecer, mas, ainda assim, ele deve ter ficado um tanto desconcertado ao encontrar minha família.

Mais tarde, Mark me disse que, ao encontrar minha mãe e meu pai, um advogado e um estenógrafo estavam lá. Parecia que meus pais tinham medo de se meter em confusão e queriam que tudo fosse registrado de forma legal. Eu acredito que O Pai tenha pago aos meus pais por esses serviços. Mark me disse que, durante o encontro, meu pai parecia bastante frágil e mal de saúde. Ele disse a Mark que havia passado por uma cirurgia cardíaca e que meu raptor, O Pai, havia pago por ela também.

Mark deve ter ficado pasmo com a falta de compaixão que meus pais demonstraram. Mesmo depois de todo aquele tempo, em vez de dizerem coisas como: “Nós sentimos saudade de Shyima. Nós a

amamos. Quando vamos poder vê-la?", eles deixaram claro para Mark que queriam que eu voltasse para meus raptores.

Eu tinha esperança de que parte daquilo fosse por eles não entenderem que o que haviam feito comigo tinha sido errado. A maioria de nós tem um padrão decente de vida nos Estados Unidos, mas não é incomum para famílias pobres no Egito vender seus filhos para trabalharem em famílias mais ricas.

Meus pais, eu acho, viam seus filhos como oportunidades de rendimento. Meu pai e minha mãe tinham tão pouco que achavam que todos precisavam contribuir financeiramente, até as crianças. Ao me colocarem com A Mãe e O Pai, minha família havia garantido cerca de 100 libras egípcias todo mês – o equivalente a 17 dólares na época. Muitas famílias nos Estados Unidos gastam mais do que isso em uma refeição no McDonald's.

Sempre me disseram que a maior parte do meu "salário" era destinada a compensar o que minha irmã havia roubado. Quanto pode ter sido aquilo? Mesmo incluindo a dívida de honra, acredito que meus raptores me detiveram muito tempo depois de eu ter quitado a dívida da minha irmã.

Por Mark, fiquei sabendo que meus pais estavam vivendo em uma casa de barro, o que significava que todo o dinheiro que eles recebiam até eu ser resgatada estava fazendo falta. E, por fotos que ele tirou ou recebeu, eu podia ver que as roupas da minha família eram sujas e gastas como eram na época em que fui tirada deles. Mas quer saber? Isso não importava. Não fui eu que decidi deixar minha família. Não havia a opção de ficar, e posso dizer a você que, se tivessem me dado a chance de escolher, jamais teria deixado aqueles que eu amava. Não importava que nós não tivéssemos quase nada. Nós nos amávamos e, no final das contas, o amor é a única coisa importante na vida. Que a casa dos meus raptores fosse mais bonita que a da minha família não fazia diferença para mim. Poucas pessoas aceitariam morar em uma bela casa em troca de trabalhar 24 horas por dia, sem pagamento, sem férias ou dias de

folga, sem assistência médica, apanhando e, constantemente, sendo chamada de estúpida. Ainda fico furiosa só de pensar nisso.

Minha irmã – a que havia roubado – também estava disposta a testemunhar a favor dos meus raptores. Depois de ouvir isso, presumi que ou meu pai ou o advogado deles a tenha instruído sobre o que dizer.

– Quando eu estava lá, eles me tratavam muito bem – disse ela várias vezes no vídeo do seu interrogatório antes do julgamento.

Se aquilo era verdade, por que ela havia roubado deles?

•••

Depois daquilo, foi uma questão de tempo. De novo. Fui descobrindo que um processo legal nos Estados Unidos demora muito tempo. Enquanto esperava, eu me mantinha ocupada trabalhando e indo à escola, mas não contei a muitas pessoas o que estava acontecendo. Na maior parte do tempo, mantinha minha vida anterior em segredo. Especialmente na escola. Embora soubesse que o julgamento era iminente e que ele poderia me trazer satisfação pessoal, poucas pessoas fora da minha família sabiam sobre ele. Parte disso era porque eu queria ser uma garota normal. A outra parte era porque as últimas pessoas do mundo que eu queria ver eram A Mãe e O Pai. Mas, quando chegou o momento de enfrentá-los, eu fui em frente.

Queria tanto vê-los condenados que até já conseguia saborear isso, mas acusar A Mãe e O Pai com eles na mesma sala foi uma das coisas mais difíceis que já havia feito. Eu estava contente por Mark estar lá para me ajudar a fazer aquilo. Meu pai acolhedor era solidário, mas eu sempre pensei primeiro em Mark toda vez que a palavra “pai” surgia na minha mente. Ainda me impressiona o tempo que Mark dedicou ao longo de tantos anos para tentar condenar A Mãe e O Pai. Ele não precisava fazer isso e, honestamente, muitos outros não teriam feito o mesmo.

Desde o início do processo, Robert Keenan e Andrew Kline foram designados para o meu caso. Precisei de dois advogados, pois cada um tratou de diferentes áreas do direito, e esse caso era complexo o bastante para cobrir várias bases jurídicas. Robert ficava em Los Angeles, e Andrew, em Washington. Ambos me prepararam para o julgamento e me conduziram por muitas mudanças de última hora. Eu odiava revisitar as terríveis lembranças, indo tão fundo como fomos, mas sabia que era o único modo de fazer aquelas pessoas pagarem. Não tinha noção do que “pagar” queria dizer em termos de tempo de cadeia, mas esperava que envolvesse uma longa estada atrás das grades. Entretanto, eu sabia que, quanto mais informação Mark e os advogados tivessem, maior seria a chance de uma condenação e uma pena rigorosa.

Uma das coisas que tive de fazer foi assistir às filmagens feitas enquanto eu estava em cativeiro. Aquele foi um processo tenso. Os vídeos tinham sido apreendidos junto com outros documentos e gravações, pouco depois que fui resgatada. Enquanto eu assistia, Mark e os meus advogados faziam pergunta atrás de pergunta sobre o que estava acontecendo com a família no momento em que cada vídeo tinha sido gravado. Quem estava no vídeo? O que eles estavam fazendo? E dizendo? E, o mais importante: onde eu estava?

Pelos vídeos, queríamos mostrar que eu não fazia parte da família. A Mãe e O Pai aparentemente alegariam que eu fazia. Em um vídeo, celebrava-se o aniversário da filha mais nova. Todos da família são mostrados sentados à mesa na sala de jantar, cercados de pratos, copos, taças e comida. Havia muita comida. Eu entro e saio do vídeo, enquanto tiro apressadamente os pratos da mesa, trago mais água e sirvo mais comida para as pessoas comerem. Se eu era parte da família, por que não estava sentada à mesa me divertindo, como todos os outros?

Fiquei surpresa ao descobrir que minha família biológica havia permitido ser filmada para um vídeo. Nele, muitas pessoas da minha

família diziam o quanto me amavam e sentiam minha falta, e o quanto desejavam que eu estivesse lá com eles. Esse foi o mais difícil de assistir. Eu tinha sentimentos confusos, mas, acima de tudo, ao ver as filmagens me sentia triste por dentro. Depois eu pensava nas muitas vezes em que meu pai havia gritado comigo por não voltar aos meus raptores, e todas as vezes em que minha mãe me disse que eu tinha de ficar com eles. Pensei também na minha irmã que tinha mudado o curso da minha vida com suas ações.

No final, comecei a chorar. Mark estava na sala comigo, assim como Robert e Andrew. Ele lançou um olhar para os advogados e eles se retiraram. Depois, sentou próximo de mim e tentou me dar coragem:

– Não interessa o que eles falam. Essas pessoas não fazem mais parte da sua vida. Você tem bastante apoio aqui; *não deixe* aquelas pessoas colocarem você para baixo.

Ele estava certo; porém, mais do que aquilo que a minha família havia dito no vídeo, a parte mais triste de vê-la foi que, com exceção do meu pai e da minha mãe, eu não me lembrava de nenhuma daquelas pessoas. Isso é muito errado, não? Eu deveria ter reconhecido cada um registrado pela câmera. Deveria saber o jeito como minha mãe se movia, como minha irmã inclinava a cabeça. Mas não sabia. Eu não recordava nada daquilo nem de qualquer um deles. Tudo que pude reconhecer foi que minha mãe parecia muito mais velha e que meu pai, que sempre foi magro e baixo, havia perdido ainda mais peso.

Aparentemente, aquele era um caso ganho. Meus raptores haviam me retido contra minha vontade, o que é uma violação de diferentes leis, tanto estaduais quanto federais. Mas um caso como aquele, eu descobri, nunca é fácil. Inicialmente, há questões jurisdicionais para resolver. Que órgão de aplicação da lei vai formalizar a acusação, e por qual crime, especificamente? Depois há o fato de que, nos Estados Unidos, operamos com um sistema de que todos são inocentes até que se prove o contrário. Todos têm

direito a um advogado e, assim que A Mãe e O Pai contrataram os seus, sua equipe jurídica fez de tudo para adiar o julgamento. É impressionante quantos obstáculos um dos lados pode acrescentar em uma batalha judicial.

Mark, meus advogados e eu nos preparamos muito para o julgamento. Eu estava bastante nervosa. Não queria ter de passar por aquilo – sentar em um tribunal e olhar dia após dia para as pessoas que roubaram minha infância. Mas estava pronta e iria em frente. No entanto, no último minuto, A Mãe e O Pai se declararam culpados. Acredito que até seus advogados viram que as evidências contra eles eram fortes demais e que meus raptores seriam levados à cadeia. A única coisa que precisava ser decidida era em que cadeia e por quanto tempo. A equipe jurídica d'A Mãe e d'O Pai deve ter-lhes dito que nunca iriam ganhar em um julgamento com júri e que a sentença deles seria mais branda ao se declararem culpados.

Eu não estava lá quando eles fizeram suas alegações, mas soube que o juiz chorou. Fiquei muito contente em ver como as pessoas que podem fazer a diferença enxergaram através das mentiras dos meus raptores.

A alegação de culpa significava que eu não precisaria sentar no tribunal, ficando à vista dos meus raptores como que em uma vitrine. Eu teria apenas de sentar na galeria (a parte da plateia do tribunal) para ouvir a leitura da sentença. O propósito dessa leitura é determinar qual pena o réu merece pelo crime que cometeu. Testemunhas podem ser convocadas de ambos os lados e ajudam o juiz a decidir melhor sobre a punição adequada. Réus podem falar em sua própria defesa, e as pessoas que eles prejudicaram têm a oportunidade de se dirigir a eles. Isso significa que eu teria a chance de dizer aquilo que eu quisesse para A Mãe e O Pai, e eles teriam que sentar e aguentar.

Àquela altura, eu deveria ter agarrado a oportunidade. Certamente eu tinha muito o que dizer para aquelas duas pessoas

que haviam tirado tudo de mim. Mas eu queria superar aquilo. Desprezava tanto meus raptores que nem tinha vontade de gastar qualquer energia com eles. Simplesmente não mereciam que eu desperdiçasse meu tempo. Tudo que eu queria era sentar na audiência e ver com meus olhos que A Mãe e O Pai estavam finalmente tendo o que mereciam. Isso bastava para mim.

•••

No grande dia, fui com Steve e Patty para o tribunal em Orange County. Fiquei nervosa e com dor de estômago. Fazia muitos anos que eu não via A Mãe e O Pai e, de todas as pessoas do mundo, aquelas eram as que eu menos queria ver.

Quando entramos no tribunal, pude ver A Mãe e O Pai na frente, ao lado direito da sala. Muitos de seus amigos e membros da família estavam sentados perto deles. Na verdade, o lado direito inteiro estava tomado por seus apoiadores.

Mark, Robert e Andrew estavam sentados na frente, à esquerda; sentei com Steve e Patty no meio da sala, atrás deles. As únicas pessoas que estavam do nosso lado eram repórteres. Eu não tinha ideia de como eles sabiam que deviam estar ali, mas havia um bom número deles.

Embora A Mãe e O Pai olhassem ocasionalmente pela sala, assim como muitos dos seus apoiadores, acho que nenhum deles me reconheceu. E por que deveriam? Além do fato de eu ser quase uma formanda do Ensino Médio, em vez de uma criança sem instrução, minha atitude como um todo havia mudado. Em vez de uma criança submissa e intimidada, eu era uma jovem mulher determinada, que podia me virar em quase qualquer lugar. Mesmo assim, eu preferia estar em qualquer outro lugar, em vez de ali. Eu queria justiça, mas sabia que os próximos minutos seriam emocionalmente os mais duros pelos quais eu já havia passado.

A Mãe foi a primeira a depor. Haviam me dito que ela estava fazendo aulas de inglês, mas ela ainda falava com a intermediação

de um intérprete. Eu lembrava o suficiente de árabe para entendê-la. Compreendi muito bem as primeiras palavras de ódio que saíram de sua boca:

– Não posso acreditar que você quis manter essa leitura em um dia sagrado em que eu deveria estar em casa com meus filhos – vociferou ela.

A leitura da sentença ocorreu em um feriado muçulmano menor, mas o que havia me tirado do sério era que fazia quase nove anos que eu não via minha família, e A Mãe estava reclamando que não estava em casa com a sua por um dia. Como ela se atrevia?!

Depois, em relação a mim, disse:

– Se eu tivesse perguntado se ela queria ir para casa e ela dissesse que sim, essa seria a primeira coisa que eu teria providenciado. Mas eu nunca lhe perguntei.

Aquela declaração passou da conta. Eu tinha dito mil vezes que queria ir para casa. Ela estava lá quando eu estava no telefone com meus pais, chorando e implorando para poder voltar para minha família. Comecei a me agitar e a tremer, e não tardou para que Mark percebesse meu sofrimento e me passasse um papel e uma caneta. Rabisquei palavras naquele papel o mais rápido que podia. Quase pulei da minha cadeira quando A Mãe disse:

– Eu a alimentei, a vesti e a tratei como se fosse minha filha.

Sério? Nunca vi nenhum dos filhos biológicos dela dormindo na garagem, lavando as próprias roupas em um balde, ou mesmo cozinhando, limpando ou cuidando da roupa. Pelo amor de Deus! Eu tinha até que colocar a pasta de dente nas escovas dos filhos dela. Eu estava furiosa por A Mãe não assumir nenhuma responsabilidade por ter destruído minha infância. Nenhuma.

O único momento em que ela deu um tempo em sua atitude de ofendida foi quando lhe perguntaram por que ela nunca tinha me colocado na escola. Ela hesitou e apresentou um monte de desculpas que não convenceram ninguém.

O Pai não disse nada quando foi sua vez de depor, exceto:

– Eu gostaria de me desculpar com Shyima.

Mark e alguns outros acharam que ele havia demonstrado um pouco de compaixão, mas eu achei que aquelas palavras haviam sido ditas apenas na esperança de que sua pena fosse reduzida. Os anos em que vivi na casa dele me ensinaram muito bem a ler sua linguagem corporal.

Eu não planejava falar. Não queria falar. Mas, depois que A Mãe e O Pai tinham terminado, Mark virou para mim com um olhar interrogativo, então eu pulei da cadeira e fui à frente do tribunal. Pela expressão no rosto de todos, acho que aquele foi o primeiro momento em que alguém do lado dos meus raptores percebeu que eu estava ali.

– Eu não acredito que ela disse o que disse sobre hoje ser um feriado! – gritei. – Eu não vejo minha família há nove anos por causa dela! Você quer falar sobre passar por cima dos outros? Bom, ela é do tipo que passa. Eles nunca me trataram como uma filha. Nunca. Onde estava a demonstração de amor deles em relação a mim? Eu não era um ser humano também? Eu dormia na garagem sem uma lâmpada e precisava servi-los com todas as mordomias, mesmo quando estava doente. Eu me sentia um nada quando estava com eles. O que eles fizeram comigo vai me afetar pelo resto da vida, e eu estou muito melhor sem eles agora.

Então, comecei a chorar. Andrew veio até mim e me confortou, enquanto me levava de volta ao meu lugar. Eu odiava ter tanta raiva acumulada no peito a ponto de chorar. Odiava ter de ficar ali naquele lugar. Odiava o olhar arrogante e superior d'A Mãe. E odiava o tráfico humano mais do que conseguiria dizer. A escravidão, como quer que seja chamada, é errada.

Minutos depois o juiz revelou sua decisão. O Pai foi sentenciado a três anos. A Mãe pegou 28 meses, que foi o período de tempo que fui retida contra minha vontade em sua casa nos Estados Unidos. Além disso, eles foram condenados a me pagar 76.137 dólares. Essa quantia era equivalente ao que eles teriam pago se eu

ganhasse um salário mínimo pelas horas estimadas que “trabalhei” para eles depois de me mudar para os Estados Unidos. Eu estava animada com o dinheiro, já que era uma soma considerável, mas fiquei decepcionada com a duração da pena. Tinha esperança de que A Mãe e O Pai tivessem de ficar muito mais tempo atrás das grades.

No entanto, meu desapontamento não durou muito, pois Mark tinha uma surpresa para mim. Antes que qualquer um pudesse sair do tribunal, as portas foram fechadas e trancadas. Então, A Mãe e O Pai foram escoltados até o corredor. Logo depois, Mark pediu para segui-lo. Eu não sabia o que esperar e estava confusa, mas confiava em Mark e sabia que ele não deixaria que nada de ruim acontecesse comigo.

No saguão, encontrei A Mãe e O Pai cercados por agentes da ICE. Mark estava ali comigo como um amigo, mas ele havia ligado para seus colegas da Polícia de Imigração e Alfândega, pois os vistos temporários d’A Mãe e d’O Pai já tinham vencido há muito tempo. Ambos estavam no país ilegalmente.

– Eu queria que você visse isso – disse Mark, enquanto os oficiais algemavam A Mãe e O Pai. O Pai ficou apenas ali, de pé, mas A Mãe começou a gritar.

E eu? Eu fiquei com um grande sorriso no rosto. Aquela foi a melhor cena de todos os tempos! As caras horrorizadas d’A Mãe e d’O Pai eram impagáveis. Ainda pude ver os dois sendo revistados em busca de armas. Em seguida, percebi que os gêmeos estavam lá. Eu não os tinha reconhecido de cara; eles haviam crescido bastante. Além do mais, era difícil reparar em como eles eram, enquanto choravam e gritavam tão alto e forte quanto A Mãe e O Pai faziam agora. Até os advogados da família estavam berrando. No fim das contas, aquela foi uma visão e tanto.

Mark e meus advogados estavam eufóricos. Eu estava eufórica! Nosso trabalho duro de anos havia valido a pena, e meus raptores tiveram o que mereciam. Aquele resultado foi importante para

restaurar a minha fé na decência humana. Todos, do juiz para baixo, haviam visto quanta injustiça eu havia sofrido enquanto vivi com aquelas pessoas. Não apenas isso – aqueles gentis oficiais haviam tomado medidas para corrigi-la. Aquilo, na minha opinião, era o máximo.

Quando estávamos indo para o elevador, um repórter do *Los Angeles Times* me abordou, pedindo uma entrevista.

– Não, obrigada – respondi.

Havia muitas emoções se revolvendo dentro de mim, e eu não podia me concentrar naquele momento em algo assim. Mas Patty insistiu, então eu concordei em encontrar o repórter em um pequeno restaurante próximo do tribunal. A caminho do elevador, no entanto, alguns advogados d'A Mãe e d'O Pai se juntaram, tentando nos barrar.

– Nós só queremos conversar. Talvez tenha havido um mal-entendido.

Quando dei por mim, Mark, Robert e Andrew os pararam.

– Vocês não podem chegar perto dela – um deles disse. – Vocês não podem falar com ela. Vocês não podem nem pegar o mesmo elevador que ela.

Dei a entrevista ao repórter, embora estivesse brava com a insistência de Patty para que eu fizesse isso. Gostaria que ela tivesse respeitado aquele meu desejo, sobretudo naquele dia. Fiquei especialmente contrariada, pois ela parecia estar desfrutando da atenção, em vez de me deixar ter o meu dia.

Depois, Mark me mandou fotos d'A Mãe e d'O Pai na cadeia. Cada um vestia seu uniforme laranja, e tenho de dizer que a cor laranja não caía bem n'A Mãe. Aquelas fotos fizeram duas coisas por mim. Primeiro, elas me fizeram sentir que, mais do que nunca, eu queria ser uma agente da lei. O sistema tinha funcionado bem para mim, e eu queria ser alguém que o ajudasse a funcionar para os outros.

Segundo, as fotos eram um grande lembrete visual de que o caso estava encerrado e de que meus raptores não iriam tão cedo para lugar algum. Aquilo me dava um grande alívio e, pela primeira vez desde que havia sido levada da minha família, me senti tranquila. Eu podia respirar.

CAPÍTULO DOZE

Eu já vivia há um tempo com Steve e Patty, quando eles acolheram uma garota de cerca de 10 anos. Pouco depois, essa garota contou a uma professora que algo muito ruim havia acontecido a ela na casa. Na sequência, a professora ligou para uma assistente social. Houve vários interrogatórios e conversas que acabaram levando a garota a ser retirada da nossa casa.

A situação toda me deixou brava porque, embora Steve e Patty tivessem seus defeitos, nada de muito ruim aconteceu àquela garota enquanto ela esteve conosco. Eu não sei por que ela mentiu, mas, logo depois disso, alguns assistentes sociais começaram a falar em também me tirar da casa. Eu não queria que aquilo acontecesse, pois finalmente estava me ambientando. Não queria voltar a Orangewood, não queria passar pela turbulência emocional de deixar meus irmãos acolhedores e me estabelecer com uma nova família.

Foi quando minha assistente social nos disse:

– Sabem, podemos evitar uma mudança se vocês – ela acenou aos meus pais acolhedores – *obtivessem a guarda* da Shyima. Shyima, o que você acha disso? Você gostaria de ficar com Steve e Patty?

Eu assenti que gostaria. Achei uma boa ideia. Mas a melhor notícia veio depois:

– E, se vocês *adotarem* a Shyima – continuou a assistente social —, ela poderá obter a cidadania e ser uma cidadã norte-americana de verdade.

Ser uma cidadã dos Estados Unidos havia se tornado um sonho para mim. Agora, os Estados Unidos eram a minha casa, e meus dias de querer voltar para “casa” no Egito haviam ficado bem para trás. Quando a assistente social nos contou que toda criança ou

jovem adotado no Estados Unidos torna-se também um cidadão, eu concordei em seguir em frente com a adoção.

Meus assistentes sociais haviam me ajudado bastante. Não apenas me auxiliando na minha adaptação ao país, mas também garantindo que todas as minhas necessidades estivessem sendo atendidas. Eles foram pessoas com quem pude contar inúmeras vezes ao longo dos anos. Foi uma assistente social em Orangewood que me ajudou a preencher o requerimento e conseguir meu *green card,*[2] assim como meu cartão de seguridade social. Aquilo permitiu que eu recebesse assistência médica, entre outros serviços. Eu estava contente por aquela rede de proteção estar lá, pois ninguém mais poderia providenciar aquilo para mim. Ao longo do tempo, aprendi a confiar em meus assistentes sociais, pois eles me indicavam os caminhos a seguir em meio a tantos sistemas complexos.

Também preciso dar crédito a Steve e Patty por não se oporem à ideia de me adotar. Minha preocupação era que aquele casal brigava muito, e eu não tinha certeza se queria ocupar um espaço maior na família do que já ocupava, apesar de ser apaixonada por meus irmãos mais novos.

Mas, se a adoção ia me ajudar a obter a cidadania, então tudo bem para mim. Meu desejo de me tornar uma parte de verdade do meu novo país superava qualquer sentimento inquietante que eu tivesse a respeito da minha família acolhedora, então segui em frente com aquilo. O processo foi surpreendentemente simples. Vários assistentes sociais preencheram a papelada para os meus pais assinarem, e então uma audiência no fórum foi marcada.

No grande dia, Steve, Patty e eu fomos ao fórum. No caminho, meus futuros novos pais brigaram feio. Patty estava de mal com o mundo porque a camisa que ela queria usar não tinha sido lavada devidamente, e Steve e eu tivemos de escutá-la reclamando alto por uma hora ou mais – o tempo que levamos para chegar ao fórum. Eu

estava furiosa com ela, e com Steve também, pois ele nunca tomava uma atitude para lhe dizer o quanto ela estava sendo ridícula.

Ao longo dos anos, Mark Abend havia se tornado, de fato, a pessoa que mais se aproximava do que eu poderia chamar de família. Ele nos encontrou lá. Fiquei feliz por ele poder compartilhar aquele dia especial comigo. Além disso, ele era um bom escudo para ficar entre mim e meus pais briguentos.

Dentro da sala de audiência, a juíza me deixou sentar em sua cadeira. Aquilo foi bem legal. Depois ela disse:

– Steve e Patty, vocês concordam em tratar Shyima como sua filha e dar a ela o que vocês dariam a seus filhos naturais?

Eles responderam:

– Sim, concordamos.

Então, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, a juíza assinou o pedido, tiramos algumas fotos com ela e – bum! – lá estava eu com pais de verdade, uma família de verdade.

Para celebrar, fomos a um restaurante francês bacana. Mark não pôde ir, mas alguns parentes da minha nova família apareceram. O clima de briga desapareceu, e aquele acabou sendo um dos melhores momentos que tivemos juntos.

Eu achava que iria sentir algo diferente quando a adoção fosse concluída, pois então eu seria parte legal da família, mas não senti. Meus novos pais ainda brigavam. Seu sobrinho – meu novo primo – ainda não gostava muito de mim; e eu ainda tinha AR, ia à escola e trabalhava. A vida seguia em frente. Eu só tinha um novo nome.

Eu havia nascido Shyima El-Sayed Hassan, mas, quando soube que podia mudar meu nome durante o processo de adoção, mudei. Meu nome do meio passou a ser Janet-Rathiba. “Janet” era o nome da avó de Patty, uma magnífica e doce senhora, que eu gostava muito. “Rathiba” era o nome da minha avó, a que morava longe, no Egito, e que eu tinha amado. Não sabia se ela ainda era viva, mas quis honrar o amor que ela tinha por mim adotando seu nome.

Pensando bem, foi surpreendente ainda lembrar o nome dela. Eu havia esquecido o nome de muitas outras pessoas que haviam sido importantes para mim quando vivia com minha família biológica.

Pouco tempo depois de ter sido adotada, liguei para um número que estava em um papel que recebi junto com meu *green card.* O número era para saber sobre a obtenção da cidadania. Eu estava transbordando de entusiasmo quando fiz a ligação. Mas, lamentavelmente, minhas esperanças foram destruídas quando descobri que minha assistente social havia cometido um engano. Eu só poderia ter me tornado automaticamente uma cidadã se tivesse sido adotada antes de fazer 16 anos. Eu tinha completado 17 anos recentemente, e fui informada de que precisaria esperar até os 18 anos para requerer a cidadania. E ainda teria de me submeter a uma longa entrevista e fazer um teste detalhado.

No entanto, o prazo acabou sendo bem maior. Acontece que eu só poderia requerer a cidadania cinco anos depois de receber meu *green card*, e somente se não tivesse sido condenada por nenhum crime. Eu só recebi meu *green card* aos 15 anos.

Fiquei devastada quando soube disso. Meu coração afundou até meu estômago, depois comecei a ter pensamentos amargos. “O que mais eu poderia esperar?”, disse para mim mesma. “Quando é comigo, ninguém faz nada direito.”

Eu não estava brava com a assistente social, mas desanimada. O que eu mais queria na vida era pertencer ao meu novo país. Depois de passar alguns dias para baixo, resolvi resistir e enfrentar. “Se tenho de esperar três anos*,* esperarei”, decidi*.* Antes tarde do que nunca.

•••

Ao ir morar com minha família adotiva, eu havia deixado de ter qualquer pretensão de ser muçulmana, pois estava farta das famílias acolhedoras me empurrando a religião muçulmana goela abaixo. Havia estudado o Corão com meus primeiros e segundos

pais acolhedores. Os pais dessas famílias geralmente o liam em voz alta. Uma linha que ficou gravada na minha mente dizia algo como “você me respeita”. Aquela era uma referência ao homem adulto. Na minha perspectiva, porém, homens adultos muçulmanos nunca haviam feito nada que merecesse meu respeito. Eu achava que exigir respeito sem merecê-lo era algo hipócrita. Presenciei aquele tipo de exigência repetidas vezes na minha infância e não queria mais ser parte daquilo. Eu estava mais do que pronta para algo novo.

Minha nova família pertencia a uma igreja da comunidade cristã. Comecei a participar dos cultos ali. Embora não concordasse sempre com a visão política do pastor, eu gostava dele como pessoa e sabia que ele sempre agia com compaixão pelos outros. Eu também frequentava a igreja da minha amiga Amber, que também era cristã. Mais recentemente, tenho ido a uma igreja católica, que me pareceu aberta e receptiva.

Acredito que tudo se resume ao fato de que esse país foi fundado no conceito de liberdade religiosa. Precisamos respeitar isso. Há um grande céu acima de nós, e eu acredito que o mesmo Deus colocou cada um de nós aqui. Todo dia eu rezo para as pessoas que eu amo e, mesmo que não reze da maneira como você o faz, acredito que Deus ouve nossas preces – não importa a religião praticada.

Por muitos anos, fui forçada a fazer coisas nas quais não acreditava, em nome da religião. Eu não queria ser forçada a nada, desde a questão relativamente simples do véu até a prática tolerada do trabalho escravo infantil, tão comum em famílias muçulmanas no Egito. Queria praticar uma religião pela minha vontade, não porque um homem muçulmano me bateria se não a seguisse.

Além da nova igreja, descobri que gostava de praticar esportes. Comecei a jogar futebol em 2005 e ficava ansiosa pelos dias em que poderia entrar em campo. Eu não tive a chance de fazer aquilo antes, e achei incrível estar em um time. Amava a correria e a agressividade do futebol. Eu ainda tinha resíduos emocionais sobre

como a vida havia me tratado, e chutar uma bola com toda a minha força ajudava a dissipar muito daquilo. Precisava ter cuidado, porém, para não exagerar, já que não queria que os sintomas da minha AR se intensificassem. Joguei futebol em uma liga comunitária até os 19 anos. A cada temporada, eu tinha diferentes colegas e um novo técnico, o que descobri ser um jeito legal de conhecer pessoas e me divertir bastante ao mesmo tempo.

Fora da escola, eu também joguei softbol[3] por um tempo. Não consigo nem descrever para você como foi incrível quando andei pela primeira vez em um campo de softbol. Foi um longo caminho desde a primeira vez que assisti o Anaheim Angels jogando – sem entender muito do que acontecia –, até colocar minha própria luva e participar de um jogo. Mas meus novos pais faziam parte do quadro de técnicos e levavam suas eternas brigas para o banco. Eu já tinha o suficiente daquilo em casa, e seus constantes ataques mútuos acabaram estragando o jogo para mim. Brigas à parte, acho que gostava mais de assistir beisebol do que de jogar, pois não havia tanta ação no campo, se comparado com o futebol. E, para ser honesta, eu não era boa nem em rebater nem em pegar a bola.

Por um curto período de tempo, também fiz parte do time de corrida do Ensino Médio, mas isso forçava bastante minhas articulações. E os constantes treinos tomavam muito do tempo que deveria ser gasto fazendo lição de casa. Com exceção de Matemática e Inglês, eu estava quase em dia, mas levava muito mais tempo que a maioria dos estudantes para terminar minhas tarefas.

Enquanto esperava, não tão pacientemente, pelo dia em que poderia fazer meu teste para obter a cidadania, aproveitei uma oportunidade no terceiro ano para integrar o departamento de polícia local como voluntária no Programa de Exploradores Policiais. Esse programa é oferecido a jovens entre 14 e 21 anos que cursaram pelo menos até o oitavo ano. Os Exploradores precisam

passar por um processo de inscrição rigoroso e manter ao menos média C nos estudos.

Desde o dia em que fui resgatada, desejava começar uma carreira na área de aplicação da lei, e essa era uma grande oportunidade para começar a atuar na profissão. Mas, embora a oportunidade estivesse lá, não significava que eu seria automaticamente aprovada para o serviço. Havia muitos procedimentos, criados para preparar os candidatos para uma experiência similar à de se tornar um oficial da polícia.

Para começar, eu teria não só de preencher uma papelada e tirar minhas impressões digitais, mas também precisaria me encontrar com um investigador que servia como um orientador do programa. Ele, ou alguém do seu departamento, faria uma verificação dos meus antecedentes. Depois disso eu teria de me encontrar com um cabo do departamento e, depois, com o chefe de polícia. Aquele encontro era bastante intimidador para mim. Eu estava morrendo de medo. Alguns anos antes, eu morreria de medo de qualquer um ligado às forças da lei. Agora eu ia me encontrar com o chefe de polícia! Mas ele se revelou um homem simpático, e passou a maior parte do tempo me perguntando sobre meus objetivos pessoais e educacionais. Chegou até a me dar conselhos sobre faculdades na área. Eu gostei dele e mal podia esperar para começar.

Havia cerca de dez de nós, e éramos um dos primeiros grupos a passar pelo programa. Fiquei emocionada no dia em que recebi meu uniforme, que consistia em uma calça social preta, uma camisa de manga longa azul-clara com ombreiras pretas, e vários símbolos oficiais costurados nas mangas. Completavam meu uniforme uma gravata e um cinto pretos, além de broches nas pontas dos colarinhos. Eles me pediram para prender meu cabelo escuro e comprido em um coque. Quando vi a foto que o departamento tirou para os seus registros, devo dizer que eu parecia mesmo uma policial júnior.

Mas, antes de ser cem por cento oficial, eu precisava passar em um teste. Tive de esperar 30 dias antes de fazê-lo, pois as pessoas que prepararam o programa, sabiamente, entenderam que Exploradores precisavam primeiro ter alguma experiência prática. Havia cerca de 30 questões no teste, e fui bem, embora todos no meu grupo, incluindo eu, tivéssemos errado a última – e a mais importante – pergunta. A questão era algo como: “Em que momento um Explorador deve usar o rádio da polícia?”. Juro que eu não sabia como responder essa, embora tivéssemos passado por essa situação muitas vezes. A resposta correta, aliás, era: “Somente em uma emergência ou quando ordenado por um policial”.

Durante o treinamento, eu e os outros Exploradores fizemos um intenso programa de verão, ficando uma semana na academia de xerife em Riverside, Califórnia. Quando chegamos lá, jovens de diferentes cidades foram divididos em grupos, e eu acabei sendo a única pessoa da minha região no grupo. Cada grupo ficou em uma cabana, e tínhamos que revezar, ficando acordados à noite para “guardar” a cabana e nossos colegas Exploradores. Aprendi muito sobre aplicação da lei e procedimentos legais enquanto estive lá.

Nós também passávamos o tempo fazendo treinamentos policiais e correndo, exatamente como policiais fariam. E, ainda que Exploradores andem desarmados, tivemos de passar por treinamento sobre armas de fogo. Aprendi sobre diferentes tipos de armas, como limpá-las, e até passei um tempo praticando tiro ao alvo.

O treinamento era rigoroso e intenso, e muitas pessoas desistiram. Ninguém da minha cidade, no entanto, se atreveu a pensar nisso. Embora fosse uma semana difícil, sabíamos que seria bem mais complicado encarar nossos supervisores locais se não completássemos o curso. Além disso, tínhamos tanto orgulho que não queríamos decepcionar ninguém do nosso departamento de polícia. E não decepcionamos!

Depois que voltamos para casa, começou a diversão de verdade. Fui trabalhar com policiais que estavam em serviço. Durante meu turno, eu podia andar com um policial e cuidar da papelada, como a solicitação para rebocar um veículo. Ou podia preencher os documentos durante uma batida policial para registrar infrações, como excesso de velocidade ou avanço de sinal.

Como Exploradora, eu ia frequentemente a eventos públicos, como nossa festa da cereja, corridas de bicicleta e festivais de verão. Podia ajudar no trânsito, ou me juntar a outros para recolher lixo, auxiliar na cozinha da região – que servia refeições para os necessitados –, ou realizar pequenas tarefas para os policiais.

Em outros momentos, eu preenchia relatórios policiais na divisão de registros do departamento de polícia. Nesse processo, conheci quase todos os oficiais na força policial, e boa parte da equipe de apoio do departamento também. Poder fazer contato com aqueles agentes da lei foi o melhor, e aprendi muito sobre o caminho para a carreira que eu havia escolhido. Foi uma experiência inestimável, e fiquei ali até atingir a idade-limite de 21 anos.

Mas isso não foi o suficiente para mim. Fiquei por um ano fazendo patrulha voluntária, num programa em que cidadãos – na maior parte, aposentados – dirigem seus próprios carros pela cidade e ligam em caso de qualquer atividade suspeita. Eu me sentia orgulhosa sempre que colocava o sinal VOLUNTÁRIA no meu carro, pois sabia que estava ajudando o departamento.

•••

Durante meu terceiro ano no Ensino Médio, enquanto eu estava me ajustando à função de Exploradora policial, minha nova mãe arrumou uma entrevista para mim no jornal local. Na época, eu não sabia o que Patty tinha em mente ou por que ela marcou a entrevista, mas o resultado foi que minha história de escravidão e resgate foi publicada. Preciso admitir que, por mais que eu odiasse a publicidade, aquilo ajudou na minha vida social na escola.

Antes de o artigo ser publicado, eu tinha um pequeno círculo de amigos e um grande grupo de conhecidos que sabiam que eu era a menina com sotaque, a menina com nome engraçado, a menina do serviço de acolhimento. Mas, assim que leram a história e souberam do meu passado, as pessoas – uma atrás da outra – vieram conversar comigo. Eu conheci vários jovens assim, e alguns dos meus professores até me olhavam com uma estranha expressão, que talvez fosse de admiração. Aquela foi minha primeira experiência com o poder da imprensa, mas não a última.

Naquele mesmo ano apareci na revista *Reader's Digest*. Também não queria fazer aquela entrevista, mas Patty arranjou tudo e me incentivou a fazê-la.

– Ao compartilhar sua história, você está ajudando outras pessoas – ela dizia.

Não discuti isso, mas eu era uma estudante do último ano do Ensino Médio. Tinha perdido uma parte importante da minha infância e queria saborear o único ano que eu tinha antes de me formar. Eu queria ser uma adolescente. Pela primeira vez em um longo tempo, eu estava feliz. Não queria ser levada de volta ao meu passado. Eu precisava me concentrar no meu presente e no meu futuro, e as entrevistas me impediam de fazer isso. Sim, eu queria ajudar os outros e sabia que passaria o resto da minha vida fazendo isso. Eu só queria crescer primeiro.

Outro fato é que não estava confortável com a atenção que as entrevistas despertavam. A primeira história tinha sido boa. Ela tinha feito com que pessoas ao meu redor soubessem um pouco mais sobre mim e, por causa dela, passei a me integrar melhor do que antes. Dei várias entrevistas depois daquela, mas a maioria delas havia cruzado a linha da minha privacidade. Naquela época, eu não me sentia bem com estranhos sabendo tanto a meu respeito. Aquelas informações e atenção extras só serviram para me tornar, de novo, diferente dos meus colegas. Em vez de dizerem algo como

“uau, Shyima, você teve uma vida incrível” – o que teria sido bom –, o que eu mais ouvia era “ah, tadinha de você”. Deprimente.

Eu não queria aquele tipo de atenção negativa e não entendia por que eu não podia ser deixada em paz para me integrar. Em vez de aumentar meu círculo de amigos, as últimas entrevistas haviam me deixado ainda mais retraída do que antes, e acabei me introvertendo.

Foi só no ano seguinte que descobri que tinha sido paga por algumas das minhas entrevistas. Eu havia visto uma carta da Receita Federal com meu nome. A carta era sobre impostos, e eu perguntei a Patty e Steve sobre isso. Acontece que, como eu era menor de idade, o dinheiro havia sido colocado em uma conta que eles abriram em meu nome, mas à qual eles tinham acesso. Deu muito trabalho acertar os formulários fiscais. Enquanto isso, continuei fazendo o maior número de horas no programa de Exploradores e no trabalho. Eu tinha saído da Godiva e, em meu último ano no Ensino Médio, estava trabalhando cerca de 22 horas por semana na Kipling – uma loja de bolsas, mochilas e acessórios de viagem.

Eu adorava o tempo que passava ali, e acabei aprendendo rápido sobre os produtos, de cabo a rabo.

Comecei na Kipling como vendedora, mas em alguns anos fui promovida a gerente. Além disso, abracei qualquer outra atividade que me mantivesse fora de casa e longe das brigas que aconteciam ali.

CAPÍTULO TREZE

Quando fui morar com Patty e Steve, eles me disseram que não queriam que eu namorasse até fazer 17 anos. Era um pedido razoável, mas me adiantei e comecei aos 16. Comecei a namorar não para desafiar meus pais, mas porque queria me integrar. O que eu queria era ser uma adolescente normal, e a minha visão disso incluía namorar.

Desde o dia em que eu tinha sido resgatada, era atrasada tanto social quanto academicamente. Embora minhas duas primeiras famílias acolhedoras tivessem me ajudado a recuperar o atraso nos estudos, elas fizeram muito pouco para me integrar ao mundo real, pois eu era proibida de falar com meninos. Quando entrei no Ensino Médio, acabei tendo contato regular com o universo masculino. No começo me senti tímida, estranha e desconfortável com eles. E falar com um menino? Aquilo estava além da minha capacidade... no início.

Com o tempo, desenvolvi uma amizade com um rapaz simpático que conheci na escola. Ele era um menino fofo e inocente que estava ao meu lado durante os momentos tumultuados com minha família. Eu queria passar o tempo com aquela pessoa que me dava apoio e, no final, nossa amizade tornou-se namoro.

Aquele era um território novo e desconhecido para mim. Eu não tinha muitas amigas próximas, ou alguma irmã mais velha que pudesse me orientar. Patty não podia me ajudar, pois não tínhamos o tipo de ligação que faria eu me abrir e conversar sobre esse tipo de coisa com ela. Então, fiz aquilo que tinha feito muitas vezes. Observei. Copiei outras meninas e, assim, minhas observações acabaram me ajudando a me sentir mais confortável perto dos garotos. Afinal de contas, 50 por cento da população do mundo é composta de homens. Eu precisava aprender a interagir com eles.

O garoto legal e eu formamos um casal por cerca de um ano, mas terminamos antes do nosso baile do terceiro ano. Em vez de ir ao baile com um namorado, fui com um amigo. Mas eu estava animada. O baile é um rito de passagem para muitos jovens, e era um marco que nunca achei que fosse alcançar. Nosso tema como casal era o visual gângster. Encontrei um vestido longo rosa-choque, sem manga, com decote canoa; no meu cabelo, fiz um coque *chignon*, bem ao estilo anos 1940. Meu par usou um chapéu preto de gângster com uma faixa branca acima da aba; um terno preto com uma gravata branca, curta e larga; uma flor na lapela e várias correntes penduradas no cinto. Era um visual divertido para uma noite divertida. O baile foi ao ar livre, com uma imensa tenda. Chegamos lá no carrão estiloso do irmão do meu par.

O fato de eu ter me divertido era uma evidência de como tinha evoluído socialmente. Se não tivesse namorado, sei que não teria alcançado muitos marcos normais da adolescência, como fiz. Mas não se esqueça de que meus namoros eram todos castos e inocentes. Eu era muito nova para algo a mais.

Meu último ano no Ensino Médio passou com uma vagarosidade interminável. Um ponto alto foi um dia em que Mark Abend me ligou. Depois das saudações habituais, ele perguntou:

– Você teria por acaso algum interesse em falar para um grupo de agentes da ICE sobre seu tempo de escravidão?

Se eu teria?

– Sim! – gritei.

Eu nem precisava pensar. Aquela era uma chance para usar minha terrível experiência para o bem. Definitivamente, eu queria ajudar no que pudesse.

No dia marcado, Mark me pegou e nós dois falamos a um grupo de agentes no sul da Califórnia. O evento durou cerca de uma hora. Eu queria fazer a diferença, mas estava tão nervosa por ter de falar que achei que fosse vomitar. Falar em público costuma estar na lista de maiores medos das pessoas, e posso entender por quê. Eu

queria fazer aquilo, mas estava tão aterrorizada que mal conseguia engolir.

Mas, assim que começamos, encontrei meu ritmo, e minha ansiedade diminuiu... um pouco. Mark me apresentou e começou me fazendo algumas perguntas. As perguntas iniciais eram fáceis e tinham a ver com fatos da minha vida em cativeiro. Quando nasci? Quando fui vendida como escrava? Por quanto tempo fui mantida nessa condição?

No começo eu dava respostas curtas, mas logo comecei a desenvolvê-las. No metade do evento, percebi que os agentes na plateia estavam ouvindo atentamente o que eu tinha para dizer. Assim que me dei conta de que aquelas pessoas eram como o Mark, que todos se importavam e queriam estar ali para aprender algo que pudesse ajudar outras pessoas, minha paixão em dar informações àquelas pessoas explodiu.

Então começaram as perguntas da plateia, e a maioria delas focava no meu resgate e na minha integração à vida nos Estados Unidos. “Como poderíamos ter tornado o resgate menos estressante para você?”, perguntou um. “Por que você não confiou no time de agentes da lei que resgataram você?”, quis saber outro.

Sem parar. As perguntas vinham rapidamente. Quando expliquei que eu havia sofrido uma lavagem cerebral por anos e que pensava que qualquer coisa que tivesse a ver com a polícia teria sido bem pior que a vida com meus raptores, pude ver uma nova percepção nos olhos de algumas pessoas na sala. Quando expliquei que minha criação muçulmana não permitia que eu falasse com um homem que não fosse membro da minha família imediata, e que se houvesse uma mulher falante de árabe na viatura comigo teria sido muito menos assustador, vi canetas e lápis começando a se mover sobre papéis.

Falar foi assustador para mim, mas me trouxe confiança também. E, depois, quando Mark me disse que a equipe faria mudanças em como alguns dos resgastes seriam feitos, com base em informações

que eu havia dado, fiquei eufórica. “Como posso ajudar mais?”, eu perguntei. Mark sorriu, e programou mais palestras para mim.

•••

Em meu último ano na escola, comecei a ter mais problemas com meus pais adotivos. O caso contra A Mãe e O Pai havia se resolvido antes de eu ser adotada, e o dinheiro que tinha recebido da sentença deveria ser meu. Eu queria guardar o dinheiro para minha faculdade, mas, assim que meus novos pais botaram a mão no dinheiro, ele sumiu.

Naquele tempo, eu não entendia nada sobre bancos. Recebia um cheque do trabalho várias vezes por mês, mas eu o descontava. Ninguém tinha me explicado como um banco funcionava. Quando a indenização chegou, uma conta bancária foi aberta em meu nome, mas meus novos pais tinham acesso total a ela.

A família estava passando por constantes problemas financeiros. O carro de Steve foi tirado dele. Nós o retomamos com o dinheiro da minha indenização. Quando o carro de Patty quebrou, foi consertado com fundos da minha conta. Quando a nova mobília chegou, descobri que tinha sido paga com minha indenização.

Eu estava furiosa. Poucas vezes meus pais haviam perguntado se podiam usar meus fundos, contanto que me pagassem de volta, e minha primeira reação foi concordar. Mas, então, eles devem ter começado a gastar sem me consultar, pois pouco tempo depois os 76.137 dólares tinham sumido. Eu estava horrorizada. Aquele era o *meu* dinheiro, o *meu* futuro. Eu havia sofrido muito por cada centavo e merecia aquilo tudo.

Eu havia usado parte do dinheiro para comprar um carro, o carro que tenho hoje. Mas ele ficou no nome da minha nova mãe, já que eu era menor de idade. Também comprei um computador, e tinha dinheiro suficiente para um semestre ou dois na faculdade comunitária. Mas uma grande parte do dinheiro foi gasta em sabe-

se lá o quê. Até hoje Steve e Patty não me pagaram nenhuma parte do dinheiro que tomaram emprestado.

O dinheiro às vezes separa as pessoas, e essa situação definitivamente causou uma desavença entre mim e minha nova família. Como estiveram na leitura da sentença d'A Mãe e d'O Pai, eles sabiam o quanto eu havia recebido. Sempre me perguntei se parte do entusiasmo deles para me adotar tinha a ver com isso. Infelizmente, nunca vou ter certeza.

Acredito que meu pai adotivo tivesse um sentimento amoroso e verdadeiro por mim, mas, a meu ver, minha nova mãe se comportava como uma irmã mais velha. Nunca senti qualquer sentimento materno dela em relação a mim.

Independentemente dos sentimentos, Steve, Patty e eu tivemos várias brigas explosivas sobre o dinheiro da minha indenização – brigas que quase os fizeram me expulsar de casa, e que, no mesmo número de vezes, quase me fizeram sair por conta própria. Mas fiquei porque, naquele momento, não tinha para onde ir.

Eu mal podia esperar para me formar e seguir em frente com minha vida, mas antes eu precisaria passar por outro baile, um teste de matemática e uma hospitalização.

Para o meu baile de formatura, acabei indo com outro amigo. Eu estava namorando outro rapaz simpático que me apoiava muito emocionalmente. Esse garoto tinha elevados princípios morais e éticos, algo que tinha me atraído. Mas, quando chegou a época do nosso baile de formatura, ele perguntou a meu pai se, após baile, eu poderia passar a noite na casa dele. Acredito que ele tenha perguntado com toda a inocência, mas meu pai – claro – disse que não. Depois, Steve me proibiu de ver o rapaz novamente. Foi assim que acabei indo ao meu baile de formatura com outro rapaz, que era apenas um amigo.

Daquela vez vesti minha cor favorita: roxo. O vestido era de cetim com uma saia grande e armada, na altura dos joelhos. A cereja do bolo para mim foram os sapatos roxos brilhantes e as unhas

combinando. Ambos os vestidos que usei nos bailes estavam anos-luz das roupas de segunda mão que eu usava quando vivia em cativeiro. Cada um daqueles vestidos me fez sentir como uma princesa. Poucos anos antes, eu não poderia nem sonhar que vestiria algo tão lindo.

O baile aconteceu em uma grande mansão em Palm Springs. A melhor parte foi o incrível bufê. Parecia que as mesas se estendiam até o infinito. Como aquele era nosso baile de formatura, e meus colegas e eu estávamos nos aproximando do fim de uma era, não se formaram casais. Em vez disso, vários amigos formaram um grande grupo e eu me diverti demais. Já tínhamos combinado antecipadamente que eu chegaria no baile com meu par, mas que meu pai me buscaria na hora que terminasse, enquanto meu par iria a uma festa com os amigos dele.

O baile tomou muito da minha atenção, mas, assim como muitos outros veteranos, eu estava também focada em passar nas provas finais, incluindo Matemática. Com o passar dos anos, fui bem em Educação Física e em disciplinas como Ciências Sociais e História. Na verdade, toda vez que eu via uma foto do passado, queria saber mais sobre ela. Minha curiosidade natural me ajudou ali, mas não em Inglês e Matemática. Aquelas duas disciplinas continuaram sendo minha desgraça.

Com o uso cotidiano do inglês e com as aulas de reforço que tive, comecei a me virar na matéria, mas em Matemática eu costumava escapar por pouco da reprovação. Minha falta de conhecimento nessa disciplina é um triste fato do meu tempo de escravidão. Na época em que deveria estar aprendendo os números – e aprendendo a somar e subtrair –, eu estava limpando banheiros e lavando as roupas dos meus raptores.

Depois de fazer as provas finais, eu estava bem segura de que tinha passado em todas, com exceção de Matemática. Nessa disciplina eu não tinha certeza. Embora, emocionalmente, já estivesse cheia da escola e não quisesse frequentar um curso de

verão de Matemática, eu sabia que faria as aulas – e passaria – se fosse preciso.

Foi um período estressante para mim, pois se não passasse na prova eu não poderia me formar. Se não me formasse, não poderia ir para a faculdade ou me tornar policial ou agente da ICE. O diploma do Ensino Médio era minha porta de entrada para a vida que eu queria viver, por isso a formatura era indispensável.

Outra razão para a formatura ser importante para mim era que eu havia me sentido incapaz durante muito tempo, pois não conseguia me comunicar com ninguém. Havia passado anos em uma posição na qual eu não tinha escolha. Não queria nunca mais estar em uma dessas situações novamente. Nunca. Logo depois de ter sido resgatada, percebi que me dedicar aos estudos seria minha melhor opção. Eu tinha me esforçado ao máximo. Mas será que havia conseguido?

Fiz questão de me manter otimista enquanto esperava pelos meus resultados, mas foi difícil. Muita coisa dependia daquela prova de Matemática. Naquele momento, eu e os outros estudantes do último ano estávamos chegando às últimas aulas. Fiz tudo o que podia e esperei para ouvir se ia me formar. Eu não conseguia me concentrar em mais nada; então, entre os turnos do trabalho, ficava andando pela casa e zapeando de canal em canal na televisão. Considerando a chance de ter passado, peguei um pouco do dinheiro que tinha recebido e paguei o meu anel de formatura, a beca e o barrete. Quando meu novo pai comprou para mim um suéter de formandos do ano, torci para poder usá-lo com orgulho na formatura do Ensino Médio.

A menos de uma semana para a cerimônia de formatura, chegou uma carta da escola. Eu sabia que, qualquer que fosse a notícia, aquela carta ia determinar meu futuro. Com grande expectativa e tensão, abri o envelope e segurei minha respiração, enquanto lia as palavras na folha. Eu mal podia acreditar. Eu tinha passado. Eu tinha *passado*! Soltei toda a tensão que nem sabia que estava

carregando e dei um grito de alegria. Eu estava formada no Ensino Médio, ia poder participar da cerimônia com meus colegas, subir ao palco e pegar o meu diploma.

Aquela era uma imensa conquista para mim, pois, menos de seis anos antes, eu nem entendia inglês. Não sabia o alfabeto ou o que era um shopping center. Nunca tinha ido ao médico ou ao dentista, não tinha aptidões sociais e desconfiava praticamente de todas as pessoas ao meu redor. Mas agora eu havia me formado e, independentemente do que acontecesse no futuro, ninguém poderia tirar aquilo de mim. Estava tão feliz que abracei a carta e chorei.

Sei que muitas pessoas teriam corrido ao telefone para compartilhar a novidade, mas eu não. Durante anos, eu não tive nada que fosse meu, mas aquele era o *meu* triunfo – e eu não queria compartilhá-lo com ninguém. Pelo menos, não imediatamente. Fiquei saboreando o sucesso pelo resto do dia, e então liguei para todo mundo.

Nossa festa de veteranos aconteceu um ou dois dias depois em um barco na praia. Eu queria muito ir àquele evento sabendo que eu ia me formar – e fui! Eu me diverti muito com meus amigos. Estávamos entusiasmados em ter aberto uma porta para o futuro e para o mundo ao nosso redor.

Minha alegria, no entanto, não durou muito, pois no dia seguinte acordei terrivelmente doente. Veio aquele resfriado bravo, que costuma me atacar entre maio e junho. O sereno, o vento e a friagem que apanhei no barco também contribuíram para eu adoecer mais rápido. Em poucas horas eu estaria em uma cama de hospital com febre alta e uma forte dor de garganta. Devido à minha artrite reumatoide, meu sistema imunológico não era resistente, e doenças como aquela podiam ser fatais se não fossem monitoradas.

Eu estava péssima. Não só por estar doente, mas porque queria ir à minha cerimônia de formatura, e parecia que aquilo não seria mais possível. Deitada na cama do hospital, eu me sentia triste e emocionalmente esgotada. Na verdade, estava desapontada demais

com a possibilidade de perder a pompa e circunstância do meu grande dia. Por que isso tinha de acontecer comigo justo agora? Eu tinha me esforçado tanto! Por que não podia comemorar com todo mundo? Uma lágrima rolou pelo meu rosto, mas não entrei em desespero. Eu sabia que precisaria ser positiva se quisesse vencer aquela doença a tempo da minha cerimônia de formatura.

E consegui. Tomando líquidos, antibióticos e contando com pensamento positivo e muitas orações de amigos – além de descanso –, eu melhorei e tive alta do hospital em 5 de junho de 2008, um dia antes da formatura.

Apesar de ter saído do hospital, eu estava tão fraca e travada que não conseguia caminhar qualquer distância. Andar pelo quarto já era o suficiente para me fazer cair de joelhos, e eu sabia que não haveria jeito de caminhar por todo o auditório. A direção da escola sabia também.

No último minuto, o sr. Steele, meu professor de Matemática, se ofereceu para me conduzir pelo auditório e pelo palco em uma cadeira de rodas. Fiquei muito agradecida pela ideia. Eu gostava bastante do sr. Steele como professor e, se não fosse pela paciência, gentileza e dedicação dele em relação a mim, eu não estaria me formando. Seria um bom tipo de carma tê-lo me empurrando em direção à vitória.

Meus amigos saíram para comemorar depois da cerimônia e eu fui para casa. Os remédios para minha enfermidade, combinados com os da AR, tinham me derrubado. Na verdade, eu não me lembro muito da minha formatura, só algumas coisinhas aqui e ali. Mas recordo o suficiente, e vou me agarrar a essas lembranças pelo resto da vida. Apesar de ter ficado doente, foi um dia realmente incrível.

•••

Depois de formada, quis me juntar à Força Aérea, mas minha família foi contra a ideia. Patty disse:

– Por que você quer fazer isso? Você não daria conta de nenhum dos comandos. Além disso, as pessoas que querem esse tipo de coisa dão a alma por isso.

As palavras dela partiram meu coração. Eu não entendia por que ela não era capaz de apoiar nenhum dos meus objetivos e interesses. Mesmo que ela duvidasse da minha habilidade para me sair bem naquilo, eu queria que ela me incentivasse a tentar. Steve quase sempre seguia o exemplo da esposa, e dessa vez não foi diferente.

Fiquei magoada por eles acharem que eu não estivesse levando a sério a questão da Força Aérea ou que eu não tivesse garra suficiente para fazer o trabalho que me aguardaria ali. Eu sabia que precisava conseguir a cidadania antes, e estava esperando pelo dia em que pudesse fazer o requerimento. Eu, mais do que ninguém, sabia que minha saúde poderia me impedir de ser aceita pela Força Aérea, mas preferia ouvir isso da equipe médica deles do que ver meus pais destruindo meu sonho. Sem o apoio da minha família, meu sonho de entrar na Força Aérea foi destruído, e nunca mais fui atrás dele.

Em vez disso, trabalhei por todo o verão seguinte, e no outono comecei a frequentar a faculdade comunitária. Para começar, fiz aulas gerais, que eram obrigatórias, além da minha costumeira aula de reforço de inglês. Eu ainda estava trabalhando na Kipling – e saindo para jantar, indo ao cinema e a festas com meus amigos várias vezes por semana.

Basicamente, eu ia para casa só para dormir, tomar banho e trocar de roupa. Aquilo era intencional, pois a relação com minha mãe, que já era delicada, estava caindo aos pedaços. Meu maior problema era sentir que Patty queria me controlar. Eu pagava aluguel à minha família pelo meu quarto, além de bancar mensalmente a conta de luz da casa. Por esse motivo, eu achava que tinha direito de ir e vir quando tivesse vontade. E não era que eu estivesse dando festas ali ou não cumprindo com minha parte

nos afazeres. Nunca levei amigos, sempre cuidei das minhas roupas, mantinha meu quarto limpo e fazia muitas outras tarefas domésticas.

Meu relacionamento com Patty se deteriorou a ponto de eu passar a dormir com frequência na casa da minha amiga Amber ou de outra amiga, chamada Karla. Eu conheci Karla Pachacki em meu primeiro dia na Kipling. Nós éramos as duas novatas, e imediatamente criamos uma conexão. Karla tornava os meus turnos mais divertidos. Quando a apresentei a Amber, nós três nos tornamos grandes amigas.

No começo, hesitei em contar meu passado a Karla e a Amber, mas com o tempo minha confiança foi crescendo e passei a dividir minha história com elas. Fico contente por ter feito isso, pois precisei do apoio delas nos meus conflitos com minha nova família. E, para darem o apoio que eu precisava, minhas novas amigas tinham de entender meu passado.

Certo dia, no meio de mais uma discussão, Patty disse:

– Você é uma má influência para os meus filhos.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, mas essas palavras me fizeram perceber que aquela era uma batalha perdida. Com algumas pessoas não adianta, há sempre tensão e conflito. Ela era esse tipo de pessoa. Sua falta de apoio me fazia sentir que ela faria de tudo para evitar que qualquer sonho meu virasse realidade. Eu estava farta, então comecei a buscar um canto para mim.

Procurar um apartamento foi, ao mesmo tempo, desafiador e divertido. Era também algo extremamente lento. Até eu encontrar um prédio, visitar o apartamento, me encontrar com o corretor, preencher a solicitação e esperar pela resposta, alguém já tinha alugado o lugar. Isso aconteceu várias vezes, até que Amber e sua mãe Teresa disseram:

– Por que você não vem morar conosco?

Fazia todo o sentido. Desde que eu tinha conhecido Amber, muitos anos antes, Teresa se tornou como uma segunda mãe para

mim. Ela sempre estava com um sorriso largo no rosto e era tão bondosa que eu me sentia amada e apoiada. E elas tinham a instalação perfeita para mim: a casinha da piscina. Aquele espaço tinha o tamanho necessário para minhas coisas – e eu tinha muitas! Acho que, depois dos meus anos de escravidão, nos quais não tive nada, acabei perdendo o controle quando comecei a receber um salário. Eu comprava um monte de roupas e maquiagem – e ainda compro. Estranhamente, ter “coisas” me trazia segurança. Algum dia, provavelmente, vou abandonar esse hábito. Entretanto, quando mudei para a casa de Amber e Teresa, possuir muitas coisas me confortava.

A casinha da piscina me dava privacidade e, ao mesmo tempo, eu sabia que era bem-vinda para ir à casa delas sempre que quisesse. Se eu precisasse fazer um lanche noturno, era só atravessar o quintal e entrar na cozinha. Na realidade, Amber e Teresa me tratavam como parte da família – mais do que as minhas próprias famílias, tanto a biológica quanto a adotiva.

A mãe e o pai de Teresa também viviam na casa, então havia várias gerações com as quais conviver. Eu adorava cada pessoa daquela família e cada minuto que passava com eles. Mas não estava completamente feliz. O principal inconveniente de ter deixado minha família adotiva foi o de passar a ter acesso limitado aos meus irmãos e irmãs mais novos. Eu os adorava e sentia falta deles.

Durante aquele tempo, Karla deu uma ajuda especial. No decorrer de muitas conversas, ao longo de meses, ela abriu meus olhos para diversos problemas da minha família adotiva.

Karla ajudou a me livrar de boa parte da raiva que eu tinha em relação aos meus novos pais, me fazendo vê-los como indivíduos e como um casal. Karla era alguns anos mais velha, mas eu ainda estava na idade em que é difícil enxergar os pais como pessoas em vez de uma mãe e um pai. Assim que dei aquele salto, muitas coisas na relação entre eles ficaram claras. Eu senti que eles tinham me usado para facilitar sua disfunção. Karla me encorajou a

encerrar a conta bancária à qual Patty e Steve tinham acesso. Assim que fiz isso, me senti menos vulnerável no que dizia respeito aos meus pais.

Com meu novo canto e meu novo time de apoio, cresci. A casinha da piscina foi uma maravilhosa transição para mim, e fiquei ali por quase sete meses. É preciso ser amigo de verdade para abrir sua casa para outra pessoa, e Amber e Teresa nunca hesitaram quando precisei de um lugar para ficar. Nunca vou esquecer isso. Elas ainda são minha família de coração.

Eu finalmente voltei a procurar um condomínio para morar, e dessa vez encontrei um apartamento bacana de um dormitório. Era pequeno, mas me diverti decorando o lugar. Encontrei uma mesa de jantar alta, moderna, marrom-escura, e um sofá de canto combinando. Depois, trouxe um colchão de casal e uma cômoda. Pintei o banheiro de roxo e não liguei que não houvesse espaço suficiente para minhas roupas nos armários e na cômoda.

Naquela época, eu tinha dois armários cheios de roupa. E de maquiagem. Essa era outra coisa que eu tinha bastante. Mas a diferença entre mim e muitas outras jovens é que eu olhava para os meus dois armários de roupas e pensava que estava vivendo com grande luxo. Muitas pessoas olhariam o modesto apartamento em que eu vivia e os meus armários cheios e não perceberiam o lindo presente que era aquilo.

Depois que me mudei para lá, havia roupas em todos os cantos. Mas quer saber? Elas eram as *minhas* roupas no *meu* apartamento. Eu amava aquele lugar, amava definir o meu orçamento e arrumar os móveis do meu jeito. Também descobri que amava cozinhar para mim mesma – cozinhar o que eu quisesse, quando eu quisesse, como eu quisesse. Por muito tempo da minha vida, não tive controle sobre nada. Agora eu podia controlar quase tudo, e me deleitei com aquela novidade.

Eu tinha sorte por ter bons vizinhos. Nós tomávamos conta uns dos outros e havia um senso de comunidade que é difícil de

encontrar na maioria dos condomínios. Talvez fosse a primeira vez, desde que tinha sido levada da minha família, que eu estava feliz de verdade. Antes, eu havia tido alguns pedacinhos de felicidade. Dois dos meus momentos mais felizes foram quando A Mãe e O Pai tinham sido algemados e quando havia me formado no Ensino Médio. Mas felicidade constante havia sido difícil de achar. Além disso, quando eu era mais nova, jamais havia previsto que poderia ser tão independente ou ter um lugar tão legal para morar. Aquele pequeno apartamento era, para mim, a realização de um sonho.

Nessa época, raramente pensava na minha família biológica ou para onde a vida teria me levado se tivesse ficado com eles. Ainda estava tão traumatizada por ter sido separada da minha família e pelos anos seguintes com A Mãe e O Pai, que pensar nos meus familiares era algo sempre muito doloroso. Minhas irmãs eram mulheres fortes e, nas raras ocasiões em que me vinham à mente, eu torcia que para suas vidas fossem melhores que a da minha mãe. No entanto, os laços biológicos permaneciam ali e eu esperava que um dia, quando estivesse pronta, pudéssemos nos conectar novamente.

•••

Naquele tempo, eu estava trabalhando e pagando a faculdade. Quando me candidatei a uma bolsa de estudos e a um crédito estudantil, descobri que, até os 24 anos, meus pedidos dependiam da renda dos meus pais. Se eu não tivesse sido adotada, estaria habilitada para ter financiamento educacional das mais diferentes fontes. Mas, como eu fui adotada, a renda dos meus novos pais entrava em jogo. Infelizmente, Steve ganhava uma quantia de dinheiro razoável, mas que desaparecia tão rápido quanto entrava. O resultado era que ele não tinha fundos para minha educação, ou crédito para obter os fundos.

Eu cerrava os dentes quando pensava nas dezenas de milhares de dólares perdidos da minha indenização. Mas resolvi encarar o

problema e paguei do meu bolso. Eu gostava da faculdade, mas não estava sendo como eu esperava. Tive dificuldade com a estrutura mais flexível, e os professores não tinham tempo para mim como no Ensino Médio. Resultado: larguei os estudos.

Normalmente, faço questão de terminar tudo o que começo. É uma questão de honra para mim. Meus amigos me incentivaram a ficar, mas as matérias difíceis e o ritmo rápido das aulas eram muito frustrantes. Ainda planejo voltar a estudar um dia, sob circunstâncias diferentes. Portanto, vejo isso como uma parada temporária.

Embora estivesse totalmente desapontada, eu sabia que a falta de um curso superior não afetaria meu objetivo principal, que era me tornar agente da ICE. Ter curso superior ajudaria, eu sei, mas não era obrigatório. Sempre penso em como é importante a educação infantil e em como eu queria ter tido essa oportunidade. Percorri um longo caminho, fiz avanços surpreendentes, mas em várias áreas da educação eu ainda tinha muito trabalho pela frente. Outra faculdade talvez estivesse mais bem preparada para lidar com minhas necessidades especiais. Ou não. Eu incentivo todos que estiverem lendo isso a seguirem nos estudos o mais longe que puderem, mesmo que isso signifique fazer sacrifícios. A longo prazo valerá a pena.

Em vez de colocar todos os meus esforços nos estudos, agora eu buscava ser uma grande funcionária. Ter um emprego me legitimava em muitos sentidos. Depois de muitos anos de abuso verbal quando vivia na escravidão, sendo chamada de “garota estúpida”, sentia uma grande necessidade de provar aos outros que eu tinha valor. Meu trabalho e a recente promoção comprovavam isso. Tornei-me supervisora e sentia orgulho de estar em uma posição gerencial. Eu mostrava que estava à altura das minhas novas responsabilidades e havia dias em que chegava a querer me beliscar para ter certeza de que toda aquela sorte era minha de verdade.

CAPÍTULO CATORZE

Depois que saí de casa, as coisas não ficaram muito melhores na vida da minha família adotiva, e meus novos pais se divorciaram. Como Steve não tinha para onde ir, ele foi morar comigo. Muitos amigos me perguntaram por que eu tinha permitido aquilo, mas eu achava que muitos dos problemas da família, incluindo as questões financeiras que causaram o esvaziamento da conta com a minha indenização, começaram com Patty, não com Steve.

Após passar vários meses dormindo no meu sofá – e não pagando aluguel –, Steve reuniu forças o bastante para procurar um lugar para morar. Não que eu deseje o fim de qualquer casamento, mas acho que ele é uma pessoa melhor quando está longe de Patty. Algumas pessoas não ficam bem juntas.

Depois do divórcio, tenho visto pouco minha mãe adotiva, mas Steve está tentando. Ele cometeu alguns erros com seus filhos, e provavelmente vai cometer mais, mas dou crédito por seus esforços. Além do mais, somos todos humanos, e acredito que as intenções dele são boas. Não, ainda não temos o melhor relacionamento do mundo, mas estamos trabalhando nisso. Espero que um dia sejamos tão próximos quanto deveríamos.

A verdadeira tragédia que aconteceu com o divórcio é que agora não tenho nenhum contato com meus irmãos adotivos. Espero que, quando eles se tornarem legalmente adultos, nós possamos continuar do ponto em que paramos, pois eu realmente os amo bastante. A falta de contato é especialmente difícil para mim, pois esse é o segundo grupo de irmãos mais novos que eu perco em cerca de 15 anos. Adicione a isso os dois grupos de irmãos acolhedores que também perdi. Meu coração se despedaça quando penso nisso.

•••

O lado bom era que, na época em que Steve estava morando comigo, estava tão ocupada com o trabalho e com meus amigos

que quase não o via. E, ainda melhor, eu estava fazendo algumas palestras que, ocasionalmente, me levavam a viajar para fora do estado.

Por meio de Mark, eu continuei falando para plateias sobre meu tempo em cativeiro. Devo ter ficado diante de muitas dezenas de plateias. Talvez, apenas talvez, algum outro escravo seria resgatado como consequência de eu ter informado as pessoas sobre o que elas deveriam procurar. Ou alguém, talvez, não tenha ficado tão traumatizado como eu fiquei durante o resgate. Eu estava animada em difundir aquele tipo de conhecimento, embora continuasse sentindo o mesmo nervosismo e enjoo que senti na primeira palestra.

Steve me acompanhou em alguns dos eventos, e fiquei contente que pudesse ver em primeira mão a diferença que eu estava fazendo, além de aprender um pouco mais sobre meu passado. Nunca falei abertamente sobre os detalhes da minha vida sofrida como escrava. Normalmente, eu contava às pessoas o básico e então pedia a elas que procurassem no Google sobre mim. Eu nunca havia falado publicamente antes da leitura da sentença d'A Mãe e d'O Pai, mas, depois disso, dei meia dúzia ou mais de entrevistas à imprensa. Àquela altura já havia artigos suficientes sobre mim para que as pessoas tivessem uma boa ideia do que tinha acontecido. Era difícil ficar revivendo aqueles detalhes com novos amigos, por isso indicar a alguém para fazer uma busca na internet me poupava de sofrer uma perturbação emocional a cada pessoa que conhecia.

Não tinha certeza do quanto haviam contado aos meus pais adotivos sobre o meu passado. Claro, eles sabiam que meus pais biológicos haviam me vendido como escrava. E, como eu já vivia com eles durante o processo contra A Mãe e O Pai, eles sabiam muitos fatos. Mas acho que não haviam dado a eles muitos detalhes, como o fato de que eu era proibida de usar o banheiro da família por ser muito suja, ou que tinha de lavar minha roupa num

balde, ou que não recebia cuidados médicos quando estava doente, ou que precisava receber os ataques de raiva de cada membro da família na forma de tapas que faziam arder o meu rosto.

Eu via a expressão dolorosa de Steve a cada detalhe revelado. Mas também podia ver cérebros trabalhando quando os agentes da lei, que estavam nas minhas plateias, passaram a desenvolver novas ideias e protocolos que ajudariam a tornar os futuros resgates e integrações mais seguros e tranquilos.

Palestras locais deram lugar a eventos maiores fora do estado, e eu acabei voando para Houston, Dallas, Carolina do Norte, Geórgia, Saint Paul, Saint Louis e muitos outros estados e cidades. Desde a minha chegada aos Estados Unidos, antes das viagens para palestras, eu só tinha voado duas vezes – a ida e a volta para a casa da minha família acolhedora no centro da Califórnia. Foi incrível perceber que a primeira vez que eu subia a bordo de um avião para fazer uma palestra era também a primeira vez que eu voava por vontade própria. Devo dizer: adorei! Ainda melhor era saber que estava fazendo minha parte.

Às vezes, Mark ia comigo, mas outras fui sozinha. Eu ficava surpresa ao ver tantas pessoas interessadas em ouvir minha perspectiva e minhas impressões sobre o resgate e as consequências dele. Aquilo me deixava satisfeita e animada. Quanto mais pessoas eu pudesse alcançar, mais chances teríamos de colocar fim à odiosa prática do tráfico humano.

Algumas das palestras tinham uma pequena remuneração, outras custeavam apenas as despesas. Embora fosse bom ser remunerada, nunca recusei uma palestra por falta de pagamento. Se pudesse arranjar uma folga no trabalho e estivesse bem de saúde, eu ia. Além dos eventos, eu curtia a viagem. Gostava de conhecer pessoas e ver de perto como outras cidades eram. Mas o grande barato para mim era a percepção de que eu não estava fazendo uma viagem qualquer. Durante meu tempo em cativeiro,

jamais passou pela minha cabeça que aquela experiência tão negativa poderia ser tão útil.

Em algumas das conferências, pude me encontrar com Andrew e Robert, meus advogados que trabalharam arduamente no caso contra A Mãe e O Pai. Foi ótimo poder manter contato com eles, especialmente porque eram poucas as pessoas do meu passado com quem eu mantinha contato. Fiquei chocada ao perceber que, com pouquíssimas exceções, eu conhecia há poucos anos as pessoas que faziam parte da minha vida.

Em Saint Louis, no Missouri, falei para centenas de advogados que vinham de várias partes do país, e tudo que consegui pensar foi no impacto favorável que eles poderiam ter sobre pessoas como eu, que haviam sido retidas contra sua vontade. Muitas de suas perguntas mostravam a necessidade de identificar as diferentes formas de tráfico humano. Uma forma é a que envolve recrutamento, transporte, transferência, acolhida e admissão de pessoas por meio de ameaça, força, coerção, abdução, fraude, engano e abuso de poder.

A outra forma de tráfico humano é a escravidão no sentido histórico, em que a pessoa é privada de todos os seus direitos e é traficada, “pertence” ou é controlada por outros. Por exemplo, eu fui traficada ilegalmente para os Estados Unidos, e o trabalho que era forçada a fazer, as condições em que vivia, minha falta de pagamento, e o controle que os meus raptores mantinham sobre mim resultavam na minha escravidão.

Eu adorei aquele grupo de Saint Louis e suas perguntas inteligentes.

Em Glynco, na Geórgia, falei a um grande grupo de agentes da ICE no Centro de Treinamento Federal de Aplicação da Lei. Aquelas pessoas fizeram perguntas tão boas que dava para ver como cada uma delas era apaixonada por seu trabalho, assim como Mark. Funcionários do governo geralmente têm má reputação, mas

preciso dizer que as pessoas que estão tentando dar fim ao tráfico humano são incríveis.

Nessa altura, eu já tinha percebido que, com frequência, os agentes da lei não conseguem entender o ponto de vista da vítima. Policiais e agentes da ICE focam tanto na defesa da lei e na captura do criminoso – ou criminosa – que acabam esquecendo a vítima. Meu papel era mostrar como eles podiam ser mais compreensivos. Para isso, contei a eles sobre outras vítimas que tinha conhecido e que eram deprimidas e sem esperança, pois ninguém acreditava nelas. Mencionei como aqueles compadecidos agentes tinham a oportunidade de serem aquela pessoa que se importa, assim como Mark Abend foi por anos o único que, constantemente, se importou comigo. Espero que eles tenham levado em conta minhas palavras, pois a diferença que podem fazer na vida da vítima é imensa.

•••

Antes, nas minhas viagens, ficava preocupada que os voos, quartos de hotel e comidas diferentes pudessem fazer mal à minha artrite. Mas eu não precisava esquentar a cabeça. Eu aguentaria bem, desde que não ficasse muito cansada e não pegasse friagem. Um luxo ao qual eu me dava era andar quase todo dia de salto alto. Tenho pouco mais de um metro e meio, então amo saltos. Porém, quando minha AR ataca, eu me contenho e uso sapatos sem salto – sempre viajo com um par, por precaução. Numa crise, preciso vestir roupas mais quentes do que seria necessário, então me certifico de que estou levando isso também. Não dá para tomar um banho quente e relaxante durante um voo, mas uma blusa quentinha é quase tão bom quanto.

Certa vez, uma mulher que trabalhava na agência de notícias Associated Press foi me entrevistar. No final, ela me disse que estava indo para o Egito.“Talvez eu possa encontrar sua família e fazê-la falar com você”, ela disse.

Fazia muitos anos desde a última vez que eu havia falado com eles. Depois da mágoa que senti ao ver que algumas pessoas da minha família estavam se oferecendo para depor contra mim – e a favor d'A Mãe e d'O Pai, se o caso fosse a julgamento –, não quis ter mais nada com nenhum deles. Mas eles *eram* minha família. Eu mantinha um fiapo de esperança de que pudéssemos ter uma relação amigável, que minha família ainda me quisesse.

A manutenção de laços familiares é um tema presente na vida de muitas pessoas resgatadas da escravidão. Muitos de nós não podem voltar para nossas famílias – e há diversas razões para isso –, mas é um sentimento humano normal desejar que sua família queira que você faça parte dela. Eu não era diferente.

Eu não tinha expectativa de que aquela mulher que havia falado comigo encontrasse minha família, ou mesmo tentasse, mas, para minha surpresa, ela conseguiu. Um dia, quando eu estava em uma cidade para dar uma palestra, meu telefone tocou. Fiquei espantada ao ouvir duas das minhas irmãs e minha mãe do outro lado da linha. Uma das irmãs era aquela que tinha ido morar com meus avós; a outra era a gêmea "boazinha". A grande novidade que elas tinham era a de que meu pai havia morrido. Uma das minhas irmãs me contou aquilo e, quando ouvi suas palavras, eu não sabia o que pensar ou o que sentir.

Meu passado voltou de repente como um vento forte, e me senti triste por nunca ter conseguido conhecer meu pai de fato. Quase toda interação que eu havia tido com ele havia demonstrado o quanto ele era nervoso e dominador, mas, caso ele tivesse vivido mais, talvez eu aproveitasse alguma oportunidade de descobrir outro lado dele. Aquela chance não existia mais.

Para tornar as coisas mais difíceis, minha mãe disse:

– O último desejo dele era ver você e conversar. Ele queria que você o perdoasse. Ele sentia muito.

Fiquei sem palavras. O que eu poderia dizer, sabendo o que havia acontecido comigo por causa dele.

Depois minha mãe completou:

– Eu também não ando me sentindo bem. Queria ver você mais uma vez.

Isso fez meus pensamentos e emoções voarem. Em questão de segundos, eu estava pensando e sentindo as mais diferentes coisas. Não estava esperando nem a notícia sobre meu pai, nem o que eu estava sentindo naquele momento. Percebi que, por mais que eu quisesse ver minha mãe, queria ainda mais a vida que estava levando na Califórnia. Eu tinha receio de encontrar alguns dos meus parentes no Egito e acabar sendo arrastada para um drama familiar que não estava preparada para encarar. Tentei explicar isso à minha mãe, mas acho que ela não entendeu.

Parte disso foi porque meu árabe já estava rudimentar, e minha mãe não falava inglês. Nós conversamos com a ajuda de um tradutor que estava no Egito com minha família, mas sei que muitos detalhes das duas partes da conversa acabaram se perdendo. A linguagem tem grande importância na comunicação. A falta de habilidade para nos comunicarmos com palavras era outra enorme evidência dos desentendimentos que tomaram minha família depois que fui vendida como escrava.

Quando minhas irmãs voltaram à ligação, uma delas disse que três dos meus irmãos haviam entrado no exército egípcio. A outra mencionou que uma das outras irmãs havia dado meu nome a uma de suas filhas. Descobri também que a minha irmã que havia roubado, aquela cujos atos desencadearam meu afastamento da minha família, também havia tido um bebê.

Quando desligamos, minhas emoções me derrubaram. Deitei na cama e comecei a chorar. Chorei tanto que achei que não fosse parar nunca mais. Estava devastada por não ter visto meu pai antes de ele ter morrido. Eu tinha dezenas de perguntas para fazer que nunca mais teriam resposta. Por que ele não tinha lutado por mim? Por que me batia tanto se me amava? Por que ele não quis me receber de volta à família depois de eu ter sido resgatada? Por que

meus irmãos puderam crescer em casa com a família, por mais miserável e disfuncional que fosse, e eu precisei ser vendida como um objeto? Por quê?

Nas semanas e meses seguintes, pensei muito sobre aquela conversa com minha mãe e irmãs. Sabia que, se quisesse ir ao Egito ver minha família, eu encontraria um jeito. Percebi, no entanto, que não queria ir. Não naquele momento. Eu não estava pronta. Ainda que tivesse colocado parte da minha raiva para fora, uma boa quantidade dela ainda fervia dentro de mim. Por isso, um encontro não era uma boa ideia naquela ocasião.

Mas o principal motivo para a minha decisão foi que, apesar de aquelas pessoas serem minha família biológica, eles não eram mais minha família real. Eu havia formado uma nova família com minhas amigas Amber, Teresa e Karla, e até com Mark e meu pai adotivo. Essas eram as pessoas que tinham me amado e me apoiado por anos. Elas conquistaram o direito de serem chamadas de família. Não era o caso dos meus pais e irmãos biológicos.

Outro motivo era o fato de que eu não conhecia mais minha família biológica. Por circunstâncias da vida, minha família no Egito e eu não tínhamos mais as mesmas referências, a mesma religião ou os mesmos pontos de vista. Não tínhamos nada em comum e eu nem lembrava da maioria deles.

Porém, não descarto a possibilidade de ir ao Egito no futuro. Eu não tinha certeza se a alegação da minha mãe sobre a fragilidade da sua saúde era verdadeira, mas se era, talvez eu perca a oportunidade de vê-la outra vez. Caso isso aconteça, serei obrigada a aceitar. Só sei que reuni todos os fatos, sentimentos e emoções e fiz a melhor escolha para mim.

Penso na minha família sempre que ouço sobre essa agitação que anda acontecendo no Egito.[4] Eu gostaria de mostrar aos meus irmãos e irmãs, algum dia, que há mais no mundo do que eles já viram. Eu gostaria de mostrar que uma vida melhor espera por eles,

mesmo que em outro país. Mas a verdade é que nem sempre estou aberta a essa ideia. O que posso dizer com certeza é que, se a oportunidade para nos encontrarmos aparecer no futuro, vou pensar a respeito.

Fiquei feliz por aquela mulher ter conseguido localizar minha família e não me incomodei com o fato de essa história ter sido publicada na internet. Eu estava grata por ter tido a chance de falar com elas. Ao mesmo tempo, sabia que precisava de tempo antes de dar outro passo em direção à minha família biológica. Na verdade, talvez eu precise de um longo tempo.

CAPÍTULO QUINZE

Um dos efeitos mais prolongados da minha vida em cativeiro foi a desconfiança – tanto de pessoas quanto de situações. Eu ainda preciso de um longo tempo para me aproximar das pessoas, mesmo em um ambiente mais informal. Mark teve de ser paciente comigo nos primeiros dias depois do resgate. Mesmo antes de conseguirmos nos comunicar diretamente, quando falávamos com a ajuda de um intérprete, Mark persistiu em me mostrar que ele era alguém confiável e com quem eu podia contar. Fez isso falando comigo não como se eu fosse uma vítima, mas como uma pessoa. Ele me perguntou várias vezes como eu estava, o que gostava de fazer para passar o tempo, como gostaria que fosse meu futuro.

Eu não percebi isso na época, mas essas perguntas são as mesmas que os amigos fazem uns aos outros. Desde então, toda pessoa que conheço precisa fazer como Mark e não ter pressa. Como meu mundo estava de cabeça para baixo e por minha infância não ter sido uma infância, eu me relaciono com pessoas novas de um jeito diferente.

Percebi que, para uma pessoa ganhar minha confiança, antes preciso observá-la em alguma situação. Por exemplo, se a loja onde trabalho está cheia e um funcionário começa a surtar, não vou conseguir confiar nele no futuro. Ou, por exemplo, quando estou no carro com alguém e um pneu fura; se essa pessoa quiser minha confiança, é melhor que ela aja com calma do que com palavras raivosas.

Assim que vejo a pessoa agindo dignamente em uma situação difícil, posso deixá-la se aproximar de mim de maneira mais pessoal. Mas, se minha nova amiga combinar de me encontrar em algum lugar às oito horas, é bom que esteja lá às oito em ponto. Caso contrário, perderei a confiança nela. Se um empregado na minha loja é responsável pelo abastecimento do estoque, é melhor

que faça seu trabalho e abasteça o estoque. Se não, vou achar que não posso confiar nele.

Eu não quero soar austera, mas, em certa medida, somos um produto do nosso ambiente. Minha desconfiança é apenas uma das coisas que a vida em cativeiro causou em mim. No entanto, se acho que posso confiar em você para fazer algo que você se comprometeu a fazer, então podemos até acabar virando amigos. Essa maneira de pensar foi útil em diferentes áreas da minha vida, especialmente quando se tratava de namoro.

Quando comecei a sair com garotos, se meu namorado pisasse na bola, mesmo que fosse uma única vez, era o fim. Adeus, você já era. Hoje tenho pena de alguns daqueles garotos, porque eles eram ainda crianças, e crianças fazem besteira. Eu também sinto muito por mim, pois provavelmente afastei boas pessoas da minha vida muito rápido. Mas não podia correr o risco. Eu havia apanhado, recebido ameaças e ordens, e ouvido tantas promessas vazias de homens na minha vida que, se um garoto com quem eu estivesse saindo não fosse superconfiável, não queria saber de nada com ele.

É claro que muitas mulheres na minha vida também me trataram mal. Minha mãe biológica havia me vendido como escrava, e minhas duas mães acolhedoras e minha mãe adotiva tinham sido difíceis, cada uma à sua maneira. Mas ainda acredito na bondade das pessoas. No passado, acho que foi por azar que fui cercada de adultos que, de certa forma, só pensavam neles mesmos. O resultado disso é que eles não tinham muito a oferecer aos outros.

Levou um bom tempo para que eu aprendesse a separar as pessoas boas das más. Seria aquele professor tão agressivo quanto meu pai biológico? Ou seria um homem correto e honesto? Como conheci muitos do primeiro tipo e poucos do segundo, não era fácil para mim distingui-los. Mas era algo que eu precisava fazer.

Talvez isso não fosse nada demais para alguém que tivesse relações de longa data com pessoas que conhecesse e amasse, ou que estivesse cercado de gente honrada e digna de confiança. Mas

eu não tinha nenhuma relação assim, por isso permitir apenas que as pessoas certas fizessem parte da minha vida era uma técnica de sobrevivência para mim, mais do que seria para os outros.

Penso no tempo de cativeiro, e nas vezes em que eu levava os gêmeos ao parque do outro lado da rua e à piscina nas proximidades. Aqueles passeios me deram a chance de observar muitos tipos diferentes de pessoas, de ver como o jeito de andarem afetava seu tom de voz, de ver como se posicionavam ao lado de outras e o que isso causava em suas expressões faciais. Eu estudava as pessoas tão atentamente que, provavelmente, teria recebido o equivalente a um diploma universitário em linguagem corporal. Aqueles passeios me deram os alicerces nos quais baseei minhas relações atuais.

Cheguei ao ponto de conseguir dizer com rapidez se uma menina queria virar minha amiga por termos muito em comum ou só porque tinha visto minha foto no jornal. Podia saber de cara se um garoto achava que eu era fácil de levar por não ter um inglês bom, ou se ele queria tirar vantagem da minha generosidade. Eu tinha percebido aquilo no Ensino Médio e tenho refinado o processo desde então.

Depois de namorar um garoto por vários meses, tive orgulho de mim mesma quando terminei com ele. Eu não gostava de nós dois juntos. Gostava dele e gostava de mim, mas juntos não ficávamos bem. Aquela foi uma grande revelação para mim. Era a primeira vez que eu havia parado de sair com um garoto por quem *ele* era de verdade, e não em comparação aos homens do meu passado.

Hoje eu consigo captar a energia de uma pessoa e perceber na hora se ela é boa ou se é alguém que vai me magoar. Essa habilidade foi útil quando vi um homem que trabalhava em uma loja no mesmo shopping que eu. Esse cara era independente, inteligente e atraente, e eu tinha um bom pressentimento sobre ele. Mesmo sem conhecê-lo, confiava nele. Parecia ser bem mais velho que eu,

e era gerente de loja, o que me permitia concluir que seus chefes o achavam uma pessoa responsável.

Por uma estranha coincidência, descobri que o nome dele era Daniel Uquidez e que eu conhecia seu irmão, que também trabalhava no shopping. O shopping era grande, mas muitos dos empregados das lojas eram legais uns com os outros, então, para mim, foi bem fácil conhecer Daniel. Depois daquilo, eu sempre encontrava alguma desculpa para passar em frente à sua loja e acenar para ele, ou fazer uma parada ali com uma amiga que queria comprar algo. Conversávamos sempre que nos encontrávamos no pátio ou a caminho do estacionamento. Eu adorava fazê-lo sorrir.

Também gostava do fato de que tinha sido apresentada a ele em um ambiente profissional. Para Daniel, eu era a garota que trabalhava na loja ao lado. Esse não era o modo como muitas outras pessoas me conheciam ou sabiam de mim. Normalmente, eu era “a garota que era escrava” ou “a garota que está sempre no jornal”. Eu era muito mais do que aquelas definições, que me irritavam. Fiquei feliz por Daniel ter me conhecido primeiro como outra pessoa, antes de descobrir o meu passado.

Nossa amizade começou devagar, e eu gostei disso também. O ritmo lento me dava tempo para pensar se aquele era alguém com quem eu gostaria de passar mais tempo ou alguém para uma relação mais leve, amigável e profissional.

Depois que conheci Daniel, mudei de trabalho e voltei para a Godiva. Isso foi no fim de 2010. Trabalhei ali alguns meses até o fechamento daquela loja e então passei para a área de vendas na Versace, uma famosa grife da moda. Isso foi numa época em que era difícil arrumar um emprego, mas gostei especialmente do fato de ainda trabalhar no shopping, onde podia ver Daniel com frequência durante o dia.

Dias e semanas se passaram e pude conhecer Daniel melhor. Ele era de uma grande e unida família católica. Por nossas conversas casuais, nós parecíamos ter muitas ideias e sentimentos parecidos

a respeito de várias coisas na vida. Tínhamos até a asma em comum.

Mesmo assim, se Daniel tivesse me pressionado e pedido para sair naquele momento, eu talvez ficasse muito desconfortável para aceitar. Mas ele esperou por vários meses até nos conhecermos melhor e, quando pediu, eu disse um retumbante *sim*.

Mais tarde, ele me disse que fazia um tempo que estava criando coragem para me chamar para sair. Ele me via como uma mulher forte e independente – um tipo de mulher comum em sua família. Fico feliz que ele tenha me pedido para sair por me considerar respeitável. Acho que, se mais relacionamentos começassem assim, haveria muito menos brigas e divórcios.

Daniel sabia o quanto eu adorava beisebol, e em particular o Anaheim Angels, então ele me levou para uma partida do time em nosso primeiro encontro. Depois, descobri que ele não gostava tanto assim de beisebol, mas que era importante para ele fazermos algo de que eu gostasse. Foi aí que descobri que Daniel era para casar.

Na semana seguinte ao jogo, nós fomos assistir a três filmes em três dias. Depois disso, ficamos inseparáveis. Ele sabe como eu acho a praia um lugar sereno e terapêutico, por isso íamos com frequência, embora não houvesse nenhuma praia próxima de onde morávamos. Huntington Beach fica a muitas horas de viagem – isso com trânsito bom –, mas gostamos de lá porque é limpo e bonito, e não é tão cheio. Além do mais, as lojas e restaurantes ali perto costumam ficar abertos até mais tarde que em outras praias. Também fomos algumas noites a Santa Monica ouvir as bandas tocarem na areia. Sair para dançar e comer em lugares novos eram atividades que costumávamos fazer perto de casa. Nós chegamos até a ir à Disneylândia.

Voltei muitas vezes à Disney desde o dia em que havia ido com A Mãe, O Pai e sua família. Estive ali com minhas famílias acolhedoras também. Mas a primeira vez que fui após ter sido resgatada foi estranha. Eu tinha *flashes* de estar lá, segurando as

mochilas dos garotos, enquanto eles se divertiam nos brinquedos. Mas não tive nenhum tipo de lembrança assim quando fui com Daniel. A vida era tão natural ao lado dele que fui capaz de deixar coisas ruins do meu passado para trás.

Havia outro aspecto que o diferenciava dos outros garotos com quem eu havia namorado: o modo como brigávamos. Como ocorre com qualquer casal, nós tínhamos várias brigas bobas. Elas eram tão bobas, na verdade, que nem lembro o motivo. Em nossa primeira briga, minha reação inicial foi pensar: “Ele é igual a todos os caras. Tchau!”. Mas aquilo durou só um instante, pois minha reação seguinte foi pensar: “Ele não é como os homens muçulmanos que me maltratavam”. E não era mesmo.

Aquelas briguinhas me mostraram que eu não apenas gostava do Daniel, mas gostava dele comigo, e de mim com ele. Nós ficávamos bem juntos.

•••

De Daniel a Amber, Teresa, Karla e PaNou Thao – outra mulher incrível que conheci no trabalho e que se tornou uma amiga querida –, aos 21 anos, eu estava cercada por amigos fortes, confiáveis, responsáveis, carinhosos e divertidos. Essas pessoas se tornaram meu círculo íntimo de amigos, e me senti como um membro estimado da família de cada um quando passava o Natal, o dia de Ação de Graças ou a Páscoa com eles. Em alguns feriados, eu recebia tantos convites que precisava dividir o dia em três ou quatro para conseguir ver todo mundo. Eu me sentia a garota mais sortuda do mundo por ter todos eles em minha vida. No fim, meus amigos são melhores do que uma família biológica, pois quando estão juntos é porque querem, não porque são obrigados – como acontece em muitas famílias biológicas.

Todos os meus amigos têm uma atitude tão positiva sobre a vida que me faz adorar estar perto deles. Inicialmente, não busquei

pessoas com aquelas qualidades, mas desde o começo eu devia saber, no meu subconsciente, que eu precisava de gente assim.

Durante meu tempo de escravidão, e mesmo depois, tive muito tempo para pensar sobre as pessoas. Compreendi que, se você está cercado de gente má e negativa, é isso que você se torna. A Mãe e O Pai eram esnobes. Eles se achavam melhores que todo mundo, e por isso acreditavam que mereciam serem tratados melhor também. Os filhos eram iguais. E, assim como os filhos, A Mãe e O Pai tinham um temperamento ruim. E tinham a reação infantil de estapear alguém sempre que ficavam nervosos. Quem quer ficar perto de gente negativa desse jeito?

No Ensino Médio, vi pessoas serem puxadas para baixo por “amigos” que estavam sempre arrumando encrencas. Vi pessoas se tornarem iguais a suas companhias e perderem boas oportunidades que apareciam em suas vidas, como uma faculdade ou um trabalho bem remunerado. Mas eu vi o outro lado da moeda também. Vi o respeito que Mark e seus colegas tinham uns pelos outros, e vi a amizade que se desdobrava desse respeito. Meus próprios amigos me mostraram, com suas atitudes, que eram leais e dignos de confiança. Não concordávamos sempre, mas, quando discordávamos, era sempre com respeito.

Agora eu sei que, se quiser viver e trabalhar em um ambiente maravilhoso, se quiser continuar a aprender e crescer na vida para me tornar uma pessoa melhor, preciso me cercar de pessoas positivas que me apoiam em meus objetivos.

Conheço muitas pessoas que são cheias de meios-termos. São pessoas que ficam fazendo considerações e discutindo uma decisão por semanas e nunca seguem em frente. Essas pessoas caminham entre o bem e o mal e nunca tomam um dos lados. Comigo não é assim. Sou do tipo “preto no branco”, por ter descoberto que, geralmente, há só duas direções a seguir. Certo e errado. Bom ou mau. Quando você pensa sobre isso, a direção boa e certa está

sempre bem clara. Mas esse caminho nem sempre é o mais fácil, e essa é a perdição de muita gente.

Depois que cheguei aos Estados Unidos, percebi que A Mãe e O Pai sabiam que não era certo que eu estivesse na casa naquela função. Eles sabiam, já que eu era proibida de atender a porta e o telefone. Quando havia visitas não muçulmanas na casa, eu tinha de me esconder. A coisa certa e boa teria sido me mandar de volta à minha família ou me entregar aos serviços sociais. Mas eles fizeram a escolha mais egoísta e me mantiveram ali, e isso foi errado.

A escolha errada deles não apenas os levou à prisão, mas seus filhos foram deportados de volta ao Egito. A escolha errada deles quebrou a unidade da família. Por meio de Mark e pelos jornais, eu soube que A Mãe foi deportada após sair da prisão em 2008. Ouvi falar também que ela mantém em sua casa no Egito outra menina, que não vai à escola e raramente é vista fora dali. O trabalho escravo infantil é proibido no Egito, mas, como é amplamente aceito, A Mãe deve achar que não corre nenhum risco de sofrer uma ação judicial.

Mark me disse que A Mãe e O Pai se divorciaram e, aparentemente, era muito perigoso para O Pai voltar ao Egito. Seja lá o que ele fez ali, deve ter sido bem ruim. Outra má escolha. Ele se casou nos Estados Unidos com uma cidadã norte-americana. Isso foi logo após o divórcio e sua libertação em 2009. Sendo casado com uma cidadã norte-americana e não cometendo delitos, ele pode ficar no país. Algum tempo depois do novo casamento, um juiz determinou que O Pai estava sujeito à deportação, mas então foi deliberado que ele não precisava ir embora. Após a decisão judicial, a Polícia de Imigração de Alfândega deixou O Pai sob supervisão, o que significa que ele precisa se apresentar a eles periodicamente.

Também fiquei sabendo por Mark e minha equipe jurídica que, assim que pôde, O Pai vendeu a casa em que vivi em cativeiro. Eles me disseram que ele deve ter feito isso para não ser obrigado a

entregar a casa para mim. Seus advogados devem ter pensado que esse seria um desfecho possível em um julgamento futuro ou em um acordo judicial, pois ele vendeu a casa em um tempo recorde. Eu tenho certeza de que essa decisão vai se voltar contra ele no futuro também.

Cada uma dessas decisões que O Pai tomou levaram não apenas ele, mas toda a sua família, à desintegração. Ele poderia ter sido um homem mais bondoso, com mais compaixão, que fizesse boas escolhas e levasse uma vida honesta. Mas ele não foi assim e não fez nada disso. Eu não queria estar perto de qualquer pessoa que tivesse tomado decisões como as dele. Por isso é que as pessoas ao meu redor precisam escolher o que é bom e certo. A longo prazo, essa é a opção mais fácil.

Já me perguntaram muitas vezes se eu tinha medo ao saber que O Pai ainda estava nos Estados Unidos. Minha resposta é *não*. Eu não tenho absolutamente nenhum desejo de ver aquele homem de novo, e imagino que ele queira deixar para trás sua condenação aqui e viver a própria vida.

Além disso, eu não sou mais a criança frágil que vivia na casa dele. Agora eu sou uma mulher forte e ele não representa nenhuma ameaça para mim. E, como ele já cumpriu sua pena, eu também não sou ameaça para ele. Os Estados Unidos, eu descobri, é um país imenso. Embora eu não o quisesse por aqui, há espaço para nós dois.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O ano de 2011 foi especial para mim. Naquele ano eu pude finalmente me tornar cidadã dos Estados Unidos da América. O processo, eu aprendi, se chama naturalização.

Foi preciso muita papelada para que me tornasse cidadã norte-americana. Primeiro, eu tive que preencher um requerimento de dez páginas que continha perguntas sobre meu local de residência, minha formação, meu emprego, todas as vezes que porventura tivesse casado, viagens para fora dos Estados Unidos e organizações às quais eu fosse afiliada. Depois, havia perguntas sobre questões relativas à minha moral, e se eu bebia, jogava ou usava drogas. Havia até espaço para mudar meu nome, se eu quisesse. Eu já tinha feito isso quando havia sido adotada e não achei necessário fazê-lo novamente, então deixei o espaço em branco.

As perguntas mais importantes, no entanto, eram aquelas que questionavam meu apoio à Constituição e à forma de governo nos Estados Unidos. Eu tive de ticar os quadradinhos que diziam que eu não apenas havia entendido o Juramento de Lealdade aos Estados Unidos da América, como estava disposta a colocá-lo em prática. Sim, eu tinha entendido e queria praticá-lo. O juramento diz:

> Eu aqui declaro, sob juramento, que renuncio e abjuro absoluta e inteiramente a toda lealdade e fidelidade a qualquer príncipe, potentado, estado ou soberania estrangeiros, a quem ou do qual, até o momento, eu estivesse submetido ou fosse cidadão; que defenderei a Constituição e as leis dos Estados Unidos da América contra todos os inimigos, estrangeiros ou nacionais; que usarei de boa-fé e serei fiel a ela; que, em nome dos Estados Unidos, pegarei em armas quando exigido por lei; que prestarei serviço civil nas Forças Armadas dos Estados Unidos quando exigido por lei; que realizarei trabalho de relevância

nacional, sob orientação civil, quando exigido por lei; e que aceito essa obrigação de livre vontade, sem qualquer restrição mental ou intenção de evasão, com a ajuda de Deus.

Mal podia esperar para ficar de pé diante do juiz e dizer aquelas palavras, pois me sentia afortunada por estar nos Estados Unidos. Eu podia ter acabado em qualquer outro lugar. Quando A Mãe e O Pai perceberam que teriam de deixar o Egito antes que algo ruim acontecesse com O Pai, eles poderiam ter escolhido ir a qualquer outro país. Ele escolheu os Estados Unidos, e tenho de admitir que aquela foi provavelmente uma das únicas boas decisões que ele tomou na vida.

Antes que eu pudesse enviar meu pedido de naturalização, precisei tirar as fotos para o passaporte. Eu estava tonta de emoção quando o fotógrafo me clicou com sua câmera.

Então tive de enviar vários documentos comprobatórios, tais como cópias das minhas declarações de imposto de renda e do *green card*. E precisei tirar minhas impressões digitais. Eu já tinha feito isso para o arquivo do departamento de polícia, pelo Programa de Exploradores Policiais, mas acho que o governo federal precisava fazer seu próprio registro.

Para me ajudar com o processo de naturalização, encontrei um advogado indicado por Andrew Kline, um dos advogados que me representaram no caso contra A Mãe e O Pai. Andrew mencionou o escritório de advocacia Seyfarth Shaw, especializado em questões de imigração. Angelo Paparelli era meu advogado ali, mas também trabalhou no meu caso Elizabeth Wheeler, uma procuradora de sua equipe. Eu a conhecia como Liz.

No fim das contas, o processo foi demorado, e o pacote que finalmente entreguei era bastante extenso. Então esperei. E esperei. Eu estava tão nervosa que roí todas as minhas unhas. Depois de cerca de um mês, fui informada de que precisaria fazer uma entrevista e um teste. Ainda bem que marcaram a data para dali a

algumas semanas, pois isso me deu tempo para estudar como uma louca.

O Serviço de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos me deu um livrinho para ler e um CD para ouvir. Eu ouvia aquele CD todo dia no meu carro, quando ia e voltava do trabalho. No serviço, estudava durante minhas pausas. Foi bom ter meus amigos e colegas ao meu lado. Eles me ajudavam a estudar, repassando as perguntas do livrinho. Eram cem perguntas no total. Só dez seriam feitas no teste de cidadania, mas eu não sabia quais, então estava determinada a aprender as respostas de todas.

A ajuda dos amigos foi importante, pois eu não tenho uma memória muito boa. Enquanto outras pessoas normalmente conseguem ler algo e memorizar imediatamente, eu preciso repetir muitas vezes até gravar. Acredito que isso seja outro efeito residual do meu tempo de pobreza no Egito e da minha época de escravidão. Meu cérebro não teve a oportunidade de ser educado durante minha infância, quando está mais apto a aprender. Em vez disso, ele aprendeu técnicas de sobrevivência, que também são importantes. Mas, para se sair melhor na sociedade de hoje, as pessoas precisam aprender a estudar. As pessoas precisam aprender a aprender.

Como estudar é difícil para mim, fiquei aliviada ao ver que algumas das questões no teste de naturalização eram bem simples, tais como: “Quem foi nosso primeiro presidente?” – George Washington. “Onde fica a capital do nosso país?” – Washington. “Em que dia celebramos nossa independência?” – 4 de julho. Mas algumas eram mais complicadas. Eu não tinha ideia de quantos senadores nós tínhamos. Cem. Quem foi o presidente durante a Grande Depressão? Franklin Roosevelt. Como chamamos as dez primeiras emendas na Constituição? Declaração de Direitos dos Estados Unidos. Se tanto o presidente quanto o vice não puderem mais exercer seus cargos, quem se torna presidente? O presidente da Câmara dos Deputados.

Meus amigos ficaram surpresos que eu tivesse de aprender tudo aquilo, pois eles mesmos não sabiam todas as respostas. Se você quiser se divertir, pode ir ao site dos Serviços de Cidadania e Imigração dos Estados Unidos, procurar o teste de naturalização e checar quantas perguntas consegue acertar!

Outra parte do teste tinha a ver com a escrita. Eu já estava falando inglês fluente, mas escrever ainda era um desafio. Fiquei feliz em saber que a maior parte do teste era oral.

No dia em que faria minha entrevista e meu teste para cidadania, entrei no meu carro e, imediatamente, peguei o sentido contrário da estrada. Eu estava indo encontrar a Liz em um escritório do governo em Riverside, na Califórnia, que nem era muito longe. Eu já havia ido a Riverside inúmeras vezes. Ter me perdido mostra o quanto estava nervosa.

Felizmente, liguei para a Liz várias vezes para avisar onde estava, e ela me ajudou a encontrar o rua e o prédio. Ficar perdida piorou meu estado de nervos. A carta que eu havia recebido com informações sobre o compromisso dizia claramente que eu deveria chegar no mínimo 15 minutos adiantada. Não só aquilo não aconteceria, como também eu iria chegar pelo menos 15 minutos atrasada. Aquilo era motivo para a entrevista ser cancelada.

Se a entrevista fosse cancelada, eu ficaria arrasada. Tinha esperado e sonhado durante anos em me tornar cidadã norte-americana, e agora lá estava eu lutando contra as lágrimas enquanto dirigia freneticamente pelo centro de Riverside. Meu estômago estava revirando e eu não conseguia nem respirar. Minha asma pode ser induzida pelo estresse, por isso eu torcia para que não tivesse uma crise asmática antes de chegar lá.

A Liz estava calma no meio daquela tempestade. Ela manteve o pessoal da imigração informado sobre a minha hora estimada de chegada e os convenceu a manter a entrevista. Que alívio! Quando finalmente cheguei, a Liz me ajudou a passar pelo detector de

metais e me levou à recepção para me registrar. Tive apenas alguns minutos para me acalmar até uma mulher me chamar para ir à sua sala. Liz me deu um sorriso confiante enquanto eu caminhava para o teste mais importante da minha vida.

A mulher foi simpática, mas me senti bastante intimidada. Antes de sentar, precisei ficar de pé diante dela, levantar minha mão direita e concordar em dizer a verdade durante todo o teste e entrevista. Quando sentei, estava tremendo.

Precisei levar comigo os originais de todos os meus documentos. Ela checou isso primeiro. Depois, tive de assinar várias papeladas antes de passarmos à solicitação que eu havia enviado meses antes. Ela fez perguntas sobre dados que eu havia colocado ali. Mas eu já sabia antes, pela Liz, que aquela mulher estaria testando minha compreensão do inglês e minha habilidade para falar. Saber a língua é só uma das exigências para a cidadania. Minhas aulas de reforço de inglês valeram a pena. Essa era uma parte do teste que eu sabia que ia passar.

Então, o teste de fato começou. Eram três partes. A primeira era um teste oral sobre a história e o governo dos Estados Unidos. Das dez perguntas que ela me faria, eu teria de acertar seis. Quando eu acertasse a sexta, ela pararia de perguntar, mesmo que não tivesse completado as dez. Eu estava nervosa e não lembrava os detalhes, mas acho que sabia as respostas de todas as perguntas que ela me fez. Talvez tenha errado uma delas; acho que ela fez umas sete perguntas.

A segunda parte era o teste de leitura de inglês. A mulher colocou uma frase na minha frente para eu ler em voz alta. Moleza! A terceira e última parte era escrever uma frase que ela me ditou. Aquilo foi mais difícil. Minha mão tremia enquanto eu lutava para segurar a caneta. Escrevi devagar e cuidadosamente. Eu olhava para as palavras no papel, resistindo ao meu impulso de corrigi-las. Então entreguei o papel.

A mulher olhou para ele e escreveu algo em suas anotações. Ela então assinou outro papel e me entregou, dizendo:

– Parabéns por se tornar uma cidadã dos Estados Unidos.

Levou um segundo para eu processar o que ela havia dito. Quando me dei conta de que tinha passado em todos os testes comecei a chorar. Meus anos de escravidão não tinham sido em vão. Minha escravidão tinha me trazido para este grande país, e agora eu era uma cidadã, com todos os direitos e privilégios. Eu poderia até votar! Bem, eu poderia, tão logo passasse pela minha iminente cerimônia de cidadania e fizesse o Juramento de Lealdade aos Estados Unidos.

Quando voltei à recepção, onde estava Liz, senti uma onda de alívio. Tinha acabado. Era o fim das minhas horas de estudo e dos meus meses de receio de não passar, ou de que o governo descobrisse alguma regra obscura que me impedisse de conseguir a cidadania. Estava finalmente livre, como todo mundo. Havia pagado um alto preço pela minha liberdade. Agora eu poderia fazer planos reais para começar a ajudar as pessoas a encontrar a liberdade delas.

Paralelamente ao fato de que agora as portas estavam abertas para que me tornasse policial ou agente da ICE (ou as duas coisas), precisei renunciar à minha cidadania do Egito. Eu não tinha mais nenhuma obrigação com aquele país, e sentia que o último laço que me prendia a ele foi cortado.

Acho que Liz estava tão feliz quanto eu. A primeira coisa que ela fez foi me levar a uma loja de departamentos próxima dali e comprar uma moldura para que eu colocasse meu certificado de cidadania. Eu sabia que isso estava além do seu trabalho como minha advogada, e a agradeci pela gentileza. Mas ela ainda tinha mais um presente. Fomos almoçar em um restaurante bacana.

A escolha do restaurante foi engraçada, pois foi em um restaurante daquela mesma rede em que fui com minha família adotiva quando finalizamos o processo de adoção. Tinha sido ótimo

antes, e agora eu e Liz estávamos tendo outro momento maravilhoso celebrando minha cidadania.

Como o restaurante era no caminho da minha casa, fui dirigindo meu próprio carro e seguindo Liz. Na minha pressa para entrar no prédio e fazer meu teste, eu tinha esquecido o celular no carro. Quando fui checá-lo, havia quase uma dúzia de ligações de amigos, querendo saber se eu tinha passado. Eu era abençoada; não dava para ter amigos melhores que os meus. Alguns deles tinham até ligado ou mandado mensagem mais de uma vez, de tão ansiosos para ouvir as novidades. Eles não sabiam que eu tinha me atrasado para o teste e estavam morrendo de curiosidade para saber o que tinha acontecido.

A primeira ligação que fiz foi para Daniel. Ele estava muito feliz por mim, e percebi pela milésima vez como ele era especial. Ele planejou, então, sair mais cedo do trabalho e me levar para jantar. Minha ligação seguinte foi para Amber. Sem a bondade e a generosidade que ela e sua família tinham demonstrado, não sei o que teria sido de mim. Eu quase podia vê-la pulando de alegria.

Havia tantas pessoas para ligar, incluindo Teresa, Karla e PaNou, que acabei mandando uma mensagem de texto em grupo. Tudo que eu disse foi: EU PASSEI!

Duas pessoas para quem não liguei foram minha mãe e meu pai adotivos, mas do nada, naquela noite, Steve me ligou. Naquela época, nossa comunicação não era regular, mas nos falávamos um pouco.

– O que você está fazendo?

Quando contei a ele que estava comemorando por ter passado no meu teste de cidadania, ele ficou bastante bravo por não tê-lo chamado. Eu não tinha contado a ele que faria o teste naquele dia, nem o convidado para celebrar comigo e meus amigos.

Eu sabia bem por que tinha feito isso. Embora tivesse dado crédito a Steve por estar tentando melhorar as coisas e estabelecer um bom relacionamento com seus filhos, e ainda que eu o tivesse

deixado ficar em minha casa por vários meses durante e após seu divórcio, eu ainda estava muito zangada por causa do meu dinheiro. Ele e Patty tinham gasto dezenas de milhares de dólares do meu dinheiro sem a minha permissão e, mesmo tendo passado muitos anos, nenhum dos dois havia feito qualquer tentativa para me pagar. Eu era cordial com ele, era até incentivada a isso pelos esforços dele em ser um bom pai, mas achava que minha raiva era justificada.

•••

Fiz meu juramento e me tornei cidadã dos Estados Unidos oficialmente em uma quinta-feira, dia 15 de dezembro de 2011. Naquele dia, vesti-me cuidadosamente com uma camisa e calça social pretas que acentuavam um par de brincos longos e um colar com pingente, ambos de prata. Meu cabelo, longo e escuro, estava solto. A sombra azul do meu olho combinava com minha bolsa.

A cerimônia foi realizada no clube de campo Quiet Cannon, em Montebello, na Califórnia, a leste de Los Angeles. Amber e Teresa me levaram de carro e Mark nos encontrou assim que chegamos. Dei um forte abraço nele. Sabia que, sem ele, eu não teria alcançado aquilo.

Quando entrei no imenso salão, me entregaram uma pequena bandeira norte-americana, que guardo até hoje. Havia aproximadamente 900 de nós, recém-cidadãos, mas o salão estava ocupado por muito mais gente. Além das pessoas sendo naturalizadas e seus muitos amigos e familiares, havia um grupo de fotógrafos e câmeras de televisão. Eu sei que havia muitas pessoas interessantes se tornando cidadãos naquele dia, mas a única pessoa na qual os jornalistas estavam interessados era eu.

Desde que A Mãe e O Pai tinham sido condenados, em 2006, virei notícia muitas vezes. Os veículos de comunicação do sul da Califórnia, como o *Los Angeles Times*, o canal de televisão KTLA, o jornal *Orange County Register*, a agência de notícias Associated

Press e muitos outros, advogaram pela minha causa e usaram minha história para conscientizar o público geral sobre o tráfico humano. Eu conhecia vários repórteres que estavam na cerimônia – já havia dado entrevista a eles no passado. Além dos meus dias de escravidão e detalhes do meu resgate, os repórteres estavam interessados em quase tudo que eu tinha feito. Da adoção à minha formatura no Ensino Médio e às minhas palestras, parecia que sempre havia uma câmera apontada para mim ou que um repórter estava esperando para falar comigo.

Na maior parte do tempo, eu não ligava. Sabia que, quanto mais pessoas soubessem da minha história, maior seria a chance de outra pessoa mantida em escravidão ser resgatada. Naquele dia eu recebi com prazer os jornalistas. Estava tão animada que nada conseguiria estragar minha felicidade. Nada.

Por fim, as vozes e a agitação no salão se acalmaram e nós sentamos. Logo depois, um juiz federal entrou. Fiquei de pé, e ali, com quase 900 outros, fui declarada uma cidadã naturalizada dos Estados Unidos. Depois disso, todos aplaudiram e meus amigos me encheram de carinho.

Quando as câmeras me cercaram, eu disse aos repórteres:

– Passei por algo terrível, mas agora estou em um lugar fantástico. Não consigo imaginar algo mais incrível do que ter minha própria vida.

E aquilo era verdade. Quando você é um escravo, sua vida pertence a outra pessoa. É uma coisa inimaginável para muita gente, e estou feliz que seja assim. Torço para que, em breve, ninguém mais tenha que passar pela atordoante sensação de perda, frustração, cansaço, fome, palavras de humilhação e agressão física que eu passei.

O dia da cerimônia de cidadania foi o melhor da minha vida. Ter vindo de uma situação de extrema pobreza e sido vendida como escrava não me deu nenhuma sensação de pertencimento. Depois de ter sido transportada pelo oceano e colocada em vários grupos e

lares de acolhimento em diferentes cidades, acabei sentindo que não fazia parte de nenhum lugar. Agora, eu tinha um país para chamar de lar.

Mirando o futuro, acredito que um dia me tornarei policial ou agente da Polícia de Imigração e Alfândega, a ICE, e espero passar o resto da minha vida podendo ajudar pessoas a saírem da escravidão. Percorri um longo caminho e sei que vou atravessar a linha de chegada.

CAPÍTULO DEZESSETE

Quando cheguei aos Estados Unidos, poucas pessoas me viram ou mesmo sabiam da minha existência, já que eu havia sido mantida quase sempre dentro de casa. Mas, com o passar do tempo, comecei a levar os gêmeos dos meus raptores ao parque do outro lado da rua e, mais tarde, à piscina. Com exceção da mulher asiática que me olhou de um modo peculiar, acredito que ninguém tenha achado que havia algo de estranho a meu respeito. Mas deveriam.

Hoje, dezenas de milhares de pessoas são retidas contra a própria vontade aqui nos Estados Unidos. Alguns são empregados domésticos, como eu era. Muitos outros são forçados a trabalhar no campo ou em fábricas, ou até a realizar atividades ilegais ou sexuais. Se não fosse por uma pessoa preocupada, eu poderia ainda estar vivendo como escrava. Eu não sei o que essa pessoa viu que a fez pegar o telefone e avisar a polícia sobre mim, mas poderiam ser várias coisas. Seja qual tenha sido a razão, eu sou grata a ele ou ela por ter feito algo em vez de ficar sentado, pressupondo coisas a meu respeito.

No caso de você suspeitar de alguém que tenha visto, aqui vão algumas coisas específicas que devem ser procuradas, além de se informar sobre a quem ligar e o que dizer. Basta uma única ligação para colocar em ação as medidas que podem resgatar alguém como eu.[5] Lembre-se, no entanto, de que pequenos sinais estão dentro de um contexto muito maior, então tenha cuidado para não pressupor coisas e compartilhe sua preocupação com um adulto confiável.

Se a pessoa que você suspeita ser escrava estiver na rua e em público, uma das coisas que deve ser observada é a roupa. Se reparar em uma pessoa que está vestida com roupas que não são do tamanho dela, pareçam antigas e muito mais sujas do que as das

pessoas que estão em sua companhia, isso pode ser um sinal de que aquela pessoa é vítima de tráfico humano.

Quando eu morava com meus raptores, minhas roupas eram sempre de segunda mão. Com frequência, elas não eram do meu tamanho e, como eu era proibida de usar a máquina de lavar, nunca estavam limpas como deveriam. Mas as roupas em si não bastam como evidência, uma vez que, para muitas pessoas, elas não são importantes, e outras não têm condições de comprar roupas melhores. Eu via gente rica fazendo compras vestida de pijama na loja onde eu trabalhava. Portanto, a roupa não é a única peça desse grande quebra-cabeça.

Outra indicação de que alguém pode estar vivendo como escravo é o seu nível de atividade em comparação às pessoas que a acompanham. Se alguém está malvestido e também não participa das atividades junto com as pessoas ao seu lado, então isso pode ser outro sinal de aviso. Especialmente se essa pessoa age de maneira submissa às outras.

Embora tivesse ido ao lago Big Bear, à Disneylândia e ao SeaWorld com a família dos meus raptores, eu não podia participar das atividades como seus filhos. Eu não podia ir aos brinquedos ou nadar com os golfinhos. E, quando compravam comida ou suvenires, nunca davam nada para mim.

Eu nunca era levada a uma loja, mas, se fosse, eu carregaria os pacotes, enquanto meus raptores não levariam nada. Eu teria andado atrás d'A Mãe e mantido minha cabeça baixa. Ao ar livre, em um lugar como um parque, uma pessoa mantida em escravidão pode precisar levar água para os seus raptores que estão jogando futebol. Ela pode ainda ter de juntar os pertences de todo mundo e carregá-los até o carro, enquanto o resto das pessoas está fazendo um piquenique.

Se você vir uma pessoa malvestida que parece estar em uma situação de submissão, outro bom indicador é o seu comportamento. Uma pessoa mantida em escravidão tem uma

conduta totalmente diferente de alguém com um emprego. Um escravo olha para baixo, mesmo quando fala com alguém. É diferente de uma pessoa tímida. Ele costuma ter uma expressão triste e uma aura de derrota no modo como se porta. Seu jeito de andar e sua postura são diferentes das pessoas ao seu redor. Ele se mantém distante e, normalmente, só se aproxima quando chamado.

Se eu visse alguém agindo de maneira assustada ou intimidada, especialmente em relação a certas pessoas, eu prestaria especial atenção, pois era exatamente assim que eu me comportava quando estava com A Mãe e O Pai, ou com qualquer um daquela família. Ficava sempre apavorada em fazer, ou não fazer, algo que me levasse a receber um tapa na cara.

Ter sido chamada de “garota estúpida” por muitos anos afetou minha autoestima. Palavras podem ferir e, quando se costuma ouvir palavras ofensivas dirigidas a você por um longo período de tempo, algo dentro de você começa a acreditar nelas. Por isso, o modo como eu andava e minha postura indicavam minha total submissão à família dos meus raptores.

O modo de falar das pessoas é outro sinal. A maior parte das pessoas escravizadas aqui nos Estados Unidos foi trazida ilegalmente de outros países. O escravo pode não entender inglês, por isso as pessoas à sua volta falam com ele em outra língua. Se você se aproximar e fizer uma pergunta, ele talvez olhe para você de maneira assustada ou confusa, e outra pessoa, talvez um raptor, responda em seu lugar. O raptor talvez diga que a pessoa é surda, autista, tem algum distúrbio de fala ou que vem de outro país e está lá para uma visita – qualquer coisa para desviar seu interesse e suspeita.

Logo no início, aprendi que não deveria falar nunca a não ser que me perguntassem algo, e então eu deveria apenas responder a pergunta ou indicar que havia entendido a ordem. Qualquer outro tipo de comunicação poderia me fazer receber um tapa. Bater papo, nem pensar.

O grupo de pessoas que estão junto é outro indicador de que há alguma coisa errada. Os outros falam com a pessoa de um jeito rude ou dando ordem? Eles sempre excluem a pessoa da conversa? Essas pessoas agem de modo a parecerem folgadas e esnobes? Elas agem como se fossem superiores aos outros? Caso sim, eles poderiam ser como A Mãe e O Pai. Eles poderiam ser raptores e responsáveis pelo crime de tráfico humano ou por reter alguém contra sua vontade.

Nunca encontrei alguém que agisse de maneira tão cheia de vontades e metida como A Mãe. Nada era bom o suficiente para ela, e ela deixava isso claro para todos que estivessem na casa, mesmo quando amigos da família passavam alguns dias lá. Raptores costumam achar que são mais merecedores do que as outras pessoas, e essa atitude se reflete em tudo que fazem.

Manter horários estranhos é outro indicador. Acredito que a pessoa que ligou para falar de mim deve ter me visto várias vezes lavando a louça tarde da noite. Se você vir uma criança fora do horário normal, ou em um lugar onde ela não deveria estar, ou fazendo algo que uma criança não deveria fazer, isso é um sinal de alerta. O mesmo vale para adultos. Atividades estranhas em horários estranhos devem ser observados.

O último grande sinal é a fala da pessoa. Não a língua – embora não saber ou não falar a língua local seja um indicador –, mas o modo como ela fala é importante. Se a pessoa que você pensa ser uma escrava não olha nos seus olhos quando você ou outras pessoas falam com ela, se ela murmura ou parece ter medo quando lhe fazem uma pergunta, isso pode indicar algo de errado.

No dia em que fui resgatada, eu sabia três palavras em inglês: “oi”, “golfinho” e “meia-irmã”. Hoje, acredito que meus raptores intencionalmente impediram qualquer coisa que me permitisse aprender a língua, pois o conhecimento do inglês poderia me trazer poder. Algo que os raptores fazem bem é manter seus escravos sem qualquer poder.

É importante saber que nenhum desses fatores, seja individualmente ou em conjunto, necessariamente significa que uma pessoa está vivendo em cativeiro. Há muita gente que se enquadra em todas essas condições e que não está em situação de trabalho escravo. Mas pode estar. É possível que esteja, e esse fato é crítico. Se você acha que alguém está nessa situação, você tem de decidir o que fazer. Vai fazer a coisa certa ou a errada? Se você não fizer nada quando aquela pessoa precisa da sua ajuda, isso é uma tragédia. Talvez você seja a única esperança da pessoa. Talvez só você tenha percebido que algo está errado. Você pode ser a pessoa que vai mudar a vida de alguém para melhor.

Por outro lado, se agir e descobrir-se que se trata de alguém feliz, saudável, que interaje de livre vontade com aqueles com quem ele vive e trabalha, então a única coisa perdida terá sido um pouco do seu tempo e do tempo de alguns profissionais da polícia local e da assistência social. Embora, muitas vezes, esses departamentos estejam abarrotados de trabalho e sofram com falta de pessoal, minha experiência mostrou que ajudar alguém a sair da escravidão é algo que essas pessoas com certeza gostariam de fazer.

Se você não tem certeza se alguém está nessa condição, uma conversa particular com pessoas em que confia é sempre uma boa ideia. Se está cercado de pessoas boas, então muito provavelmente elas darão um bom conselho. Caso não esteja, procure alguém confiável: um professor, um orientador, um líder da comunidade (como um pastor) ou um amigo da família.

Quando achar que é hora de agir, o primeiro passo é ligar para o número de não emergência da polícia local. E então dar ao operador um breve resumo da situação. Você pode dizer algo como:

– Acho que meus vizinhos estão envolvidos com tráfico de pessoas, pois eu tenho visto regularmente uma criança trabalhando na casa até altas horas da noite. Essa criança nunca vai para a

escola e, nas raras vezes em que a vi no quintal, ela agia como se não entendesse ou falasse a língua deste país.[6]

Essas palavras devem ter sido parecidas com as usadas para chamar atenção para o meu caso. Não é preciso falar muito e você pode permanecer anônimo, se quiser.

Quando fui salva, eu não tinha ideia de que funcionários do governo planejaram meu resgate por semanas. Tudo que soube na época foi que algumas pessoas apareceram na casa e uma delas me tirou de lá. Eu não sabia que planos detalhados tinham sido feitos cuidadosamente, considerando imprevistos. Se O Pai dissesse isso ou aquilo, os policiais teriam feito uma coisa. Se A Mãe estivesse em casa (como de fato estava), eles também se moveriam para outro lugar específico da casa. Todas as possibilidades estavam previstas para tornar meu resgate o mais seguro possível.

Eu estava muito apavorada quando me resgataram. Durante anos me disseram que, se a polícia aparecesse para me buscar, coisas terríveis aconteceriam, coisas muito piores que as que eu vivia no meu cotidiano. Além do mais, aconteceriam também coisas ruins com minha família no Egito. Por isso é que eu estava tão desconfiada e com tanto medo de admitir qualquer coisa aos meus libertadores sobre as circunstâncias em que eu vivia. Dez anos depois eu ainda demoro para confiar nos outros, e talvez seja assim para sempre. Muitos escravos libertos são assim. Eles não sabem em quem confiar e, como eu em determinado momento, não sabem nada sobre imigração e sobre o sistema jurídico.

A vida de escravidão pode ser tudo de que a pessoa consegue se lembrar. Ela pode ficar assustada por viver fora do cativeiro e não saber qual será seu destino. Ela precisa de tempo. No meu caso, só depois de estar cercada por aquelas pessoas boas que gentil, constante e consistentemente me perguntavam como eu estava e se eu precisava de algo, é que consegui baixar minha guarda.

Mark Abend era uma dessas pessoas. Ele agia como se parecesse preocupado, e com o tempo eu percebi que ele estava mesmo. Mas um ex-escravo não chega a essa conclusão rapidamente. Ele não pode ser pressionado. Vai chegar a essa conclusão no tempo dele. Talvez nem coopere no começo. Se tiver a sorte de ter ótimas pessoas em torno, como eu tive, então vai se convencer. Mais cedo ou mais tarde.

Depois de ser libertada e ter tempo para pensar, tomei uma decisão. Eu sabia que poderia escolher uma entre duas opções. Eu poderia me tornar uma fonte útil para os meus libertadores e seguir com minha vida, ou me fechar em mim mesma e me tornar uma vítima. Eu queria uma vida completa. Queria viver, deixar meu passado no passado, portanto, só havia uma alternativa. Deus também fazia parte da minha decisão. Senti em meu coração que Ele tinha trabalhado duro para que eu fosse salva, então eu precisava honrar o trabalho d'Ele e fazer o máximo que eu pudesse na vida. E eu fiz.

Mais de 17 mil escravos são trazidos aos Estados Unidos todos os anos. E nunca foram resgatados tantos como atualmente. Por isso, é importante saber que um escravo resgatado pode aparecer em sua escola, local de trabalho ou vizinhança. Essa pessoa vai precisar de muito amor, carinho e paciência.

Se o seu caminho se cruzar com um ex-escravo no âmbito jurídico, profissional ou pessoal, espero que você compreenda que talvez ele não queira falar sobre o assunto. Em vez de forçar, seja tolerante. Seja gentil e atencioso. Acima de tudo, seja um amigo, pois você pode ser o único que essa pessoa recém-resgatada tem.

Tenho sorte de ter encontrado amigos maravilhosos que viraram minha família substituta. Eles podem ser poucos, mas valem por muitos, e eu confio neles completamente. Isso é algo que eu não conseguiria fazer alguns anos atrás. Eu olho para minha vida agora e tudo que vejo é um futuro no qual farei ainda mais para acabar

com o tráfico humano. Se este livro levar a pelo menos um resgate, meu tempo de escravidão vai ter valido a pena.

Acredito que para tudo na vida há uma razão, um propósito. Sei que o meu é ajudar a dar um fim permanente a esse terrível crime. Você também pode ajudar. Com seus olhos e ouvidos vigilantes, todas as crianças e pessoas poderão levar a vida incrível que elas quiserem. Eu não apenas acredito que isso *pode* acontecer. Eu acredito que isso *vai* acontecer.

EPÍLOGO

Um dia antes de fazer o teste de cidadania, descobri que estava grávida. Imagina a minha tensão! Eu já estava nervosa em fazer o teste. Muita coisa dependia da minha cidadania. De um jeito ou de outro, eu iria ajudar os agentes da lei a pegar outros criminosos envolvidos com tráfico humano e também auxiliar gente que era mantida em escravidão, como eu fui. Mas, primeiro, eu precisava me tornar cidadã dos Estados Unidos.

O teste já era estressante o suficiente; e saber que estava grávida deixou minhas emoções à flor da pele. Meu relacionamento com Daniel tinha ficado bastante sério, mas, como muitos outros jovens, nós não tínhamos planejado aquela gravidez. Eu estava preocupada com a reação que ele teria e ansiosa pensando em como a gravidez afetaria minha artrite reumatoide.

Amber foi a primeira pessoa para quem liguei. Ela foi à minha casa e fizemos cinco testes de gravidez diferentes para ter certeza absoluta. Todos deram positivo. Agora que eu sabia que um bebê estava a caminho, Amber me ajudou a focar na questão mais imediata: passar no teste de cidadania. Eu continuaria grávida depois dele, portanto, poderia lidar com meus sentimentos sobre isso depois. Nós passamos o resto da noite estudando.

No dia seguinte, percebi que Amber estava certa. Depois que passei em meu teste, levei um tempo para conseguir entender o que estava acontecendo no meu corpo. Naquela época, Daniel e eu estávamos namorando havia nove meses. Ainda estávamos tentando resolver como seria nosso futuro a longo prazo. Como o bebê iria afetar isso? Fiquei pensando.

Minha gravidez é a prova de que o único método anticoncepcional infalível é a abstinência, por isso espero que os rapazes e as garotas que estiverem lendo este livro considerem isso antes de deixar seus hormônios e sua paixão juvenil os dominarem.[7] Um

bebê é uma responsabilidade cara – algo que muda sua vida, toma seu tempo e impede você de ter momentos divertidos com seus amigos. Mas logo de cara eu soube que estava disposta àquilo. Eu ia ficar com o meu bebê.

Parte da minha decisão se baseava no fato de que eu não queria fazer com meu filho ou filha o que meus pais haviam feito comigo. Eu não conseguia conceber a ideia de outra pessoa criando o meu filho. Naquele momento eu sabia que, mesmo que fosse ter uma carreira como agente da lei, agora minha vida seria sempre dedicada ao bem daquela criança.

Eu estava muito nervosa em relação à minha potencial competência para ser mãe, pois não tive muitos modelos positivos de mãe para me inspirar. Mas Amber, Teresa, Karla, PaNou e muitas outras amigas me fizeram entender que tudo que eu tinha de fazer era agir com amor. O amor é que guia o instinto materno e o que leva uma família adiante. Ah, mas também tive ajuda de alguns livros para pais!

Não contei nada a Daniel por semanas, pois demorei para processar aquela pequena surpresa. Também fui ao médico antes de contar a ele. Assim eu saberia todas as informações que teria de lhe passar. Quando dei a notícia, Daniel passou pelas mesmas emoções que eu, incluindo choque, nervosismo e medo.

Além de começar a lidar com a ideia de ter um bebê em nossas vidas, nós tínhamos ainda que resolver o que seria de nós. Tínhamos decidido que, quando o contrato do meu aluguel vencesse, eu iria morar com ele. Daniel tinha comprado recentemente um apartamento de três dormitórios. Ele não tinha nenhuma mobília ainda, então, quando eu mudasse com a minha, a casa ficaria ótima.

Quando eu estava no quarto mês, já havíamos nos acostumado à ideia de criarmos juntos nosso bebê. A família de Daniel daria uma força, assim como minhas amigas. Comecei a me acalmar com a questão da minha habilidade para ser mãe e do meu futuro com

Daniel como um casal. Na consulta do quarto mês, eu e Daniel ficamos maravilhados quando vimos o formato da nossa garotinha no ultrassom. Ficamos olhando para a imagem do monitor por um longo tempo... Era a nossa bebê!

Algumas pessoas já me falaram das escolhas sábias que fiz nas minhas amizades. Meus amigos me dão muito apoio. Qualquer coisa que preciso, não importa o que seja, eles estão lá para ajudar. Daniel também. Ele é mesmo “um em um milhão” e começou a se tornar um pai ativo muito antes de Athena nascer. Ele leu muitos livros sobre gravidez e bebês, e sobre se tornar um pai. Ele ia a todas as consultas médicas comigo, e era gentil e atencioso nos dias em que eu não estava me sentindo bem.

Muitas mulheres com artrite reumatoide acham que seus sintomas diminuem durante a gestação. Para mim foi assim. A maioria dos sintomas estava lá, mas não no mesmo grau de antes da gravidez ou depois que nossa bebê nasceu. Eu não queria fazer nada que pudesse fazer mal a Athena, então parei de tomar todos os meus remédios para AR. Tomei apenas uma dose de esteroide durante toda a gravidez, pois a dor e a rigidez me atacaram feio a ponto de eu não aguentar, mas tirando isso, e até que eu parasse de amamentar, meu tratamento foi só com banhos quentes e caminhadas.

O nascimento de Athena estava previsto para o dia 23 de julho de 2012, mas a indução do parto precisou ser marcada, pois ela estava ficando muito pesada para minhas pernas com artrite. Daniel e eu havíamos decidido desde o início que queríamos criar nossa filha para ser uma mulher forte, que tivesse liberdade para expressar suas ideias e pensamentos. Não precisávamos nos preocupar com aquilo, pois ela já estava assumindo o comando. Estávamos a caminho do hospital para fazer a indução do parto, quando minha bolsa estourou. Nossa bebê ia nascer seguindo suas próprias regras.

Muitas horas depois, eu segurava nosso pacotinho de alegria de três quilos e 200 gramas. O olhar de puro amor no rosto de Daniel era indescritível, e eu estava tão dominada pela emoção que mal conseguia respirar. Estávamos entusiasmados em ver como era nossa bebê. Fiquei contente em reconhecer as bochechas de Daniel e o meu nariz. Athena era a perfeita combinação de nós dois.

Deixando meus receios de lado, descobri que amo ser mãe. Se tenho um defeito, é aninhar demais Athena em meus braços. Eu nunca quero largá-la. Sou totalmente apegada a ela, mas ela também é apegada ao seu papai. Daniel se revelou um grande pai. Ele cumpre mais do que sua cota na troca de fraldas e ama cuidar dela tanto quanto eu. Nós dois queremos o melhor para Athena, por isso começamos a guardar dinheiro para sua faculdade.

Por causa de Athena, minhas prioridades na vida mudaram e se tornaram mais bem definidas. Tudo que faço agora na vida é deixá-la fora de perigo, segura e feliz. Mas, por causa dela, quero me tornar uma policial ou agente da ICE mais do que nunca. Quero mostrar à minha filha que as mulheres podem fazer a diferença nas áreas onde é mais necessário mudar. Quero fazê-la entender que, além de construir um maravilhoso lar, ela pode ser uma mulher ativa, produtiva e bem-sucedida fora de casa. A melhor maneira de lhe mostrar isso é dando o exemplo. Além do mais, a última coisa que quero é que Athena seja a menina intimidada, submissa, ingênua e sem instrução que eu fui. Athena pode ter adiado meus objetivos sobre ser agente da lei por um ano ou mais, mas eu *vou* chegar lá.

Quero que Athena tenha a noção de família que eu perdi. Ela tem avós maravilhosos do lado do pai, além de tias, tios e primos carinhosos. Embora não exista uma família biológica do meu lado, minhas amigas Amber, Teresa, PaNou, Karla e muitos outros tornaram-se minha família. De acordo com a minha definição, “família” são as pessoas que amam e apoiam você

independentemente de qualquer coisa, e essas pessoas são assim para mim.

Eu não sei por que minha vida foi tão dura e injusta como foi, mas nossas experiências – boas e más – dão forma para as pessoas que nos tornamos. Hoje sou completamente feliz e aguardo com expectativa os anos maravilhosos que estão por vir ao lado da minha família e dos meus amigos. Eu também aguardo ansiosa para colocar alguns raptores atrás das grades. Se você é um traficante de pessoas, fique atento. Estou me preparando para ir atrás de você. Eu sei que, em algum momento, será colocado um fim na terrível prática da escravidão. Espero que o mais rápido possível. Com a ajuda e o apoio de todos, talvez meu sonho se transforme em realidade.

1 No original, a expressão usada é *indenture servants*. *Indenture* é um contrato de trabalho por tempo determinado, feito em troca de sustento (casa, roupa, comida), ou como forma de pagamento de custos com transporte (passagens internacionais), por exemplo. (N.T.)
2 Visto de permanência para imigrantes concedido pelo governo norte--americano. (N.T.)
3 Uma versão simplificada do beisebol, praticada com mais frequência por mulheres. (N.T.)
4 Nesta passagem, Shyima refere-se à Primavera Árabe, uma onda de protestos civis ocorridos a partir de 2010 em países do Oriente Médio e Norte da África, entre eles, o Egito. (N.E.)
5 No Brasil, há procedimentos específicos para esse tipo de denúncia. O site do Ministério Público do Trabalho (http://portal.mpt.gov.br) apresenta diversas informações sobre trabalho escravo e dá orientações de como denunciá-lo. Para denúncia de trabalho infantil, consulte o site da Unicef (www.unicef.org/brazil), que apresenta os procedimentos e uma lista de órgãos e instituições que podem ser acionados. (N.E.)
6 No caso do Brasil, conforme apontado em nota anterior, muitos procedimentos são diferentes. Antes de fazer uma denúncia, busque informações nos órgãos especializados. (N.E.)
7 Essa é a opinião pessoal de Shyima. Ela expressa a visão da autora, tendo como base sua experiência e história de vida. Atualmente, existem diversos métodos anticoncepcionais – a camisinha é um deles, e que também previne as doenças venéreas. No Brasil, as camisinhas são acessíveis a toda a população e podem ser adquiridas gratuitamente nos postos de saúde. (N.E.)

Receita de Mahshi Warak Areesh (Charutos de folha de uva)

Ingredientes

½ kg de folhas de uva frescas
1½ xícara de arroz cru
2 xícaras de carne moída ou picada, de preferência de cordeiro
1 tomate médio picado (opcional)
1½ colher (chá) de sal
½ colher (chá) de pimenta
½ colher (chá) de canela
2 xícaras de água fria
2 tomates médios fatiados
2 cabeças de alho
Vários ossos (aproveite os ossos da carne que foi moída)
8 dentes de alho amassados com sal
½ xícara de suco de limão
1 colher (chá) de hortelã seca

Modo de fazer

Amoleça as folhas de uva, mergulhando-as rapidamente em água fervente com sal. Reserve-as.

Lave o arroz e misture-o com a carne, o tomate picado, sal, pimenta, canela e ½ xícara de água fria.

Recheie uma folha por vez: coloque uma colher de chá do recheio no meio de cada folha. Depois, dobre as extremidades sobre o recheio, dobre dos lados para o meio, e enrole, apertando bem, para formar um charuto de cerca de 7 cm de comprimento.

Coloque uma camada com as fatias de tomate, os alhos inteiros, os ossos, e os dentes de alho amassados com sal no fundo de uma panela de pressão.

Cubra tudo com os charutos recheados, colocados lado a lado em camadas.

Acrescente o suco de limão e sal a gosto.

Adicione o restante da água. Cozinhe na pressão por 12 minutos.
Tire do fogo e deixe a pressão sair.
Abra a panela e cozinhe em fogo baixo com a panela destampada, até o molho engrossar.
Prove o molho. Se necessário, coloque mais suco de limão e sal, depois deixe as folhas esfriarem no molho.
Escorra o molho em uma tigela.
Retire os charutos um a um e disponha-os em uma bandeja. Cubra-os com o molho. Sirva frio.
Dica: se possível, prepare com um dia de antecedência, pois o prato fica ainda mais saboroso.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Polícia de Imigração e Alfândega (ICE) e às pessoas atenciosas de lá por terem me resgatado. Se não fosse por elas, talvez eu ainda estivesse vivendo na escravidão. Agradeço a Lisa Wysocky (minha coautora), Sharlene Martin (minha agente literária), Zareen Jaffery (nossa editora), e à Simon & Schuster, editora que nos publicou originalmente, por terem ajudado a contar minha história. Por último, mas jamais menos importante, preciso fazer um agradecimento especial a pessoas queridas – Athena, Daniel, Karla, Amber, Teresa e PaNou – por terem demonstrado inúmeras vezes o quanto me amam e se importam comigo. Amo vocês.

Shyima Hall

Shyima Hall é uma jovem admirável que venceu adversidades espantosas para se tornar a pessoa forte e independente que é hoje. Quero agradecer a ela por ter dividido sua história comigo e, por fim, com você. Agradeço imensamente à agente literária Sharlene Martin, da Martin Literary Management, por ter sempre se esforçado ao máximo; ao investigador Mark Abend, pelo cuidado ao confirmar detalhes da vida de Shyima; e a Daniel Uquidez, Amber Bessix, Teresa Bessix e Karla Pachacki, que foram extremamente solícitos. A Zareen Jaffery e a todos do selo de livros juvenis da Simon & Schuster: este livro jamais existiria sem vocês. O tráfico de seres humanos nos Estados Unidos (e em todo o mundo) é um problema sério e crescente. Por meio de Shyima, espero que você se torne mais consciente dessa prática terrível e que compartilhe a história dela com outras pessoas.

Lisa Wysocky

Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo "Assunto".

Conheça-nos melhor em
vreditoras.com.br
facebook.com/vreditorasbr